

Concurso
literário
médicos do Paraná 2018

Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Concurso Literário

médicos do Paraná 2018



Associação Médica do Paraná
Conselho Regional de Medicina do Paraná
Academia Paranaense de Medicina
SOBRAMES - PR

Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

1ª Edição
Curitiba 2018
CRM-PR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pitaki, Sérgio Augusto de Munhoz

Concurso Literário Médico do Paraná / Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki. -
Curitiba : 2018.

272 p.

978-85-92804-06-0

1. Poesia
2. Contos

Coordenação e Edição

Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Diagramação

Letícia Ferreira/Vicente Design

Capa

Letícia Ferreira/Vicente Design

Gráfica

Capital

Revisão

Caibar Pereira Magalhães Júnior

Realizadores



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

Prefácio





Mensagem da Associação Médica do Paraná

Neste ano, adotamos o *origami* como pano de fundo da edição.

O *origami* data do Período Edo, na cultura japonesa. É uma arte popular que usa a dobradura do papel no formato quadrado para criar objetos. Quando realizamos um *origami*, além de criar formas, adicionamos resistência que cada vez mais fortalece a estrutura.

Sofremos reveses. Vencemos obstáculos. Somos resilientes. Isso impede que aceitemos a e que nos dobremos frente à vida dura do dia a dia.

A passagem do tempo causa em todos nós as marcas do envelhecimento. Na face, no corpo, na alma. São nossos *origamis* pessoais, nossas marcas da vida. Nossos troféus.

À semelhança do *origami*, a arte milenar da medicina sofreu, através dos séculos, mudanças e evoluções que dobraram e redobram nosso conhecimento, fortalecendo fortalecendo nossa incessante busca pela qualidade de vida.

Estamos com mais uma edição do Concurso Literário, com textos e versos inspirados por médicos artistas, cuja agradável leitura enriquecerá o dia a dia.

Mais uma vez a medicina é uma arte e arte é a medicina.

Boa leitura.

Dr. Nerlan T. G. de Carvalho
Presidente

A MEDICINA SOB O OLHAR DA ARTE

A fazer versos aqui uma claque
M édicos escrevendo sua poesia
P rescrevem amor sem recalque

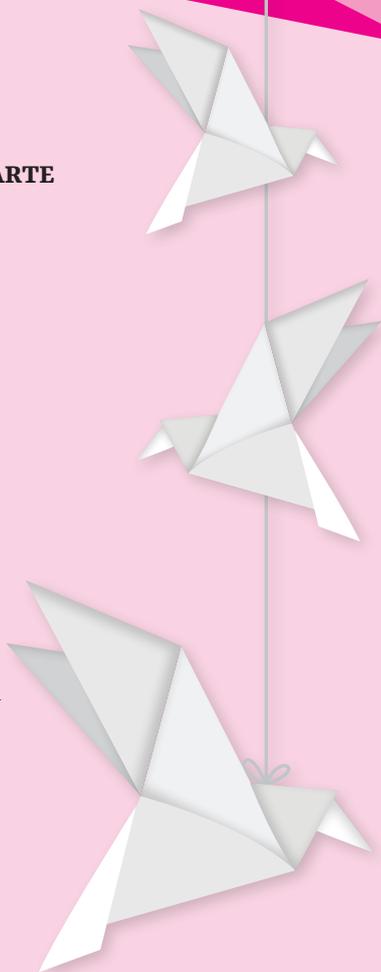
C om talento, carinho e maestria
R evelam talento e doce sotaque
M ostram cultura com sabedoria

S uas rimas estão em destaque
O utro certame ora nos beneficia
B ela obra, versos de um craque
R imas precisas, o que nos delicia
A nimados de novo pelo Pitaki
M uito mais ainda se prenuncia
E que novo sucesso emplaque
S ensibilidade assim se acaricia

Wilmar Mendonça Guimarães

Vice-Presidente do CRM-PR e

presidente no período de 1º de fevereiro a 30 de setembro de 2018.



**Mensagem do Conselho
Regional de Medicina
do Paraná**

A arte começa onde termina o poder científico. E a ciência sem arte é um presente sem embalagem. De outro modo, ciência sem arte é o mesmo que educação sem cultura. Aliás, inteligência sem consciência não é arte, esta que nos diferencia como seres humanos. A reflexão do mestre nos permite entender que a Medicina é uma profissão maravilhosa, capaz de transformar coisa ruim em boa, de transformar sofrimento em aprendizado e crescimento pessoal. Extrair dessas vivências entusiasmo e inspiração para compor mensagens poéticas ou de sabedoria apreendida são a essência deste certame literário que, em sua terceira edição, não deixa dúvida do engrandecimento cultural que representa.

Reavivando palavras do nosso antecessor, Dr. Wilmar, o concurso fortalece os laços das entidades representativas da classe médica sob a inspiração literária e a linguagem de nossos médicos e estudantes, em legítimo exercício da Medicina enquanto arte. Independentemente da seleção que se faz para premiar trabalhos e incentivar novas participações, todas as obras são relevantes por oferecerem um pouco da alma, do espírito altruísta, de fatos imaginados ou vividos por nossos colegas ou futuros colegas. Este compartilhar, certamente, nos fará pessoas melhores e mais sensíveis.

Cumprimentos a todos os autores das obras que dão vida a este livro e aos representantes das instituições parceiras, a Associação Médica do Paraná, a Academia Paranaense de Medicina e a Sobrames/Paraná. Complementa a nossa mensagem um acróstico da lavra do poeta e conselheiro Dr. Wilmar Mendonça Guimarães.

Dr. Roberto Issamu Yosida
Presidente do CRM-PR



A Academia Paranaense de Medicina, nos seus trinta e nove anos de existência, no decurso de várias diretorias, tem a satisfação de mencionar que seus confrades participam de atividades científicas e culturais. Assim, mais uma vez, a área médica é partícipe do Concurso de Contos e Poesias, brilhantemente coordenado pelo Acadêmico Titular Doutor Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki, nosso Diretor de Publicações, que, ao idealizar o Concurso Estadual de Contos e Poesias, proporciona aos médicos paranaenses a oportunidade de mostrarem suas capacidades de escritores.

Portanto, este Concurso inclui nossa Academia na relação das Associações de Classe que divulgam a cultura literária do nosso país.

Finalmente, parabenizamos todos os acadêmicos e médicos que contribuíram com esta edição.

Acadêmico Titular Doutor Avelino Ricardo Hass
Presidente da Academia Paranaense de Medicina

Mensagem da Academia
Paranaense de Medicina

Editorial Presidente da sobrames regional PR

“Prezado amigo Sérgio Pitaki,
Considero o concurso não como uma rinha,
mas uma plataforma de trabalho onde se expressam
o sentimento, carinho, amor, tristeza, traumas, precon-
ceitos, indiferença, alegria e vitória contra as doenças.
Não uma disputa de palavras, mas uma conjunção
de opiniões, trazidas em texto, servindo para todos os
profissionais, independente de classes.”

Lutfala Farah - CRM PR 1009

Medicina não é ciência. Medicina é Arte.

Os desdobramentos científicos e farmacológicos dos séculos XIX e XX impingiram-nos, de forma agressiva, a Medicina Científica. Com isso, a relação médico-paciente foi relegada a uma virtual e obscurantista forma de tratar.

O diagnóstico de saúde e doença, de forma mecanicista, atualmente deflagra, *sine qua non*, a perda da autenticidade da individualização do paciente ou o conhecimento profundo do indivíduo em questão. Assim, passa a não ser mais o principal motivo da existência do médico e da Medicina, mas sim do que move a indústria farmacêutica, do diagnóstico por imagem e de grupos que controlam o negócio “Medicina”, no qual o médico passa a ser o interlocutor ou o intermediário entre as partes.

O sofrimento humano e a equação saúde/doença são desqualificados nessa forma atual e futura da prática médica, tornando-se incerto e obscuro no diagnóstico e tratamento.

A Ciência é uma das ferramentas importantes utilizadas pela Medicina no seu mister.

Creio que fica explícito e patente esse sentimento nos poemas e contos no Concurso Literário Médicos do Paraná, patrocinado pelas entidades médicas do nosso Estado, na sua edição 2018.

A preocupação do médico é pura e legítima. Está na raiz de seus estudos e na sua íntima vinculação com o futuro.

Como coordenador, recebi de vários autores comentários sobre nossa iniciativa e sobre a relevância e magnitude desta obra. A citação em epígrafe foi escolhida por mim por ter sido escrita por um colega médico com a experiência de muitos anos. Esse seu olhar sobre o Concurso nos torna mais responsáveis pela sua realização, incentivando novos médicos a integrarem-se e crescerem através da literatura.

Com absoluta certeza, há muito que aprender!

Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Coordenador do Concurso Médico Literário do Paraná 2017

Presidente SOBRAMES Regional Paraná



Sumário

- ▶ Mensagem do Presidente da AMP04
- ▶ Mensagem do Presidente do CRM05
- ▶ Mensagem do Presidente da Academia Paranaense de Medicina07
- ▶ Mensagem do Coordenador e Presidente da Sobrames PR.08

Índice por autores (ordem de envio dos trabalhos):

- ▶ Ana Larissa Teruko Arimori
"Cáimbra no coração"17
- ▶ Caio César Silva de Castro
"Afiei a faca na ponta da língua"18
- ▶ Jordan Zanetti Silva
"Tanto"19
- ▶ Paulo Fabrício Nogueira Paim
"Autoexame"21
- ▶ Luiz Antônio da Silva Sá
"A alegria de um povo; a tristeza de um homem"22
- ▶ Carlos Augusto Sperandio Junior
"Carta ao médico de amanhã"26
- ▶ Sérgio Augusto Rocca
"Eu sou a dor"27
- ▶ João Carlos Simões
"Reflexões para um estudante de Medicina"29

- ▶ Roberto Pirajá Moritz de Araújo
"A árvore de minha rua"31

- ▶ Paulo Roberto Sbaraini
"Para Joana Monteiro"34

- ▶ Valéria Cristina Scavasini
"Meningioma em placa"35

- ▶ Andréa Vianna Carvalho
"Primeiros voos"36

- ▶ José Jacyr Leal Jr.
"Feriados, mães e médicos"38

- ▶ Ângela Cirlei Grzelczak
"A pirueta da vida"40

- ▶ Hi Kyung Ann
"Coisas de berço"42

- ▶ Raquel Lautenschlager Santana Proença
"O miserável"44

- ▶ Gilmar Mereb Chueire Calixto
"O velho Pequeno Príncipe"46

- ▶ Jéssica da Silva Longo
"Luana"49

Freepik

▶ Gilberto Carlos Macedo “Divisão”	50	▶ Deraldo Mancini “Com açúcar e com afeto”	74
▶ Cloves Soares de Lima “Doços de mamãe”	52	▶ Alexandre Curi Ferraro “Batalha perdida”	76
▶ William Amorim de Almeida “Rufino e Elvira”	53	▶ Úrsula Bueno do Prado Guirro “Senhor D”	77
▶ Rafaela Sayuri de Oliveira Suzuki “A árvore de corda”	57	▶ Mariane Corbetta da Silveira “Tanto amor”	78
▶ Olídio Vaz Primo “Minha Musa”	58	▶ Sérgio Luiz Schloegel de Azambuja “Adágio”	80
▶ Carlos Frederico Almeida Rodrigues “O vendedor de sonhos”	59	▶ Carlos Homero Giacomini “Sinfonia da existência”	82
▶ Matheus Jürgen Riepenhoff “Nihil matéria médica”	61	▶ Jeanine Berbel “Meu nome é Felicidade”	85
▶ Juliane Nery “Efeito amor esponsal”	63	▶ Paola Figueiredo Mylla Todeschini Alves “Só tenho uma língua, mas sou bilíngue”	87
▶ Lucas de Oliveira Bramante “Menino do sorriso torto”	65	▶ Suelen dos Santos Henrique “Expectativas do ofício”	89
▶ Fábio Silveira “Uma história real do amor genuíno no transplante de órgãos”	66	▶ Edu Giacomini “Insônia”	90
▶ Lutfala Farah “É pagante?”	69	▶ Eduardo Alcantara Quidigno “Mania: soneto para ler em alta velocidade”	92
▶ Túlio César Xavier Ravelli “Aqui na selva”	70	▶ Renata Kozlowski Bekin “Entregar-se”	93
▶ Ana Flávia Fillus Tinós “Sua carta”	72		

- ▶ Marcos Antônio da Silva Cristóvam
“A camisa mágica”95
- ▶ Nelson de Andrade Oliveira
“O outro do médico”97
- ▶ Cyro Jardim
“Estou triste”99
- ▶ Isabelle Luvizott da Silva
“Para o meu pai”100
- ▶ Marco Antonio da Silva
“Desculpas de um médico”102
- ▶ Yuki Rezende Shibata
“Três mortes em uma”105
- ▶ Cesar Iria Machado
“Paliar é viver”107
- ▶ Amanda Quaresma Hoffmann
“A vida após a outra”108
- ▶ Cláudio Luciano Franck
“A casa e a sombra”109
- ▶ Mariana Queirós Longo
“No Politécnico”111
- ▶ Amanda Ferreira Rêgo
“Nem tudo está perdido”113
- ▶ Sidney Giroto
“O médico lobisomem”115
- ▶ João Bosco Strozzi
“A grande virada”117
- ▶ Débora Kureski
“Soneto de fim da indiferença”120
- ▶ Vanessa Santos Canossa
“Ser-no-mundo”121
- ▶ Jaqueline Doring Rodrigues
“Um piscar de vida”122
- ▶ Mônica Jaques Spinosa
“A festa”125
- ▶ Sílvia Yumi Yamamoto Miashiro
“Paz”126
- ▶ Richard Handerson Mendes Duarte
“O homem estátua”127
- ▶ Valdir de Paula Furtado
“A bruxa”129
- ▶ Adriana Rodrigues da Silva Utida
“Fé”132
- ▶ Edmilson Mario Fabbri
“Idas e vindas”133
- ▶ Lorivaldo Minelli
“Sentimentos”134
- ▶ Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv
“Deus”136
- ▶ Aysla Rinaldo
“O silêncio subterrâneo”138
- ▶ Mateus Luz Ruela
“Ó Santa Terezinha”140

▶ Lorena de Freitas Calixto “No coração do mundo”144	▶ João Guilherme Bochnia Küster “Medicina”166
▶ Marcus Vinicius Keche Weber “Paternidade”146	▶ Georges Kotsifas “Cavalgando”168
▶ José de Jesus Lopes Viegas “Um dinheiro diferente”147	▶ Igor Vasques “Minha morte”171
▶ Lucas Pereira de Moraes “Só saudade”148	▶ Laoane Guimarães “Escolho servir”172
▶ Marilene Madsen “Manoela”149	▶ Anna Gisele Souza Maldonado “Minha casa”174
▶ Cláudia Cabral Dettmer “Verdadeiramente”152	▶ Jessi Elen Souza Maldonado “Caminho”175
▶ Junia Smal Staehler. “Unidade”154	▶ Fábio Bueno Netto “A alta da RTU”176
▶ Mariana Cozer Siviero “Dona Maria do Carmo”155	▶ Simone Jéssica Souza Maldonado “Laços”180
▶ Juliana de Andrade Fronchetti “Adversidades no Jardim”156	▶ Giovanna Daneluz de Brito “Prazo de validade”181
▶ Jeferson Puppi Wanderley “Sonhos e realidade”158	▶ Antônio Caetano de Paula “Morro do Farol”182
▶ David Esmanhotto “Alice”159	▶ Denner Sampaio Neri da Silva “Os mistérios da Lua”184
▶ Aurélio Marcos Ribeiro “Chegou a tua hora”160	▶ Aluísio Augusto Belmino Gadelha “A morte”186
▶ Ribamar Leonildo Maroneze “O conto de Ícaro”163	▶ Wilma Brunetti “Consciência”187

- ▶ Manoela Mário Martin
“Ele já sabia...”188
- ▶ Laura de Souza Genta
“Haja coração”190
- ▶ Laércio Lopes de Araújo
“Durmo ou vivo um pesadelo?”194
- ▶ Álvaro Baptista Neto
“Sem por quê”196
- ▶ Helena Lúcia Zidan Sória
“Até ontem”198
- ▶ Léo Max Feuerschuette Neto
“Breve eternidade”200
- ▶ Cristiane Crema da Rocha
Schneckenberg
“Arrumando as malas”202
- ▶ Matheus Yamasaki Bissoqui
“Padrinho”204
- ▶ Márcio Fabiano Chaves Bastos
“Se houvesse um
deus da poesia”205
- ▶ Matias Nicolas Pereira Beiras
“Busca”207
- ▶ Augusto César da Silva“
“Ensaio dionisíaco sobre a morte de
uma cigarra”208
- ▶ Fernando Augusto de Oliveira Ganzella
“A lenda da rosa e da neve”211
- ▶ José Luiz Pinto Pereira
“O menino e a fazenda”213
- ▶ Rodrigo Hiromu Kumagai
“O rei das latinhas”216
- ▶ Marcelo Araújo Wilinski
“Tourada sevillana”218
- ▶ Eduardo Mischiatti
“O termo de uma paixão”220
- ▶ Larissa de Andrade Lima Barbosa
“Poema anônimo”222
- ▶ Bruna Fernanda de Castro
“Eu e Ela”223
- ▶ Carlos Magno Guimarães
“Remorso”224
- ▶ Élio Luiz Mauer
“A voz”225
- ▶ Anna Paula Bueno Haurani
“Morreu de Saudades”227
- ▶ Diogo Von Gaevernitz Lima
“Tempo”229
- ▶ Marco Aurélio de Freitas Rodrigues
“Crônica de um
transplante renal”231
- ▶ Pedro de Souza Lima Abramovic
“Pequena crônica em Lisboa,
Portugal”233

▶Alexandra Pires Grossi “Anamnese”.....	236	▶Hernande Leite “O desaparecimento de Clara”.....	252
▶Lincoln Fabrício “Livrai-nos do mal”.....	239	▶Elisa Cristina Correia Mota “Fez-se o parto”.....	255
▶Emily Moreira Leal “Amargo”.....	240	▶Lara Macagnan “Meditação”.....	258
▶Caroline Perez Lessa de Macedo “Romance”.....	242	▶Lídia Jagnow Guerra “Metástase em primeira pessoa”.....	259
▶Emerson Schindler Junior “Palpitação”.....	244	▶Wilson da Costa Cidral “Imortalidade”.....	260
▶Eduardo Santoro Luiz “Ritmogenia”.....	245	▶Reginaldo Werneck Lopes “Primavera”.....	262
▶Paola Isabela Jacobowski “Ensaio da Vida”.....	246		
▶Jorge Tadashi Daikubara Neto “A folha”.....	248		
▶Nereu Hugo Pacheco Loures “Grito de liberdade”.....	249		

**Dr. Professor Roberto Antonio
Carneiro, MD, PHD**

Professor Livre Docente da Faculdade de Medicina da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Fellow em Reumatologia da Cornell
University - New York

Membro da Academia Brasileira de Médicos Escritores,
da Academia Paranaense de Medicina, da Academia Na-
cional de Medicina, da Academia Brasileira de Medicina de
Reabilitação, e do Membro do Círculo
de Bandeirantes da Pontifícia Universidade Católica de
Curitiba, e da Academia Brasileira de Reumatologia.

Cidadão Honorário da Cidade de Curitiba e da Cidade do
Rio de Janeiro



Dr. Marcelo Salomão

Marcelo Lopes Salomão

Advogado com especialização na área da saúde – Direito Médico
Unicuritiba/2009-2011

Advogado da Associação Médica do Paraná

Membro da Comissão Organizadora do Concurso de Monografia do
CRM/PR, de 2011 a 2016.



Gerson Zafalon Martins

Formado em Medicina pela UFPR (1971), é especialista em Pneu-
mologia e Tisiologia, além de perito judicial. Foi professor da Fepar,
conselheiro do CRM-PR por cinco gestões consecutivas (1988-2013) e
ocupado a presidência (2007-2008). Representou o Paraná no Conse-
lho Federal de Medicina (1999-2014), sendo editor da Revista Bioética e
um dos organizadores do livro "Caminho do Diálogo: uma experiência
da Bioética no ensino fundamental". Atualmente, integra as câmaras
técnicas de Bioética, Informática em Saúde, Medicina Legal e Perícias
Médicas e de Morte Encefálica do CFM, é membro da Associação dos
Amigos do HC e 3º vice-presidente da Sociedade Brasileira de Bioéti-
ca. (CRM-PR 3066)

Cãimbra no coração

Ana Larissa Teruko Arimori

- ▶ Acadêmica de Medicina – FEPAR – 3º Período
Curitiba - PR

Aconteceu que ontem senti uma dor
O aperto no peito
Quando contei pro cardiologista
Coloquei os casos e coisas
E veio o diagnóstico:
“Cãimbra no coração”, ele disse
“Isso acontece muito nessa idade
Amamos e queremos tão intensamente
Que a exaustão do músculo causa
Essa pontada no peito.”
“E como se trata, doutor?”
“Faremos assim:
Vamos tirar um tempo
Eu penso
Pra olhar o pôr-do sol
Do topo do morro do Canal
Sem ninguém pra te cobrar
Só pra olhar
Olhar com você
E ver:
A vida não se limita.
A vida se cria.
Você é vida.
Você não se limita.
É tudo.
Vale.
Muito.”

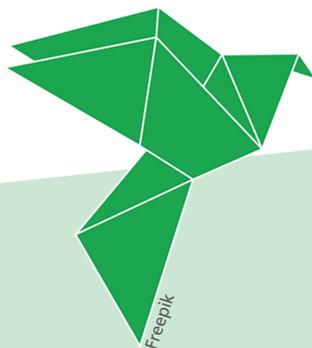
Afiei a faca na ponta da língua

Caio César Silva de Castro

CRM-PR 12957

Dermatologia

Curitiba - PR



Afiei a faca na ponta da língua,
para subjugar todos improperios,
cujas respostas ficaram à míngua,
não respondidas desde o batistério.

Igual a um neófito em novilíngua,
interei-me de todos os mistérios,
que me ativaram as defesas da íngua,
e me ocuparam os dois hemisférios.

Por um minuto tive engenho de rei,
do limbo tirei e dele então desfiei
frases feitas, de destemor, mas laxas,

o que nem com pedras na boca fiei.
E tudo, a fórceps, voltou como lei,
só verbalizadas a ferro e graxa!

Tanto

Jordan Zanetti Silva

- ▶ CRM-PR 14457
- ▶ Clínica Médica
- ▶ Curitiba - PR

Para Khati

Uma vez vi uma menina loirinha, bem loirinha mesmo, cabelos lisos e brilhantes. Linda mesmo! Uma princesa livre, sentada num chão a pensar, sozinha. Imaginei no que essa menina loirinha pensava ali sentada no chão. Com quem ela falava, balbuciando entre risos e suspiros? Por vezes parava e mexia as mãos delicadas, levava-as ao rosto, virava e voltava a falar o que eu não entendia. Pareceu-me que tudo o que ela aprendia nos dias usava totalmente no seu dia, no próximo ato, em profusão, como nos mostrando a própria vida, porque ela era feita de vida pura na sua forma mais intensa: aquela vida que nos amplia. Falava a nós em palavras inocentes que pareciam quase preces. E eram. Palavras de anjos, com os quais falava e junto voava, levando-nos. Por isso, a sentíamos tão próxima, por estarmos guardados dentro dela. Essa menina, hoje, pensa e nos pensa, nos inventa, recriando-se a cada segundo que descobre novas cores e gestos, sabores e pessoas. Descobrimo o nosso mundo, nos desvenda, ao mesmo tempo em que nos mostra os caminhos e monta os seus.

E ela, a menina princesa de loiros cabelos, em vez de precisar de auxílio, proteção e cuidados, nos cuida, nos vive. Naquele momento em que a vi sentada sozinha e loira, sua mãe, bela também, a admirava de longe, como que imaginando seu futuro, louvando seu mais puro fruto, vendo a vida passar por ela, entre ela, como um sorriso belo de paz, um sopro, um cheiro. A candura desse momento, mágico como só a existência pode ser, traduziu em nós os gestos da menina e suas palavras. Ela nos ensinou muito sobre a brevidade e o tempo, sobre a inocência e o amor, sobre a simplicidade e o olhar.

Naquela hora, depois de observá-las por um tempo que se eternizou em olhares e lágrimas, compreendi e presenciei mais um milagre, assim como é um amanhecer e um pôr do sol. A mãe, de tanto ensinar, virou filha e a filha, de tanto, tanto, virou mãe. Elas se amavam. E eu as amei muito para sempre.



Freepik

Autoexame

Paulo Fabrício Nogueira Paim

CRM-PR 19782

Acupuncturatria

Curitiba - PR

Me palpo no escuro,
médico e paciente,
cientista e gente.
Dois caras cabreiros,
amigos, parceiros,
sem medo um do outro,
um chora, o outro mente.

Entendem a raiz
de todo problema,
mas burlam o alarme
de toda canseira.

Temo: o tempo infalível
não brinca, não volta, não mente,
devolve o veneno que amarga
sem dó nem piedade,
implacavelmente.

Em dois, a sós, o lado que palpa
pergunta ao meu lado doente:

- Será que tu sentes
o mal que procuras,
sofrendo as mil dores
das almas que curas?

A alegria de um povo; a tristeza de um homem

Luiz Antônio da Silva Sá

CRM-PR 14043

Geriatria/Medicina da Mente

Curitiba - PR

Abril de 1998. Sábado dia 18. Fim de tarde. Cidade de Ipumirim, de 4.000 habitantes, situada no meio oeste de Santa Catarina. No canto de um bar, solitário, com o olhar perdido em alguma direção, sentado em uma mesa com um copo de pinga em uma das mãos e um cigarro na outra, jazia num triste quadro, Manuel Francisco dos Santos, meu ídolo e de muitos milhões de brasileiros, conhecido internacionalmente como Garrincha, "o anjo das pernas tortas", "o mágico da bola" e principalmente "alegria do povo", que, com seus dribles desconcertantes e suas brincadeiras, levava os torcedores ao delírio, encantando a todos.

Enquanto eu o admirava, muito se passou em minha cabeça, de tantas lembranças e recortes de revistas e jornais que eu tinha dele.

Herói de duas copas do mundo, em 1958 e 1962, sendo que nessa última, praticamente foi o grande responsável pela conquista brasileira, além de inúmeras vitórias pelo Botafogo, clube que defendeu de 1957 a 1966, no qual teve seus maiores momentos como gênio do futebol. Passou por outros clubes grandes e pequenos, porém sem o mesmo brilho de outrora.

Garrincha foi considerado o mais habilidoso jogador que já existiu em todos os tempos, pois sua capacidade de driblar e envolver seus

adversários era impressionante. Em 1998, foi escolhido para a seleção de todos os tempos da FIFA.

Mesmo na Seleção Brasileira, Garrincha nunca abandonou sua forma irreverente de jogar. Voltava a driblar o jogador oponente no mesmo lance, ainda que desnecessariamente, só pela brincadeira em si, levando a plateia à loucura.

Muito simples e sem instrução, sendo considerado o segundo melhor jogador do mundo, atrás apenas de Pelé, e jogando o que jogou, não conseguiu fazer fortuna, sendo explorado pelos dirigentes para jogar mesmo sem condições, principalmente nos tempos do Botafogo, com infiltrações frequentes em seus joelhos que padeciam de dor, devido à artrose acentuada. Jogava, encantava e a artrose piorava cada vez mais.

Sua história de decadência começou no final dos anos 60, depois de Mané não conseguir dar grande contribuição à seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966. Garrincha deixou o Botafogo e peregrinou por vários clubes, sendo uma pálida figura de tempos passados, até o fim de sua vida profissional em 1972.

Daí começou a perambular pelo Brasil, junto com outros ex-jogadores profissionais em excursões caça níqueis, na qual ele sempre foi a atração e estrela principal, em espetáculos ao mesmo tempo bonitos e tristes, num time chamado ironicamente de “Milionários”, que de milionários tinha apenas a alegria e o futebol maravilhoso. E foi com esse time que fui encontrá-lo nesta pequena cidade que dista 11 km da cidade de Arabutã, na qual fui médico por 17 anos.

Voltando a mim, todos os devaneios, fui célere em sua direção, com a emoção de um fã ao ver seu grande ídolo. Encontrei-o quieto fumando e tragando um gole de cachaça. Percebi uma tristeza muito grande que o envolvia. Com os olhos inchados e olhar perdido, ele não estava muito a fim de conversa. Preferia ficar isolado no seu mundo. Não arranquei muitas palavras dele.

Creio que já devia estar cheio de conversar com estranhos. Fiquei um instante quieto, vendo e admirando sua figura.

Só esboçou um sorriso e alguma animação quando os outros jogadores foram chegando e foi um desfile de craques que jogaram pela seleção brasileira, e que eu jamais imaginei poder vê-los pessoalmente todos juntos. Djalma Santos, Djalma Dias, Ademar, Cafuringa, Dudu, Roberto, Paulo Borges, Tarciso e tantos outros, além do famoso massagista Mário Américo. Não pude mais chegar perto dele.

No dia seguinte, o dia do grande confronto com o time local, diante de uma plateia de mais de 5.000 torcedores, começou o jogo.

Garrincha entrou em campo..., mas tristemente pouco pôde fazer, pois além de sua forma física não ser das melhores, o jovem lateral que o marcou estava disposto a não o deixar jogar. Nas poucas vezes em que estava com a bola, a torcida ovacionava-o e ele mal saía do lugar. Ficou até o fim do primeiro tempo. Não voltou mais e ficou só assistindo ao jogo.

Aí vem o lado interessante. Diante dos milhares de torcedores, foi realizado o sorteio de sua camisa, autografada por ele, e também por todos demais os jogadores e, por sorte, eu fui o ganhador.

Finalmente tive a oportunidade de chegar perto do meu grande ídolo, trocamos umas palavras, darmos um forte abraço e receber de suas mãos aquela camisa que conservo até hoje com muito carinho.

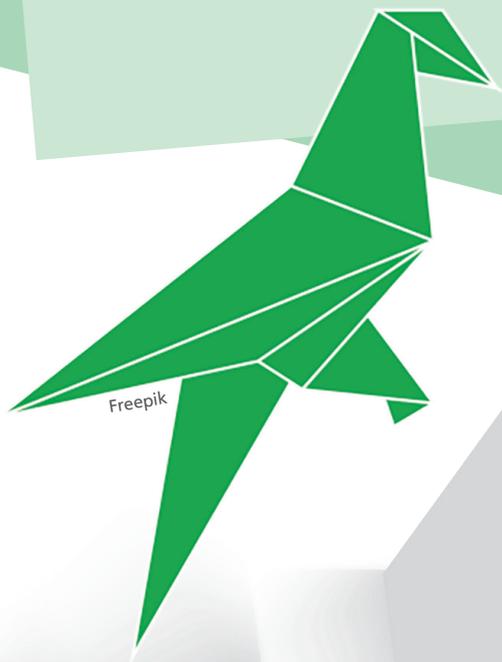
Nunca mais o vi.

Fiquei sabendo pela imprensa, quase cinco anos depois, que ele, aos 49 anos, morando no Rio de Janeiro, ficou dias bebendo nos bares da sua vizinhança, voltou para casa, passando mal e foi levado para um sanatório em coma alcoólico, sendo atendido como um bêbado comum, vindo a falecer às seis horas do dia 20/01/1983.

Assim, sem reconhecimento, na pobreza e vítima de cirrose hepática, a nossa grande estrela de primeira grandeza, insubstituível, se apagou definitivamente.

Hoje pouco lembrado pela geração atual, Mané Garrincha, que tantas alegrias deu a todos os brasileiros, jamais será superado pela sua postura em campo e também fora dele, pelas suas célebres tiradas, próprias de sua simplicidade, lembradas em versos, em livros biográ-

ficos e em algum poucos vídeos que nos enchem de contentamento. A “alegria do povo”, o melhor ponta-direita da história do futebol, mesmo com suas pernas tortas, deveria ser sempre reverenciado e jamais ser esquecido.



Carta ao médico de amanhã

Carlos Augusto Sperandio Junior

CRM-PR 19.295

Geriatría

Curitiba - PR

Pergunta introdutória provocativa: o amanhã, aquele dia que um dia cedo ou tarde chegará, lhe traz algum tipo de preocupação quanto à sua ocupação como médico?

Vive-se a revolução digital. Embora já haja colegas médicos totalmente nascidos na era da internet, a maioria ainda guarda memórias de como lidar com um mundo sem ela.

Estilo de vida totalmente diferente era aquele tal de analógico. Passavam-se meses ou até anos para se descobrir a resposta para uma dúvida simples, pois os mecanismos de busca de dados eram jurássicos – Que nada! Eram na verdade somente o que se tinha 30 anos atrás...

Hoje não se retém a informação. O mais valioso é saber procurá-la. E o curioso é que logo mesmo essa habilidade de mais nada valerá. Existirá - amanhã! - o conhecimento gerado integralmente por meios artificiais.

Screening, processamento, diagnóstico, prognóstico e um passar bem (este programado por algum colega que perdeu o emprego, mas que comprou a tecnologia) realizados por um homem bicentenário.

E, você, caro colega, como se prepara para o mundo *Blade Runner*?

Permita ao autor uma jaculatória aconselhadora: especialize-se em ser o que a máquina jamais será. Saiba olhar, tocar, sentir e inspirar. Seja humano. Ame. Acolha. Trate.

Quando finalmente eles dominarem desta arte, não serão os médicos que perderão o emprego, e sim o mundo que ficará sem a humanidade.

Até lá há chão. Pé firme nele e andando em frente.

Eu sou a dor

Sérgio Augusto Rocca

► CRM-PR 7533

Psiquiatria

Curitiba - PR

Eu sou a dor
e, apesar dos teus conceitos,
instalo-me sempre à procura de alívio.
Dizem que purifico,
mas sou eu que, em ação,
vivo em busca de purificação.

Persistente e lenta, através de alguém,
Sempre almejo encontrar a Luz.

Minha natureza é assim...
teima em encontrá-la no Sofrer.
A mesma Luz que em cada detalhe se espraia,
que vibra em cada cor,
que cega os primitivos olhos e ouvidos
Eu, filha de Deus, também caminho em Sua direção.

Um pouco de alívio já alegra
E acalma meu coração.
(Eu tenho coração!)

Não procuro tronos, méritos, nem citações,
apenas o discreto prazer de estar próximo a Ele
quando uma Porta se abre.

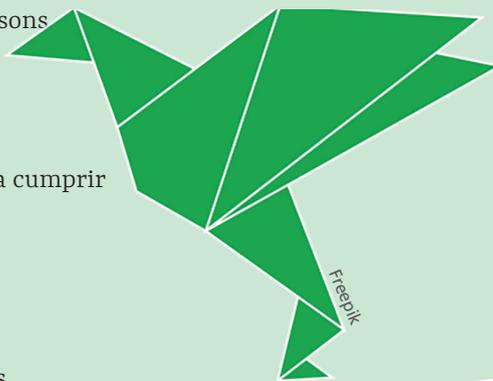
Quando tenho que partir,
minha alma, em oração silenciosa,
agradece ao Criador.

É segredo...
Mas quando assim me desloco
Opera-se em mim um pequeno milagre:

Escuto novas luzes e vejo outros sons
Vibro noutras frequências
em que um dia almejo viver.

Por enquanto tenho um destino a cumprir
e muitos ao melhor levar,
estou sempre em movimento.

Não me confunda:
Eu sou a dor. Nunca fui das Dores.



Reflexões para um estudante de Medicina

João Carlos Simões

▶ CRM-PR 3379

Oncologista

Curitiba - PR

“Medicus quandoque sanat, saepe lenit et semper solatium est”
 (“O médico às vezes cura, muitas vezes
alivia e sempre é um consolo.”)
(Autor desconhecido)

O tempo é inexorável...

Mas ainda estou vivo.

Por isso devo deixar um pequeno legado por escrito.

Para que o estudante de Medicina faça uma reflexão...

Que, mesmo hoje em dia, vale a pena ser médico.

Porque é preciso ajudar as pessoas.

O mais difícil é ser original na mensagem: quase tudo já foi dito ou escrito.

Pena que as palavras não consigam exprimir todo o sentimento e emoção

Deste caminho árduo percorrido ...

A Medicina é a eterna paixão de todos que são vocacionais.

Para fazer medicina é preciso ter curiosidade e compaixão.

Para exercer a medicina é preciso, acima de tudo, ter bondade.

E ser humilde nesta Jornada.

Quantas palavras de desafio cotidiano é preciso o estudante aprender e enfrentar.

A Medicina nunca deveria ser um negócio, e o médico,
Apesar de ter direito a honorários justos,
Mais se beneficia quando ele ajuda os seus semelhantes.
O ponto de partida para tudo na medicina é cuidar das pessoas e
a ética.

Não existe medicina sem ética.

A vida é curta e frágil.

E para cuidar da fragilidade da vida

É que existe o médico.

Em Medicina, é preciso

Cuidar do paciente como se fosse alguém da família.

Sendo professor, ensinar aos estudantes, como se ensina a um filho.

Em Medicina é preciso fazer.

Em Medicina é preciso saber fazer.

Em Medicina é preciso escrever e mostrar que se sabe fazer.

Socializar o seu melhor conhecimento e evidência científica.

Combater o preconceito.

Aprender sempre.

Evitar a iatrogenia.

Repugnar a pressa maligna.

Partilhar da ética.

Humanizar o ato médico.

A árvore de minha rua

Roberto Pirajá Moritz de Araújo

CRM-PR - 1941

Pneumologia

Curitiba - PR

O bairro onde moravam era muito bonito, pacato, pouco movimento nas ruas. Sua casa, dir-se-ia que sobressaía, pois, além de nova, linhas sóbrias e cores claras, mais parecia um pedaço do paraíso. Em seu jardim vicejavam flores de todas as cores e matizes, de todos os perfumes, atraindo abelhas empenhadas em conquistar seu divino pólen. À tarde, dezenas de pássaros – maritacas, bem-te-vis, pardais – enfileiravam-se sobre o muro, esperando pela banana ultramadura ou pelas sementes apetitosas. Até um lindo casal de tucanos apareceu por lá, tirando uma casquinha.

Entretanto, cada vez que Vital ou um dos seus saíam de casa, sentiam que todo este colorido ficava para trás, pois nas calçadas de sua rua não havia nenhum milagre da natureza a enfeitá-las. Sentiam falta de cores. Um dia Vital analisou a rua com os olhos do coração. “Puxa”, pensou, “por que não enfeitar esta rua? Afinal, a alegria das flores contagia a todo aquele que se dispuser a contemplar do belo. Temos que escolher qual das maravilhosas criaturas de Deus enfeitará o canteiro de nossa calçada. E disposto a resolver a questão de um só golpe, procurou uma floricultura. Dentre as centenas de criaturas ali encontradas, escolheria aquela que mais de perto falasse ao seu coração. Sem que esperasse, topou com um pequeno pé de manacá, com duas flores, uma lilás e uma branca, lindas, sobressaindo sobre todas as demais criaturas ali presentes.. “Achei, finalmente, o que queria”, pensou. “Pequena e delicada. Você será nosso enfeite”.

Chegou em casa exultante com a compra. Todos aprovaram a fe-

liz ideia. No dia seguinte o sol nasceu radiante. Um dia especial. E o pé de manacá com suas duas flores foi carinhosamente depositado exatamente onde pudesse ser observada dos vários ângulos de ruas vizinhas. Foi plantado e abençoado.

Podem existir surpresas indesejáveis nesta vida, mas não como a que ocorreu nos dias que se seguiram. Ao sair pela manhã, observaram o canteiro vazio. A criança, tão delicada, havia sido raptada. A rua voltava a ser deserta, novamente sem graça, sem qualquer atrativo. Consternação geral, sem lágrimas, mas com coração apertado.

Família reunida. Decisões a serem encaminhadas. O que fazer. Após longos debates, resolveu-se substituir a criança de olhos coloridos. Mas agora seriam tomados alguns cuidados para que não incorressem em nova decepção. Cuidou-se de buscar um pé de manacá adolescente, maior, com mais flores, capaz de defender-se de malfeitores. Foi plantado com todo um aparato de defesa. Foi construído um arcabouço de ferro e madeira, para que se impedisse toda e qualquer agressão a ser tão delicado. Agora estavam todos seguros de que nenhuma agressão aconteceria.

Puro engano. Alguns dias após, nova decepção com o gênero humano. Havia desaparecido o manacá adolescente e suas flores. Difícil acreditar, mas era verdade. “Não adianta, alguém, enamorado por manacás, ronda nossa casa”, era o consenso geral. Consternados, colocaram no lugar antes ocupado pelo manacá, uma lápide onde se lia: “Senhor Ladrão. Devolva minha plantinha. Já é a segunda, neste mês. Se for vender, pago o dobro.” Não há de ver que, em poucos dias, lá estava o pé de manacá adolescente, com suas flores lilases e brancas, devolvido intacto pelo meliante. Foi replantado, e vicejou exuberante, cheio de pose. Fora reconquistada a alegria na rua. O sol voltou a brilhar intensamente quando sentiu a presença de algo tão especial, tão querido.

Desta vez, então, Vital, em atitude de agradecimento, voltou a colocar uma placa para cantar a alegria que se apossou de todos. Nela se via escrito: “OBRIGADO por devolver a nossa plantinha! Você deixou a rua mais bonita e muita gente feliz”!

E assim termina esta história, demonstrando que ainda há almas sensíveis aos apelos nascidos do coração e expostos com educação.



Para Joana Monteiro

Paulo Roberto Sbaraini

CRM-PR 7678

Cirurgia Geral

Curitiba - PR

Jaboticaba suculenta,
Oh, sofrência turbulenta,
Ama-me definitiva
na cama ou na guarita,
aqui e agora, e vê
se não grita!

Amor de alma
luar pela janela, pensamento aflito
sonhos
juntos, enfim

beijo sua boca
e
nela percebo
o gosto da distância
sonhos
sonhos
sonhos
...

Meningioma em placa

Valéria Cristina Scavasini

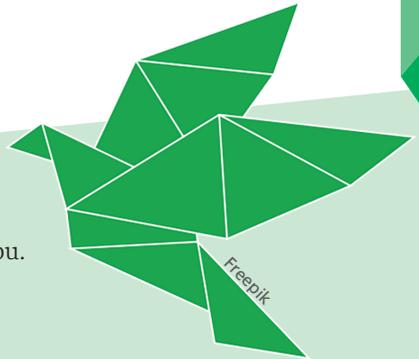
- ▶ CRM-PR 31.679
- ▶ Neurologia
- Curitiba - PR

Começou com ptose unilateral,
E para o outro olho logo se espalhou.
Uma fita na testa ele grudou,
Tentando abrir a fenda palpebral.

Evoluiu em sentido caudal,
Foi quando o masseter atrofiou.
O hábito de mastigar lhe tirou,
Sua fala tornou-se gutural...

Pela tetraparesia acamado,
Internado vários meses ficou,
Na esperança de ir embora curado.

Imagino, no céu, os anjos em festa,
Recebendo o seu Mauro, enfim curado,
Com uma fita crepe ainda na testa.



Primeiros voos

Andréa Vianna Carvalho

CRM-PR 14.730

Ginecologia e Obstetrícia

Curitiba - PR

O pássaro, que ficou por tanto tempo preso, realmente, quando sai pela porta da gaiola aberta, não sabe nem o que fazer. Num primeiro instinto fica parado, extasiado, simplesmente apreciando e caindo em mim, vendo aquele momento transformador, como um rito de passagem.

Foram tantos anos na mesma rotina, no mesmo espaço, nos mesmos limites, no mesmo ir e vir. Na mesma “segurança” que um ninho acolhedor parecia oferecer.

Mas ... quando algo muda e a ave consegue vislumbrar além das grades, além daquele fio invisível que envolvia seu delicado pescoço, ahh...que despertar acontece!

Quão forte, quão intenso! E, justamente com toda essa súbita consciência, vem uma grande avalanche de tristeza e abandono, frustração e impotência...

Afinal, o mundo ali dentro parecia tão bom, tão suficiente. Com a porta que finalmente se abre, vem o confronto, o desafio, como a dizer: Vai! Tem vida lá fora! Confia! Tu tens asas! E, se Deus te deu asas, é para voar!

Só não sabíamos que os primeiros voos seriam tão difíceis, tão assustadores. Logo nós, que conhecíamos de tudo um pouco, que éramos os donos daquele mundo anterior.

A ti, que tem muitas horas de voo a mais que eu, conto com tua benevolência para deixar a pista sinalizada, para evitar que eu pegue rotas erradas.

Naturalmente, como uma ave recém-saída da gaiola, às vezes, erro meus pousos, pois julgo estar em terreno seguro e tenho vontade de ficar um pouco mais para descansar minhas asas que, coitadas, nem sabiam que podiam voar!

Então, tem paciência e delicadeza. Se quero voltar para beber nos teus lagos, é porque é neles que me sinto bem. Se manifesto carinho em tua direção, é porque, espiritualmente, é em ti que posso confiar.

Sem amarras, sem manual de instruções, sem pesos (já os tivemos demais). Só não quero, assim como você, voltar para o lugar onde estivemos presos.



Feriados, mães e médicos

José Jacyr Leal Jr.

CRM-PR 9908

Ginecologia e Obstetrícia

Curitiba - PR

Dois são os seres que mais temem feriados. Mães e médicos de pronto-socorro. As mães porque são sempre escaladas para comprar e fazer comida, limpar toda a sujeira, fingir que está tudo bem..., enquanto o maridão, bacana, ‘assa’ a carne, ‘promove’ o almoço de praia, de campo, cidade..., e acha que faz muito.

Ela terá que preparar salada, arroz, farofa, maionese etc. Depois arrumar tudo, enquanto o ‘meio-bebum’ dorme largado na rede – ou o ‘inteiro-bebum’ descansa estatelado na grama, terra, calçada, sob a rede, o sol, solitário, cheirando álcool, gordura e sal. Ught!

Mais tarde ainda irá querer com ela um sexo romântico e ardente – queimado pelo sol.

Filhos pequenos exigem tudo; os ‘um pouco maiores’ saem e nunca dizem quando ou se voltam... já são sabidos, ‘autônomos’ (ironia).

Enfim, feriado, ‘muito’ legal para tantas mães, heroínas.

Por sua vez, médicos de pronto-socorro sabem que terão dias longos e noites cheias. Cheias de gente embriagada que brigou e levou a pior; que bateu o carro, e todos levaram a pior; que a maionese daquele almoço não estava tão bem assim – e dá-lhe soro na madrugada; nem muito ‘amigo’ o peixe servido naquele enlouquecido e barulhento restaurante lotado de gente suada, coberta de suor, pó ou areia.

Médicos de pronto-socorro também sabem que as baladas são *calientes* demais para alguns adolescentes, jovens que apanham de desconhecidos, de conhecidos, de seguranças e tornam-se notícia no dia seguinte. “Poucos tiros dessa vez, ao menos um esfaqueado, ainda não identificado, que a ambulância foi buscar na *night*”, gritava o jornal pela manhã.

Algumas *overdoses*, muitos *overdrinks*, alguns *downlovers* caídos nas ruas.

Contudo, acredite: mães penam mais que médicos. Porque além do sofrimento descrito brevemente até aqui, elas ardem não apenas pelo sol, que nem conseguiram encontrar, queimam com a dor do amor. Por longas esperas pelos filhos – que acham que sabem tudo, mas não fazem ideia do que enfrentarão nas noites. Mulheres que os médicos conhecem tão bem, quando elas chegam às portas do pronto-socorro com indescritível expressão de desespero.

Aproxima-se mais um feriado. Festa, Alegria, Fantasia..., muita emoção, menos razão. Por favor, soluçam mães, pais, avós..., e médicos, muito, muito cuidado e controle.

Filhos, não deixem acontecer o pior, para só depois valorizarem a si mesmos.

Ajude o ‘churras’ na companhia do pai; ajude a realizar cada refeição e momento de união. É uma felicidade enorme conversar com a mãe que tanto amamos enquanto ajudamos a organizar e limpar todo aquele tempo de alegria em casa. Experimente, faça, lute, ‘se imponha’ – enquanto eles estiverem aqui entre nós.

Mostre de que material você é feito e acredite: sem álcool sempre será muito melhor.

Sim, vá para as baladas, divirta-se, sorria, cante, dance, contudo cuide-se, observe, também sempre avise onde está, com quem está..., e volte bem.

Você não precisa de álcool, muito menos de drogas para ser feliz. Ninguém precisa. Não funciona anestesiar dores, vergonhas, problemas... isso é coisa de perdedor. Junto com as dificuldades amorteçamos alegria, coragem, felicidade. Enfrente, atue..., você merece.

Não se torne a notícia triste nos feriados, estampada na dor e no sangue dos jornais. Aviso: não vou ler.

Que os feriados sejam sempre grandes momentos de sua vida. Mães, Médicos, Família, Você, Todos merecem paz, somos presentes de Deus.

Agora... foge! Vai ser feliz.

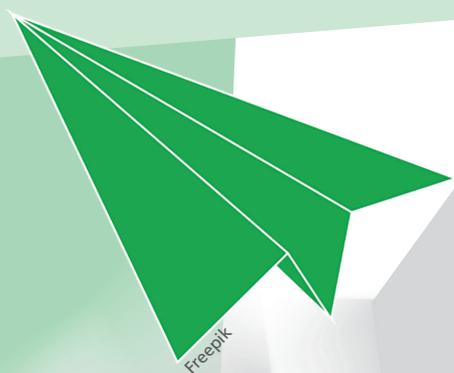
A pirueta da vida

Ângela Cirlei Grzelczak

- ▶ Acadêmica de Medicina da UFPR - 8º Período
Curitiba - PR

Conversando com meu pai, ele sempre me dizia que um bom marido tudo suporta, pouco chora, mesmo muitas vezes estando destruído por dentro. Tarde de quinta-feira, parecia ser apenas mais um dia corrido no pronto-socorro até que chega um pai consolando a filha que estava em uma maca. A filha revira os olhos, parece agoniada, questiona o pobre pai sobre a situação na qual se encontrava, este tenta acalmá-la. Começam os testes, “Sente aqui?” “Não”, “Aqui?”, “Também não”, assim segue o exame físico e ela nada sente. Acompanho tudo ao longe, ela nada sentia, eu sentia tudo, a mim até a alma doía, doía por saber do que se tratava. Chego perto da garota e tento conversar com ela. Com meus poucos conhecimentos, confirmo em minha cabeça a suspeita da equipe, sinto medo, gostaria de sair correndo, pois nesse momento tenho receio da pergunta que ela fez na entrada ao pai “eu voltarei a andar, não é mesmo, papai?”, começo a me sentir mal, quero fugir, mas fugir de quê e pra onde? A equipe chama o pai e eu apenas observo tudo que ocorre. Tetraplégica, ouço ao longe, isso, “te-tra-plé-gi-ca?”, repete o pai, a sentença de morte parecia ter sido lançada, pois, ao ouvir aquelas palavras, parecia que uma bala havia transpassado o peito do pobre pai, mesmo com uma pequena chance de reverter o quadro por meio de cirurgia, o mundo tinha acabado para aquele pai. Ele senta na cadeira, não chora, observa o nada e eu apenas o observo, observo cada piscar de olhos, que quase não piscam, observo o rosto sem forma, lembro das perdas que já sofri na vida e sinto que naquele momento meu coração havia parado de bater. Não tenho coragem de consolá-lo, não tenho cora-

gem de dizer uma só palavra, estou imóvel. Até que ouço meu nome e alguém sussurrar “paciente chegando, parece grave, precisamos de ajuda”. Tento continuar o plantão, mas nesse momento a única história que me vem à cabeça é a história daquela bela moça indo para sua segunda década de vida. Paro e penso o que uma cambalhota no ar pode gerar. Aquela não foi uma simples cambalhota, aquele salto deu um giro na vida daquela garota, foi o giro que mudou para sempre a sua vida. Quantas são as piruetas que a vida nos prega? Quantos são os giros que em segundos são capazes de nos tirar o fôlego e até muitas vezes a vida? Mas nem todos os giros são ruins, infelizmente o giro que se completou na vida dessa jovem foi devastador, mas há giros que podem nos salvar também. Foi naquele momento que entendi a fala de meu pai e a tradução de ser um bom marujo, pois sentimos sempre, choramos às vezes e um bom marujo segura o choro tantas outras vezes que for preciso!



Freepik

Coisas do berço

Hi Kyung Ann

CRM-PR 7078

Nefrologia

Cascavel - PR

Eu tinha uns sete anos e morava na Coreia do Sul. Concluindo: era 1970.

Um dia estava voltando para casa e no meio da rua achei uma nota que deve valer uns 20 reais atuais. Cheguei em casa com o dinheiro e mostrei ao meu pai.

Quando ele soube como eu tinha achado, me disse que eu tinha cometido um erro, pois quem perdeu a nota deve estar procurando e eu tinha tirado a chance de a pessoa recuperar a nota que perdeu, por eu ter tirado do lugar, além de a nota não ser minha.

Na hora saí de casa e voltei ao lugar onde tinha achado a nota e coloquei no mesmo lugar com uma pedrinha em cima para não voar e fiquei sentada agachada ao lado da nota esperando aparecer o dono da nota. E se ele aparecesse, eu pretendia pedir desculpa por ter pegado a nota que não era a minha.

Quando meu pai percebeu que eu tinha saído e demorava em retornar, mandou a empregada me procurar, e me achou sentada no meio da rua agachada ao lado da nota.

Como não aparecia o dono da nota, desisti de esperar e voltei para casa. Ao chegar em casa com a nota, meu pai me perguntou o que eu ia fazer com ela. Ao responder que não sabia, recebi repressão por ter pegado uma coisa que não me pertencia e ele achava que eu devia tentar devolver ao dono da nota e fomos à Delegacia mais próxima da casa.

Na Coreia, todos os bairros têm delegacias. Na delegacia fizemos “Boletim de Ocorrência” e voltamos felizes para casa com a nota. Cheguei a sonhar quanta guloseima poderia comprar, mas não teria ficado mais feliz se tivesse gastado com guloseima.

Após um ano, na verdade eu já tinha até esquecido da nota, recebemos um comunicado da Delegacia me chamando. Quando fui com o pai, fomos recebidos pelo delegado que me informou que durante um ano não tinha aparecido um possível dono da nota e nenhum BO sobre a perda da nota, sendo assim a nota seria a minha. Com meus oito anos fiquei meio frustrada ao lembrar sobre a nota. Neste momento o meu pai perguntou o que eu ia fazer. Como eu não tinha plano nenhum, meu pai sugeriu doar a nota para a caixa de flagelados da enchente. Lembro que prontamente concordei e mais uma vez fiquei feliz com o destino da nota.

Ao sair da delegacia, meu pai me elogiou e me levou a uma confeitaria onde ele gastou muito mais que 20 reais com guloseimas.

Assim vivemos felizes para sempre.

Obs.: lembrei do episódio e escrevi, ao ler artigo “Presidente, vá se danar”, escrito pela Adriana Vandoni, a economista, que foi publicado numa página de jornal.



O miserável

Raquel Lautenschlager Santana Proença

CRM-PR 29365

Psiquiatria da Infância e da Adolescência

Maringá - PR

Já era quase meio-dia quando conseguiu sair do escritório em que trabalhava. A manhã havia sido tumultuada, as ações haviam se acumulado e preocupava-se com os prazos que estavam para vencer. Sentia-se atordoado, ligações para atender, mensagens para responder, outros advogados que lhe chamavam para discutir sobre questões do trabalho... Havia tomado apenas uma xícara de café durante o expediente, não gostava do sabor, mas pensou que poderia ajudá-lo a se sentir mais disposto. Já se sentia cansado há tanto tempo, chegava em casa no final da tarde e recostava-se no sofá. Ficava inerte, num estado dissociativo, sentia-se como pedra. Lembrou de uma palestra que havia assistido no YouTube, que dizia que a imobilidade é característica do reino mineral, que as rochas e pedras paradas cumprem seu dever no mundo, mas que no ser humano a inércia é preguiça.

Escolheu um restaurante perto do trabalho para ir caminhando, não suportava mais a ideia de dirigir na cidade, o trânsito havia piorado muito nos últimos anos. Sentia raiva do tempo que perdia dentro do carro, sabia que seu tempo era tudo o que tinha e por isso mesmo era tão precioso. Ficou absorto diante desse pensamento, sentiu-se melancólico. Abriu a porta do estabelecimento, escolheu uma mesa no canto para poder ficar mais distante das outras pessoas. Escolheu uma refeição frugal, tinha uma reunião após meia hora. Enquanto comia, olhava para seu relógio de pulso, sentia o coração palpitar quando percebia o avançar dos ponteiros. Logo teria que voltar ao escritório, não podia se atrasar, a diretoria estaria presente. Sempre gostou de relógios, nunca saía de casa sem este adereço. Preferia os modelos analógicos, sentia que o tempo passava de forma mais lenta do que nas versões digitais.

Havia acabado de pagar a conta, pegou um copo plástico para ir tomando café no trajeto até o trabalho. Quando virou a esquina, percebeu uma sombra ao seu lado. Ao virar a cabeça, viu um homem sujo, com roupas rasgadas, provavelmente mais um entre tantos pedintes da cidade, pensou. Começou a caminhar de forma mais rápida e desviou o olhar, não podia se atrasar para reunião, faltavam apenas dez minutos para começar. Percebeu que o homem se aproximou dele, apesar de todos os sinais que havia emitido de que não queria contato com ele. Sentiu-se enraivecido – “Será que esse sujeito não percebe que é indesejado? Qual sua contribuição para a sociedade? Qual o seu papel enquanto ser humano?”. Pensou que estava diante de um clichê, sentiu-se raso diante dessa generalização. De repente, ouviu a solicitação por dinheiro como já estava esperando, respondendo de forma ríspida: “Não tenho...”. O outro insistiu, começou a contar uma história, não sabia qual, pois não prestou atenção no enredo, queria apenas se desvencilhar daquela figura que lhe gerava tanto incômodo. Sentiu o cheiro de urina nas roupas do homem, que nesse momento lhe seguia. Apenas ignorou-o e fez menção de olhar para o relógio quando ouviu: “Desgraçado, você não tem coração.”

Sentiu um misto de alívio e indignação após o pedinte se afastar dele e abordar outra pessoa. Pensava sobre como havia sentido seu espaço pessoal ter sido invadido por aquele sujeito inadequado. Queria apenas o silêncio nos poucos minutos que teria na sua caminhada até o escritório. Sabia que, após chegar lá, não conseguiria mais ficar quieto. Sempre tinha alguém que vinha lhe fazer questionamentos e exigências. Muitas vezes mal tinha tempo para ir no banheiro. Ele não havia dado permissão para aquele homem roubar seus preciosos minutos. Sentiu-se roubado e subtraído, sabia que haviam levado algo dele. Sabia que seu dinheiro valia bem menos que seu tempo. Nunca concordou com a frase: “tempo é dinheiro”. Olhou para o pulso, quando percebeu que estava sem o relógio... Ficou estarrecido, percebeu que seus membros foram ficando adormecidos, a respiração cada vez mais ofegante, paralisou-se – virou pedra. Conseguia apenas ouvir o bater do seu coração- tic tac.

O velho Pequeno Príncipe

Gilmar Mereb Chueire Calixto

CRM-PR 6833

Geriatria

Curitiba - PR

Perestrello

Andava a esmo pelas ruas da minha cidade quando vi sentado na calçada um velho com roupas estranhas, rotas, que mais pareciam terem sido de gala, outrora. Em uma das mãos portava uma bengala curva, tosca.

Apresentava cabelos brancos encaracolados, rosto lívido, sem rugas, que contrastavam com as mãos e o corpo magro.

Parei e sentei-me ao seu lado; ele me olhou com seus profundos olhos azuis quando notei que não eram deste mundo. Pareceu-me que o conhecia há muito tempo; lembrou-me um livro sobre um Pequeno Príncipe que vagava pelos mundos. Perguntou-me quem eu era; procurei-me, vasculhei-me e não encontrei resposta.

Ele: - *Você é um poeta!*

Eu: - *Como você sabe?*

Ele: - *Pela tua tristeza e dúvida, que finge não carregar e por essa folha em branco e lápis que teima em levar. Você é um poeta triste, pois se você não fosse triste, não seria um poeta verdadeiro. Os poemas são como os palhaços sem cores, pois esses desenham um sorriso bem grande no rosto para afastar a tristeza.*

Fiquei surpreso pela percepção que o Velho demonstrou e fiquei ruborizado pela exposição.

Eu: - *E você velho, já foi Príncipe?*

Ele: - *Sou um Príncipe, que caiu de um pequeno planeta, que envelheceu, como tudo.*

Eu: - *Igual à história do livro O Pequeno Príncipe?*

Ele: - *Era eu, você me fez lembrar! Ando esquecido do que não é essencial.*

Eu: - *Velho Pequeno Príncipe, onde está a Flor?*

Ele abriu o peito e lá estava ela presa a um fio entrelaçado, murcha. Mais tarde pediu-me que o tatuasse, eternizando-a.

Ele: - *Tive que trazê-la senão a ovelha a comeria; levei-a para o deserto, deixei cair uma lágrima sobre ela.*

Eu: - *E vai crescer, se alguém a cativar?*

Ele: - *Sim, reviverá.*

Eu: - *E a ovelha? (perguntei-lhe curioso.)*

Ele: - *Morreu de frio. Extraíram-lhe as lãs, para vender; não adiantou cobri-la à noite com meu casaco rasgado, e um cometa brilhante veio buscá-la e ao partir, atravessou a minha alma com seus olhos escurecidos.*

Eu: - *E a raposa?*

Ele: - *A raposinha está nos ombros desnudos das fúteis madames, em noites festivas, com olhos, agora sem brilho.*

Eu: - *E você velho Príncipe como ficará? Para onde vai?*

Ele: - *Estou vazio. Os príncipes vazios morrem*

Eu: - *E vai voltar um dia, já que me cativou?*

Ele: - *Sim*

Eu: - *E onde posso encontrá-lo?*

Ele: - *Estarei em suas crônicas e poesias ou quando simplesmente fechar os olhos e buscar **o Amar**.*

E o vi afastar-se lentamente após beijar minha face enrubescida e estremeci ao perceber que partira rumo ao deserto em busca do bracelete de ouro, seu passaporte, portal para as estrelas, seu lar, a eternidade.

Anos depois, quando velho também, usando as roupas mesmo que puídas e rotas, ainda majestosas, douradas e protetoras, roupas de Príncipe, veio-me à mente seu olhar brilhante e acolhedor sobre um sorriso tímido, perguntei-lhe:

Eu: - *Como eu encontraria minha flor única para que eu pudesse cativar, e tudo valer a pena, e me tornar um Príncipe de Verdade?*

Ele: - *Abrace-a, olhe-a nos olhos, bem fundo, olhos de mar, e sen-*

tirá que invisíveis fios de seda inquebrantáveis, envolverão seu coração, e saberá que a dor e a solidão de Poeta morrerão no colo da sua musa singular, e você saberá separar a alegria da tristeza, no encontro e na partida.

Lembro-me claramente das palavras do Pequeno Príncipe: - **Quando você cativa de verdade, o “Essencial” é “Invisível”.**

Lembro-me também das palavras do Velho sábio Pequeno Príncipe:

- **Quando você Ama de verdade, o Essencial é Visível e as suas Fantasias tornam-se Realidade. E você entenderá e viverá o Amor.** *Você pode pintar o seu mundo como quer e enxergar as pessoas, animais e plantinhas como elas são verdadeiramente; agora tangíveis ao alcance das mãos e do olhar profundo.*

- **E a “Essência” e o “Essencial” se tornarão uma coisa só, Você,** *agora um Príncipe, um Poeta um verdadeiro Homem. E nunca mais precisará fechar os olhos para sonhar. E tudo valerá a pena!*

Notas: Para você, leitor, que também tem um coração de Poeta e de Príncipe, caso contrário não seria um leitor.

Reminiscências de nosso diálogo:

Eu: - É verdade, Pequeno Velho Príncipe, que ainda sorri, mesmo sabendo que mataram a sua ovelha, roubaram as suas estrelas e sufocaram o seu pequeno vulcão.

Ele: - **O que é verdadeiro, essencial, amado é eterno; vive para sempre.**

Eu: - Quando eu, Poeta, vou compreender tudo isso e não ficar mais triste?

Ele: - Quando você vestir as minhas roupas, errar pelo mundo, conversar com os animais, plantas e pedras sobre Deus, os homens e os mundos, olhar as pessoas verdadeiramente como elas o são, ser criança e ouvir os velhos com respeito e gratidão, será também um velho Pequeno Príncipe. Um Poeta sem lápis, sem papel, sem letras, sem cores, em paz, entre amores, agora, **livre para viver, amar, morrer e pertencer.** Um sábio, não mais pequeno, um Pequeno Grande Príncipe!

Baseado na obra de Antoine de Saint-Exupéry, *Le Petit Prince* (traduzido em diversos idiomas)

Luana

Jéssica da Silva Longo

- ▶ Acadêmica de Medicina – UFPR
Curitiba - PR

O que me entristece é o apagamento.

Saiu de casa aos 15 anos por ser Luana, que, nessa época, contraiu HIV.

Usou drogas por ser Luana, iniciou tratamento sendo Luana.

Por ser Luana, sofreu de depressão.

Retornou à casa da mãe sentindo-se Luana, mas quem voltou foi o filho.

Por continuar sendo Luana, adoeceu ainda mais, deprimiu-se ainda mais, a ponto de largar o tratamento.

Passou mal como Luana.

Sentiu falta de ar como Luana,

Chegou ao hospital e pediu para ser reconhecida como Luana.

Ali foi tratada, surpreendentemente (sabe-se como são cruéis às pessoas trans os serviços de saúde - da base ao topo), como Luana.

Luana, em vermelho e entre asteriscos, reluzia na placa de identificação de seu leito.

Ali foi cuidada como Luana.

Respeitada como Luana.

E foi piorando a cada dia sendo Luana.

O ar faltou sendo Luana.

Precisou ser entubada e concordou, sendo Luana.

Piorou ainda mais, sendo Luana.

Mas a família solicitou que o nome em vermelho fosse apagado do quadro.

E piorou, e piorou e parou. O coração de Luana parou.

E foi enterrada como Lúcio*. O que me entristece é o apagamento.

*nomes fictícios

Divisão

Gilberto Carlos Macedo

▶ CRM-PR 4912

Pediatria

Foz do Iguaçu - PR

Uma das consequências mais funesta da grande diversidade religiosa é que... como existe apenas um “DEUS” – ela termina causando ambição nas mentes dos religiosos e por isto míngua constantemente a religiosidade de todos.

Eu queria –
que de dia,
só contivesse um Sol.

Eu queria –
ver todos num mesmo calor... para saber se ardia,
pelo simples fato de nós acatarmos idêntico rol.

Eu queria –
que de noite,
só tivesse uma Lua.

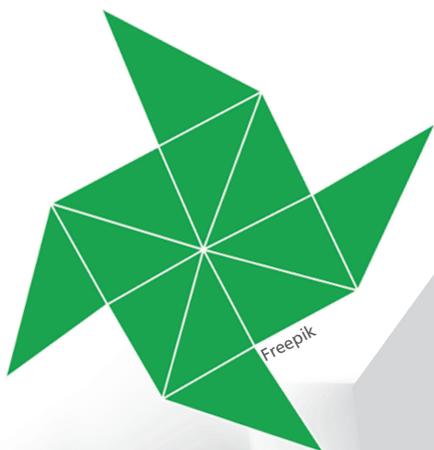
Eu queria –
ver todos num mesmo pernoite...
para que nós notássemos como tudo flua.

Eu queria –
que no Céu,
só detivesse uma Estrela.

Eu queria –
ver todos num mesmo léu...
desde que nós pautássemos de semelhante trela.

Eu queria –
que na Terra,
só retivesse um tipo de inverno
e nem um inferno.

Eu queria –
ver todos num mesmo consorte;
a fim de que numa mesma terra,
nós... aceitássemos unicamente uma morte.



Doces de mamãe

Cloves Soares de Lima

CRM-PR 6325

Pediatria/Alergia

Astorga - PR

Da manga se fazia doce
Da banana doce se fazia
Figo também dava doce
A batata era doce e doce dava
Até arroz dava doce
Era doce de cidra
Pé de moleque doce era
Do leite doce variava, seco ou cremoso
Do milho verde o curau, também gostoso
Da laranja, do limão, da abóbora
De goiaba o que mais se repetia
Era tanto doce, que esquecendo eu ia
Da famosa ambrosia
Mas doce mesmo era a vida
Podia até ter momentos de amargura
Mas muito mais era de alegria

Rufino e Elvira

William Amorim de Almeida

- ▶ CRM-PR 16409
- ▶ Acupuntura
- ▶ Florianópolis - SC

Até hoje, – hoje e sempre! – se diz que na Lapa, cidade histórica do Paraná, há ainda muitos tesouros enterrados. E, não faz muito tempo, correu na cidade a notícia de que Rufino, após um sonho, tinha desenterrado, no cemitério, uma fortuna incalculável. Mas ele e Elvira, sua mulher, continuavam a viver miseravelmente num casebre de ponta de rua, sem ostentação de riqueza. Apesar das aparências bastante evidentes de pobreza, nada podia modificar a opinião geral a respeito da tal fortuna.

Zé Bueno, o coveiro, afirmava que tinha visto sinais de violação em determinada sepultura. Por precaução, não citava o nome do Rufino.

– Lá está o buraco, do jeitinho que alguém deixou para quem quiser ver.

Na Lapa, atualmente, semelhante rumor talvez nem merecesse atenção alguma. Mas, por esse tempo, ou já antes, desde o histórico e trágico desfecho do Cerco da Lapa, ocorrido entre janeiro e fevereiro de 1894, a cidade não recebia novidades de qualquer espécie. Além do mais, o boato é tão importante para uma comunidade como o abastecimento de água.

E, de repente, o Rufino morreu. O boato do tesouro, por razões fúnebres, tomou então maior proporção, penetrando nos salões da alta sociedade e nos gabinetes da administração municipal. Embora na Lapa as camadas sociais mais altas não gostem de comentar os mexericos da rua, o boato se propagou em toda a cidade. Todavia o foco do mexerico se direcionou para a viúva que afirmava não ter dinheiro para enterrar o corpo do Rufino. E tanto era verdade que Elvira, vestida de preto, rosto envolto num lenço igualmente preto,

debaixo do qual saíam dois ou três anéis de cabelos grisalhos, se dirigiu à prefeitura.

Pedi ao prefeito que providenciasse o enterro do marido. Nas gavetas – disse ela – só havia encontrado algumas moedas que não bastavam para as despesas do funeral. O prefeito, que comungava a crença popular sobre a fortuna do Rufino, olhou com um sorriso incrédulo para Elvira.

– Como assim? Só algumas moedas? Esterlinas de ouro, naturalmente!

– Aqui está tudo o que encontrei – respondeu Elvira, mostrando cinco moedas de cinco centavos ao prefeito.

– Não acredito! – Fez um movimento de lábios, expressivo de descrença. – Vou ver o que se pode fazer. Aliás, procure o Othon.

O Othon era o Secretário de Assuntos Sociais que, além de ser ateu, era tido como filósofo e homem de cultura ímpar na cidade.

Elvira foi encontrá-lo à sombra do pé de guabiroba da praça principal, jogando gamão.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo – ela disse.

Ninguém respondeu a saudação da mulher.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo – ela repetiu em tom mais alto.

Um dos jogadores, sem levantar os olhos do tabuleiro do jogo, respondeu com indiferença:

– Para sempre seja louvado!

– Seu Othon, o prefeito pediu para o senhor me atender. Como todos sabem o Rufino morreu de repente e eu não tenho condição para fazer o enterro.

– Dona Elvira, pobre é quem não tem dinheiro, ou melhor, quem não tem onde cair morto. Como todos sabem nesta cidade, o Rufino tem uma fortuna escondida no porão da casa. O povo fala, Dona Elvira, e diz o ditado: *vox populi, vox Dei*. Ou seja, a voz do povo é a voz de Deus. Logo se o povo estiver mentindo, Deus também é um mentiroso...

Elvira pensou em discordar; mas ficou receosa de fazê-lo e o Othon dificultar a solução do seu problema. Como resposta mostrou as cinco moedas que trazia.

– Aqui está a minha fortuna.

– Então vá ao delegado, pegue um atestado de pobreza e, com o atestado em mãos, se dirija à funerária Último Abrigo que fará o sepultamento por conta da Prefeitura.

Elvira foi à delegacia. Havia já um rapaz na sala de espera. Era o carteiro da cidade, que trabalhava também como cobrador de diversos comerciantes. O delegado não tardou a aparecer e mandou o rapaz sentar-se e aguardar. Depois, olhando para Elvira, bradou:

– Já soube... O homem se foi.

– Sim. Deu a alma ao Criador, mas me deixou numa enrascada sem fim.

– Como assim? Herança não é enrascada pra ninguém. Libra esterlina se vende fácil. Quanto deixou?

Elvira estendeu o braço direito e, abrindo a mão, mostrou as cinco moedas de cinco centavos.

– Isto, não! – Protestou o delegado.

– Isto é tudo. Pode acreditar, delegado. E não tenho dinheiro para enterrar o defunto.

– Então o prefeito deixou o abacaxi para eu descascar! Tenho de atestar que você é pobre!

Elvira fez um sinal afirmativo.

– Esta, não!

– Mas o senhor delegado só vai atestar a verdade. Não estou mentindo. Não existe a tal riqueza. Pode mandar a polícia vasculhar minha casa. Eu mesma já escarafunchei a sala, o quarto, até o quintal, e nada encontrei.

O carteiro, que ouvia curioso o diálogo, veio em auxílio do impasse:

– Dona Elvira tem razão. Ela não tem culpa, se o avarento enterrou o dinheiro em local ignorado? Para mim, ela é pobre, até prova em contrário.

O delegado, depois de permanecer pensativo por alguns minutos, resolveu atestar a pobreza de Elvira, afirmando ter ouvido o testemunho de pessoas dignas, para ele, de todo o crédito.

Ao entardecer do dia foi o enterro. Viu-se sair da casa de Elvira o pequeno cortejo. O caixão de pinho ia, por fim, sendo conduzido por quatro vizinhos do morto, igualmente pobres. Um rapaz moreno, com os pés descalços, conhecido na cidade como o Doido, olhar vazio de quem nunca teve esperança e de quem nunca teve fortuna, levava a corda de sedém para fazer descer o caixão à sepultura. Sempre digo que o homem é tanto melhor quanto maior quinhão de loucura lhe coube por sorte. De dor também.

Por fim cobriu-se de terra o defunto. Elvira espalhou sobre a sepultura algumas flores de jasmim, e todos se retiraram.

Três anos depois da morte de Rufino, abriu-se uma loja de malharia, com sede própria, à rua Barão do Rio Branco, um pouco acima da Prefeitura. Atrás do balcão, Elvira circulava sorridente e simpática. O Doido, agora alçado a vendedor, com sapato novo e bem trajado, parecia ser outra pessoa. O imóvel da loja, pago à vista, tinha sido adquirido por Elvira que se tornara também dona de uma casa, no centro da cidade. O povo da Lapa passou a respeitá-la com devotado acatamento. Não são os filósofos que resolvem os grandes problemas da civilização, são os pobres no seu modo de viver.

Os boatos podem ser o lixo da sociedade; mas é inegável que ajudam a reconstituir a atmosfera duma época.

A árvore de corda

Rafaela Sayuri de Oliveira Suzuki

- ▶ Acadêmica de Medicina
Curitiba - PR



(quando eu me perco)

Na árvore de corda

Eu rimei,

Tu rimaste,

Ele disse:

“Vós estais a amar!”

Nós coramos e amamos

“Eles estavam à beira mar,
na árvore de corda.”

Na árvore de corda

Eu chamei

Tu fugiste

Ele disse:

“Por ti ele vai voltar
com flor na mão e
saudade no coração.”

Tu disseste ao voltar:

“Por ti, regresso!”

Em resposta:

“Por ti, ela se fora,
na árvore de corda.”

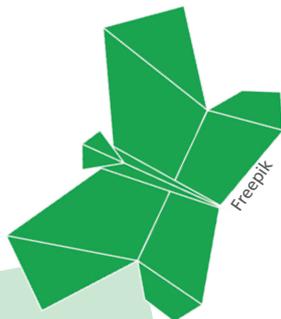
Minha musa

Olídio Vaz Primo

CRM-PR 1624

Ginecologia e Obstetrícia

Curitiba - PR



Oh! Minha musa, minha amada.
Em terras muito distantes.
Sem volta programada.
Um vazio em meu peito neste instante.

O Coração ficando calado.
Os lábios frios não aquecem.
O tédio e a tristeza lado a lado.
Enquanto você não aparece.

O relógio não para seu alerta.
Uma angústia sem fim.
Um silêncio que não desperta.
E você longe de mim.

Para que adianta um céu azul,
Este brilho intenso do luar,
Estas estrelas cadentes,
Sem a presença de seu olhar?

Volte logo, querida, sem pensar.
Preencha este peito vazio.
Aqueça este espírito tão frio.
Faça minha alma a encontrar.

O vendedor de sonhos

Carlos Frederico Almeida Rodrigues

CRM-PR 20.107

Neurocirurgia

Pato Branco - PR

A sua barraca era no fundo da última rua daquele bairro esquecido, lá perto de onde as praças eram parques. A rua, como a vida, era sem saída, na parte mais antiga da cidade, quase morta como todas as coisas antigas. Era daqueles lugares que ninguém procurava ou ia, mas se chegava como que de repente, tão inesperadamente como os sonhos.

Na mesa havia de tudo, desde pequenos pedaços de vidros multicolorido, moedas antigas, selos de outros países, cartões postais escritos por outras pessoas, bolas de gude, piões, e todo tipo de quinquilharias, de tal forma mal arrumadas que parecia que havia passado por ali uma tempestade caribenha.

Primeiro passou a bola, depois veio correndo o menino, que, assim que viu a banca, parou como que hipnotizado pelos raios do sol de fim da tarde por sobre os cacos dos vidros multicoloridos e cobertos de pó, que se depositou após a tempestade. Chamava-lhe a atenção que cada pequeno pedaço daquela maravilha tinha uma etiqueta com minúsculas palavras escritas à mão em diversas cores e estilos diferentes. Curioso, aproximou-se da banca e perguntou ao vendedor, ao menos precisava ser o vendedor, estava sentado atrás da banca, com uma sobrecasaca em pleno verão, sua face tinha algo de misterioso e seu olhar transmitia como que uma pergunta, na verdade uma inquisição que exigia resposta, mesmo que não soubéssemos qual. Olhou bem nos olhos do vendedor e disse:

- Por qual motivo todas as coisas têm essa etiqueta e essas palavras?

- Pelo motivo óbvio de que todas elas carregam um sonho e é esse sonho, escrito pelo seu antigo dono, que está aí.

- Todas as coisas carregam sonhos?

- Todas elas, sem exceção.

- Vejo muitas coisas e ninguém me falou disso.

- Talvez pelo fato de que já não percebiam o sonho que havia por detrás delas e agora achem que as coisas possuem valor por si mesmas.

A conversa fluía e o menino notou que havia um pequeno vidro que não tinha etiqueta, tentou olhar dentro e viu que havia mais pedaços multicoloridos.

- E esse vidro? Não tem etiqueta...não tem sonhos?

- Aí dentro estão tesouros ainda não sonhados, falta alguém para sonhar e escrevê-los.

- Posso vê-los?

- Claro, mas saiba que se escolher um, terá que sonhar o sonho que ele exige.

Abriu cuidadosamente o vidro, escolheu um pequeno pedaço verde e ficou olhando como que intrigado, foi quando ouviu os colegas gritando: “Vai trazer ou não a bola? Sabe que quem chuta tem que ir

buscar...”. - Distraiu-se um minuto, virou para o lado, apanhou a bola, colocou o pedaço colorido no bolso e saiu correndo, esquecendo-se do vendedor que também nada falou e voltou para o jogo.

Ao chegar em casa, lembrou-se do pedaço colorido e ficou aflito por não ter perguntado o preço. No dia seguinte, correu para a mesma rua, aquela lá no fim de qualquer coisa e não viu mais o vendedor. Guardou a peça e a lembrança de tão belas coisas que havia naquela mesa, a peça o acompanhou por anos a fio e, ao findar seu tempo por aqui, agarrou-se a ela e escreveu em letras pequenas: “O melhor sonho é aquele que sonhamos sem preço.” Deu ao seu filho e dormiu para sonhar para sempre.

Nihil matéria médica

Matheus Jürgen Riepenhoff

- ▶ Acadêmico de Medicina – PUC-PR
Londrina - PR

Aquela anamnese marcara-me. Não pela singularidade ou casuística da patologia relatada. O que incomodava era a forma descrita. Como poderia uma patologia, em nosso tempo, contrapor o estabelecido por Wendell Holmes? Como?

O relato descrito pelo paciente era algo que me corroía por dentro, me ansiava, me arrepiava... Algo totalmente novo em nossa era.

Comecei revisando toda a matéria medica disponível, toda a base filosófica de nossa profissão. Buscava fervorosamente por entre as inúmeras páginas niilistas, relatos de casos, revisões e atualizações. Mas nada que fosse parecido com o descrito.

Em nossa época já havíamos passado pela grande desilusão. As panceias caíram em terra e foram extintas. A humanidade se desiludiu profusamente e não mais buscava a mítica Caixa de Pandora (ou a esperança).

Todas as profissões foram atingidas, algumas mais e outras menos. Algumas sofreram um processo de extinção. Mas graças ao niilismo terapêutico de Wendell Holmes, a medicina renasceu. Abolimos as ideologias hipocráticas ou de Galenus. Harvey fora esquecido. A cura não mais existia. Como o próprio Holmes disse: “Se toda a matéria médica, utilizada atualmente, fosse lançada ao fundo do mar – seria tanto melhor para a humanidade e pior para os peixes”.

Em pouco tempo as pessoas não mais se sentiam doentes, e ainda mais, quando se sentiam aceitavam o óbito de braços abertos. O vazio nos tomara e havíamos edificado a sociedade do “novo *Sapiens*” sobre ela.

Mas o caso em questão incutira em minha mente um novo questionamento sobre toda a matéria niilista (que me fora transcendida pelos sábios). Aquele paciente. Aquele pobre diabo. Aquele ser. Ele havia...esperança!

Ele acreditava, e...pasmem! Ele havia se curado! Contrariamente aos preceitos do grande filósofo deus Nietzsche, naquele ser não havia vazio qualquer. Como poderia continuar praticando minha *medicinae scientia* com tamanha desilusão filosófica? Qual seria o prognóstico? Ou melhor, existiria tratamento para um não... niilista?

Até havia discutido o caso com um colega, mas jocosamente ele havia gargalhado. “Coisa da sua cabeça”, ele disse. “O niilismo é vivo, é a base da sociedade! Impossível haver a cura, se nem o tratamento existe!”.

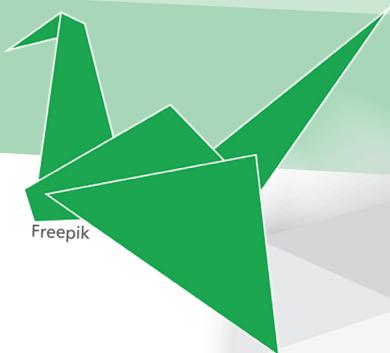
Mas não...não...não havia perdido minha razão. Estava lúcido. E agora questionando meu – até então – vazio. Como poderia ter aceito calado por tanto tempo?

Estaria... Estava! Estava saindo de minha caverna platônica. “Era cego e agora via!”

Cogito, ergo sum. Aquela singularidade, aquela patologia, aquele paciente...

Não era ele o paciente! Quem estava doente era...eu.

“Even death, faced with the option of death or life, she would choose life.” — José Saramago.



Feito amor esposal

Juliane Nery

► CRM-PR 32.501

Pediatria

Curitiba - PR

Tornei meu amor público aos sete anos de idade. Era alta temporada. Em uma conversa informal com meu pai, na varanda de nossa antiga casa de veraneio, declarei que sonhava em crescer e casar contigo.

Surpreendentemente, papai ficou felicíssimo, e também mamãe, que ouvia atentamente a conversa. O crepúsculo daquele dia foi testemunha de que eles aprovaram nossa união, e mais: disseram-me que já desconfiavam da minha paixão por ti!

Apaixonada por você. Sim, e sem pudor algum em assumir para quem quer que fosse, conhecido ou não. Na escola, em toda oportunidade possível eu discursava sobre você. Lembra-se daquele trabalho de espanhol que eu fiz sobre você na sexta série? Para que minha apresentação ficasse bem realista, pedi para mamãe me comprar um vestido de noiva – o qual, por sinal, ficou enorme, recorda-se? Mas isso para mim era irrelevante. Orgulhosamente o vesti e disse a todos da turma (e em espanhol!) o quanto já te amava.

Aos meus 17 anos, com o peito inflando de tanto amor, dirigi-me a seus pais para pedir-lhes permissão para namorar com você. Estava imensamente nervosa, e atrapalhei-me bastante. Creio que, por isso, para minha total desolação, meus tão sonhados sogros desprezaram minha proposta, alegando que outras concorrentes eram mais qualificadas que eu.

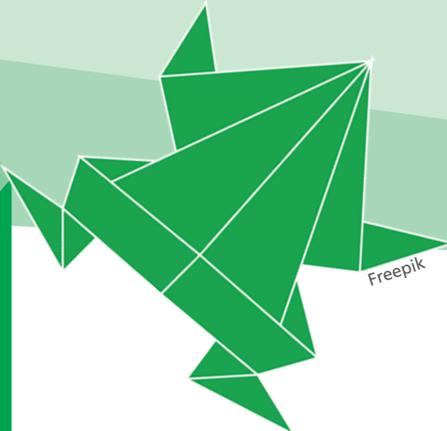
Sofri. Foram noites e madrugadas em claro, chorando inconsolavelmente. Mas não desistiria tão fácil assim de ti. Reinventei-me. Estudei por um ano todas as táticas imagináveis para conseguir a apro-

vação de seus pais. E recebi, enfim, as glórias do meu esforço.

Começamos a namorar em fevereiro de 2008. Nossos seis anos de namoro foram um sonho, nos quais te conheci intimamente, e esforcei-me de modo incansável para decifrar cada um dos seus enigmas. E, quando nos tornamos noivos, pensei que não haveria lugar para tanta alegria em meu coração. Nossa grandiosa festa de noivado ocorreu em 3 noites consecutivas!

Mas nem tudo foram flores. Vivenciamos também nossa “crise dos setes anos de relacionamento”. Nosso primeiro ano de noivado foi muito conturbado, bem como os dois anos seguintes. Mas, ao final, o amor venceu: em fevereiro de 2017 nos casamos em uma cerimônia sem muitas pompas e, desde então, me considero como aquela pessoa que finalmente encontrou o baú cheio de ouro no final do arco-íris.

Medicina, meu grande amor: se realmente, como dizem, os médicos casam-se com a profissão, esta é nossa bela história. Depois de 2 vestibulares, 6 anos de faculdade e 3 anos de residência em Pediatria, poder colocar meu “vestido de noiva” – branco, com meu nome bordado ao lado esquerdo, logo acima do nível do meu coração – e exercer-te quase todos os dias é para mim motivo de felicidade incomensurável. Amo-te para sempre, desde meus 7 anos – ou, segundo meus pais, talvez até há mais tempo.



Freepik

Menino do sorriso torto

Lucas de Oliveira Bramante

► Acadêmico de Medicina

Foz do Iguaçu - PR

Com que direito tiro-te o véu?
Se por baixo do pano branco, piá
Tu ris

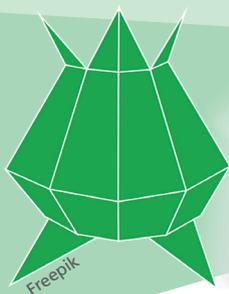
Com que audácia atrevo-me a acordar-te de sonho tão sereno?
Se por entre espasmos de cor e desejo, moço
Tu ris

Com que razão enfio-te a pílula vermelha garganta abaixo?
Se mesmo sabendo-se matrix, xará
Tu ris

Bah

Não ousou atentar-te com a verdade do meu amor
Não quero ferir-te com a verdade do teu querer
Não vou te fazer escolher, rapaz

Não enquanto tu rires.



Uma história real do amor genuíno no transplante de órgãos

Fábio Silveira

CRM-PR 20.009

Cirurgia do Aparelho Digestivo

Campo Largo - PR

Qual conduta devemos adotar quando presenciamos um ato de amor genuíno e desprendimento em benefício de desconhecidos? Acredito que uma delas é escrever sobre isso. As palavras são capazes de materializar nossas vivências, ficar para a posteridade.

A doação de órgãos para transplante é um grande ato de solidariedade e amor ao próximo, doa-se a alguém desconhecido, sem troca material, sem expectativa de retorno.

Um quadro de falência aguda do fígado é um quadro dramático, de início súbito, rápido e mortalidade altíssima. Um insulto às células do fígado resulta na sua destruição maciça, desequilibrando nosso organismo, desencadeando uma cascata de eventos de deficiência na coagulação do sangue, inchaço do cérebro e finalmente à morte.

A juventude é um momento ímpar da vida, o jovem cheio de esperanças, os pais com a recente experiência mágica da infância frente às preocupações da fase de transição para a vida adulta. Eis que um moço de 15 anos apresenta um amarelão (icterícia) nos olhos, mal-estar e alterações laboratoriais graves. A família deixa sua residência no interior e vai buscar recursos na cidade grande. Temor, ansiedade, o medo do desconhecido e da doença. Coincide com a chegada no hospital o desencadear da cascata de eventos, confusão mental, necessidade de ventilação mecânica.

Exames e mais exames, unidade de terapia intensiva e em poucas horas o diagnóstico: falência do fígado. Alta gravidade, única possibilidade, um transplante. O desespero da família é evidente frente ao diagnóstico, e mais, frente à impotência da medicina em estabelecer uma causa. Obviamente vem à cabeça da mãe: “o que eu fiz de errado?”.

Nessas horas, na cabeça do médico, surgem as palavras de Mário Quintana, “que a morte chegou na sua antiga locomotiva, ela sempre chega pontualmente na hora incerta.” Mas como é inerente a sua missão, a medicina vai enfrentar o desafio, medidas de controle do inchaço cerebral, remédios para evitar infecção, transfusão de derivados do sangue para controlar a hemorragia. E a derradeira esperança, um transplante.

Aciona-se a Central de Transplantes, paciente em lista de espera, gravidade alta, legislação que prioriza quadros graves em pacientes jovens. Surge um órgão, aciona-se a equipe de captação e na cirurgia de extração dos órgãos vem a decepção, órgão doente, inadequado para transplante.

Esperanças claramente abaladas, a mensagem para a família é de força, a batalha ainda não estava perdida. Enfermagem, fisioterapia, nutricionistas, médicos, capelania, psicologia, todos focados na tentativa de manutenção da vida e no suporte da família.

O tempo não para e a certeza de que cada vez menos horas estão disponíveis para o garoto. Eis que surge mais uma doação no interior do estado, logística organizada, equipe mobilizada, deslocamento aéreo, o tempo urge. Avaliações seriadas demonstram que a esperança ainda existe, intervenções médicas conseguem manter a estabilidade hemodinâmica e controle do inchaço cerebral.

Horas se passam e elas levam o sono. Eis que a esperança ressurgiu, o órgão é adequado para transplante, cirurgia agendada para o momento da chegada do órgão ao hospital. Quando o órgão chega ao hospital e o adolescente ao centro cirúrgico, a avaliação clínica indica pupilas dilatadas, ausência de estímulo elétrico cerebral, ou seja, chegamos tarde demais.

A equipe do Centro Cirúrgico, na expectativa da vida, se vê frente à morte. O abatimento é evidente, vários não seguram as lágrimas. Temos um órgão viável para transplante, ali, na sala cirúrgica, mas que para aquele paciente não é mais uma realidade.

Novamente se aciona a central de transplantes, outros pacientes estão entre a vida e a morte. O órgão não pode ficar acondicionado na solução de preservação por muitas horas. Logística acionada, de maneira ágil o órgão é distribuído para o próximo paciente na lista de espera, localizado em outra instituição hospitalar, a esperança de vida ressurgiu para outro indivíduo.

Nesse ínterim, encaminha-se o paciente para o exame capaz de selar o diagnóstico da morte encefálica, o cateterismo cerebral. O exame confirma a ausência de fluxo sanguíneo no encéfalo, a morte em sua locomotiva havia chegado para o garoto.

Dentre as diversas características da ação médica, a comunicação de más-notícias talvez seja a de mais difícil realização e de constante aperfeiçoamento. É quando os atos técnicos médicos perdem importância, a empatia e as técnicas de linguagem devem ser preponderantes. Ao adentrar na sala de espera do hospital e comunicar o ocorrido, vivenciamos em sua plenitude a esperança trocada pelo desespero, a família recebe a pior das notícias.

Nessa tempestade de emoções desencadeada pela morte, presenciemos o ato de genuíno amor e desprendimento descrito no início, frente ao diagnóstico do filho em morte encefálica, posteriormente a mãe autoriza a doação de seus órgãos ainda viáveis. A esperança ressurgiu para algum desconhecido, frente a uma imensurável dor, essa mãe distribuiu o amor.

É pagante ?

▶ **Lutfala Farah**
CRM-PR 1009
Ginecologia Obstetrícia
Londrina - PR



Nova norma no internamento
Perguntar: “É convênio ou particular?”
Mesmo se tenha grave ferimento,
Tornou-se praxe perguntar.

Tive este grave problema
Para minha familiar internar
Este foi um grave dilema
Que eu tive de superar.

Não existe mais MÉDICO,
Aquele que cura corpo e alma.
Se não tiveres crédito,
Nem o corpo e alma ele acalma

Coitado do Hipócrates
Se contorce no túmulo
O que na formatura jurastes
E que fazes agora é o cúmulo

Aqui na selva

Túlio César Xavier Raveli

CRM-PR 12.327

Ortopedia e Traumatologia

Maringá - PR

Nas ruas entre os arranha-céus
Tudo se combina,
O verde da praça
Com o sorriso da menina
Aqui na Selva

Tantas pessoas nas ruas
E todo asfalto no chão.
Se combinam na foto
Em perfeita solidão
Aqui na Selva.

Todos procuram seu céu,
Mas tudo tem seu preço,
Cada um se esconde como pode
Pois todos têm que ter seu endereço

Tudo está sempre tão disperso
E aqui não se aceita distração
Tudo é tão certo ou errado
E não se pode andar na contramão
Aqui na Selva

Todos têm a hora do lazer,
Mas estão sempre tão cansados.
Não se pode entender
Por que viver...
Aqui na Selva.

- Esta poesia é a letra de uma canção de minha autoria baseada num filme chamado *Um dia de fúria*. A música pode ser ouvida na página do YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=XwbSgW0rtfg>>.



Sua carta

Ana Flávia Fillus Tinós

- ▶ Acadêmica de Medicina – UEL
Londrina - PR

Sei que estou distante
Não chores
Às vezes a distância acalenta os corações
Entrelaçados por palavras e beijos

Não me pergunte por onde ando
Não saberei te responder
São tantos caminhos
Na maior parte deles, sigo só
Raros momentos um cachorro magro me acompanha
Mas na maioria das vezes
Só

Não te pedirei perdão por ter te deixado
Porque você nunca me deixou
E é por isso que agora escrevo
Enquanto o sol acorda, preguiçoso
Em uma cantina
Na qual não consumi nada
Nem os guardanapos

Lembra das nossas aventuras?
Aqueles momentos que são nossos
E que jamais publicaremos
Os demais não entenderiam
Essa distância entre nós e eles

“Do not cry, princess,
Foi duro pra caramba essa distância
Mas é bom saber que você se fez rainha
E que o afastamento de dois corpos
Em muito contribuiu para isso
Doeu, mas foi
Também escuto as canções do Tim Maia
Mas nada resolve muito bem
Saudades de tudo aquilo que a gente foi um dia
Mas agora só existem poemas
As mentiras dos poemas”

Esse poema não é sobre adeus
Não é sobre saudade
Nem sobre Matilde Campilho
É sobre eu e tu
A nós, salud!
Vem dançar comigo?



Com açúcar e com afeto

Deraldo Mancini

CRM-PR 1832

Pediatria

Umuarama - PR

Quem me despertou a paixão pelo forno e fogão foi a saudosa Ofélia Anunciato, há mais de quarenta anos. A culinária é uma excelente terapia para aliviar as tensões do cotidiano quando feita entre amigos, por prazer, sem compromissos.

Ofélia começou em Santos, vindo logo em seguida para São Paulo. Na TV Tupi, ela participou do programa Revista Feminina, que era dirigido por Abelardo Figueiredo, grande nome da televisão.

Pioneira no gênero, ali ficou mais de 10 anos, transferindo-se depois para a TV Bandeirantes, onde permaneceu por mais de 30 anos com a Cozinha Maravilhosa da Ofélia, ensinando seus quitutes e iguarias com zelo, simplicidade e competência. Grandes nomes da culinária internacional passaram pelo seu programa. Hoje, acredito, não há sequer um canal de televisão que não tenha um espaço dedicado à arte de cozinhar. E tudo começou com ela.

Escreveu mais de trinta livros e na sua simplicidade era admirada por adultos e crianças. Nasceu em Itatiba, interior paulista, e morreu em São Paulo, em 1998. A primeira vez que a vi, ensinava um risoto com ervas finas. Senti que poderia fazê-lo e fui à luta, tendo a família como “cobaia”. Foi um sucesso. Nunca mais parei de cozinhar.

Àqueles que ainda não descobriram essa alegria, recomendo entusiasmaticamente. Em lugar de ficar, aos domingos, no boteco da esquina jogando conversa fora, aceite este desafio: vá à cozinha, arregace as mangas, coloque um avental e embriague-se com os delicados e divinos aromas que se exalam das caçarolas, panelas e frigideiras, sejam elas de barro, de ferro ou de alumínio, não importa.

Delicie-se com as fragrâncias dos cozidos e refogados e torne-se íntimo das especiarias. Nada se iguala aos odores do alecrim, da sálvia, do tomilho, do manjeriço e do orégano. Descubra esse mundo de perfumes e de prazer. Sua família lhe ficará grata e seus amigos mais ainda! Nada melhor para estreitar amizades do que o comer juntos, já sentenciavam os romanos com indiscutível sabedoria.

Bom apetite!



Batalha perdida

Alexandre Curi Ferraro

► Acadêmico de Medicina PUC-PR
Curitiba - PR



Pelejo para respirar
Pulmões doentes não permitem
Tento manter-me vivo
Mas hoje não consigo mais
A dor me consome
Leva à exaustão

Cada fôlego, uma batalha
Uma batalha que não se pode vencer
Suor escorrendo em minha testa
Já não há mais o que fazer

Transformo-me em um monstro
Resistindo para manter-me vivo
Mas o desejo de ar
Nunca se satisfaz

Destruindo tudo ao redor
E por quê?
Por que seguir no prélio?
Sem forças para levar uma guerra
Me rendo!
É preciso parar!
Hoje, não luto mais
Esta batalha está perdida.

Senhor D

Úrsula Bueno do Prado Guirro

CRM-PR 25.634

Anestesiologia

Curitiba - PR

Um dia fui chamada para conhecer o senhor D e, como fui descobrir depois, sempre seria sorridente.

As palavras *câncer* e *dor* predominaram na nossa primeira conversa. Ajustei os medicamentos e prometi voltar amanhã. Naqueles dias tivemos muitos sorrisos, “volto amanhã” e “fique bem”.

A dor insistia em aumentar, mudar de lugar e pedir uma dose maior e assim nunca nos afastamos. Eu era a médica, mas senhor D era meu professor. Ele me ensinava a sorrir diante da dor e da morte.

Não era um sorriso de quem ignora o que está acontecendo. Ela sabia que a morte estava mais perto a cada dia. Era um sorriso de quem sabia que hoje seria melhor que amanhã.

Um dia o paciente-professor me ensinou que amanhã será depois de hoje, então hoje ele estava feliz por estar vivo e amanhã era um problema para resolver depois de hoje. E não só sorriu, deu gargalhadas!

Outro dia o senhor D me ensinou a rezar, pegou-me desprevenida e abriu a Bíblia, só depois se preocupou em saber se eu teria fé e concluiu a nossa aula dizendo que o Deus dele olharia por todos e não se importava que eu não acreditasse muito.

Na nossa última aula eu acreditava que enganaríamos a morte mais alguns dias e assim nossas aulas continuariam. Quando nos despedimos com “*até amanhã e fique bem*” e ele me respondeu sorridente “eu estou ótimo, mas a senhora vai ficar bem?”.

No dia seguinte ele sorria deitado, mas não respondia pelo meu chamado e em mais um dia não estava entre nós.

Meu professor sabia viver hoje e morrer amanhã, sorrindo.

Tanto amor

Mariane Corbetta da Silveira

CRM-PR 11.221

Ginecologia e Obstetrícia

Curitiba - PR

Sábado pela manhã, enquanto tomava meu café e lia meus *e-mails*, recebi esta imagem de uma amiga que a recebeu de um amigo.

Ambos são patologistas e ganham a vida vendo, analisando e diagnosticando imagens de doença e morte.

Nesta manhã, de presente, ele encontrou essa imagem. Mandou para ela, que encaminhou para outros amigos entre os quais me encontro.

Brinquei com ela perguntando se eram histiócitos fazendo uma declaração de amor ou um câncer dizendo que só o amor te salva.

Ela riu e prontamente respondeu que, com efeito, trata-se de um carcinoma ductal mamário - o material do centro é necrose - esse é o tal do comedocarcinoma ruim pra kct.

E lá estava a imagem tão bonitinha, de um câncer de mama assumindo a forma do coração em cartão postal do Dia dos Namorados.

A morte assume estranhas formas.

A vida também.

Normalmente escolhemos qual queremos ver.

Não pensamos nisso.

Não gostamos de pensar.

Deveríamos.

Há cientistas que dizem que os cânceres são causados, em grande parte, por grandes traumas sofridos.

Na minha prática médica normalmente encontro também essa co-relação.

A dor extrema sofrida e não metabolizada causa uma morte dentro de nós.

Essa morte, cedo ou tarde, se manifesta em alguma parte do organismo.

A dizer-nos: “decifra-me ou te devoro”.

Muitos amores na nossa vida fazem o mesmo.

São os desencadeantes do trauma que originam o tumor.

Que vêm duramente nos dizer que devemos aprender a amar a vida.

Tantos andamos morrendo por aí.

Tantos outros matando. Matando-se.

E um patologista ao analisar um exame encontra uma declaração de amor à vida.



Adágio

Sérgio Luiz Schloegel de Azambuja

CRM-PR 6670

Pediatria

Curitiba - PR

AS ASAS DA MORTE!

LUA MATINAL,
FOCO SOBRE
A DANÇA TÂNTRICA
NO *HALL* DA MONTANHA RAINHA.

O RETORNO DO POETA:
BEM-VINDO À SUA CASA!
OS TORMENTOS DAS TARDES,
AS TEMPESTADES DAS NOITES
CESSARAM
BEM-VINDO À MONTANHA RAINHA!
NÃO MAIS SE EXTINGUIRÁ O BOLERO DE RAVEL...

ELE DANÇA
UMA CANÇÃO ÁRABE,
BEBE DO VINHO DE RUBAYAT,
RABISCA MAIS UM POEMA
E EU APENAS DECLINO MINHA PENA
POR NÃO PODER MAIS.



OLHOS DE BARRO
MÁSCARA CERAMIZADA, TEZ CERA.
UM POEMA APENAS OU
UM POMAR DE POEMAS.
O POETA VIROU POEIRA,
O POEMA PAIRA EM LETRAS.



Sinfonia da existência

Carlos Homero Giacomini

CRM-PR 7451

Pediatria

Curitiba - PR

Os moradores da floresta da chuva contam a história de uma família e sua harpa paraguaia que passa de geração em geração. A tradição manda apresentar a harpa para as crianças da família quando completam cinco anos, e todas podem dedilhar suas cordas - trinta e duas - despertando memórias ancestrais com seus sons maravilhosos, nos tons maiores das melodias de boas-novas ou nos menores dos cantos de saudade e tristeza.

Dizem que na casa da harpa havia um menino que passava os dias a balançar o corpo, com desconforto na presença de pessoas. Quase não dizia nada e parecia não amar nem odiar ninguém. Mas era atraído pela harpa paraguaia, tal qual houvesse entre ambos uma incontornável imanência redentora.

Quando lhe permitiram ter contato com ela, bateu-a incerto e inseguro, olhando-a de um lado a outro, completando círculos ao seu redor, passando seus dedos sobre o verniz, tamborilando sobre a caixa de ressonância. Contam que teria fechado os olhos num estranho esforço de enxergar melhor e, furtivamente, tangido uma corda aleatória, abrindo um grande sorriso às primeiras vibrações do som brando que se fez. Mas em outra tentativa, malfadada, não houve sons e seu rosto se crispou expressando, mais do que frustração, abandono e desespero, como se a dádiva há pouco descoberta, tivesse tornado a se perder na noite silenciosa de seu desalentado interior.

O pai, querendo aliviar-lhe a dor, atacara as cordas brandindo vá-

rias ao mesmo tempo numa explosão de sons desconexos aos quais o menino, com a cabeça entre as mãos, já não podia prestar atenção.

Durante muitos dias ele expressou uma perplexidade triste, contido mas ainda em si mesmo, enquanto em seu rosto escorria dor. Depois, somara a harpa aos objetos de sua indiferença como se ela, muda ou soando, não mais existisse.

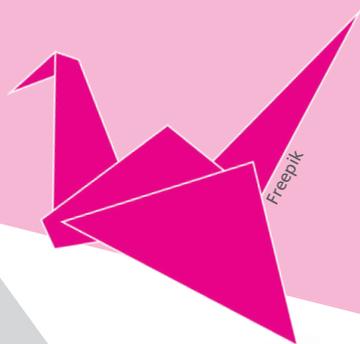
Mas o tempo foi passando e na sua solidão o menino cumpria seu caminho às voltas com luzes e sombras, pelos pântanos da reflexão e por toda a poesia, eternamente aprisionado, sempre fugitivo, das cavernas de Platão. Prosseguia, tateante, por qualquer possível narrativa, preso à matéria, substância de suas possibilidades de transformação e de seus limites de crescimento, buscando construir sentidos e significados, a partir de sua mente e seu produto, o intelecto, limite passadizo de sua natureza secundária que estaria predestinado a superar, lançando à luz a fração transcendente de sua humanidade.

E contam que um dia, sem que se soubesse por quê, o menino voltou à harpa paraguaia. E foi como se a música dançasse em torno dele como os *quarks* e os bósons, os prótons e elétrons, em fulgurantes balés nas órbitas atômicas; e as notas se espriassem pelas rotas da síntese dos átomos de hidrogênio e hélio, das moléculas de carbono, do DNA; e fizessem vibrar cada célula das fibras do coração do menino que sente; e desenhassem curvas que emulam o traçado dos pulsos elétricos do seu cérebro que pensa; e fossem retransmitidas pelas cordas de sua garganta que vibram no prodígio da linguagem; e cada fragmento que integra uníssono a melodia fizesse fremir a capa de carne de seu corpo inteiro; e tal tremor expandisse a sinfonia que acariciava todas as pedras, todas as plantas e cada um dos animais; e as frases musicais se desprendessem no Éter e engendrassem a sinfonia épica das cidades e civilizações e mundos; e, transcendendo os limites da Terra, com seu hálito confirmassem cada planeta companheiro em sua rota na dança em torno dos sóis.

E como inconcebível cortejo de uma inconcebível viagem, a música do menino seguiu eterna jornada para além do conglomerado de

Perseu, para as galáxias dos confins do Universo, lugares insondáveis aonde vai e vai e vai, sem nunca porém desconectar-se da frente do menino.

E então ele soube, e aquietou-se repousando sobre o pescoço da harpa, e suas mãos ficaram mais e mais suaves sobre as cordas, e os sons foram se apagando até o silêncio quase completo, mas retornaram avolumando-se gradativamente, e harpa e menino e silêncio e música, imanados pelo Mistério, prostraram-se como Alma Única, fractais do Universo em veneração.



Freepik

Meu nome é Felicidade

Jeanine Berbel

▶ CRM-PR 7163

Clínica Geral

Londrina - PR

Muito prazer, meu nome é Felicidade!
Eu visito você de repente.
Mas não faço alarde, antes. Nem durante, às vezes.
Posso ser bem discreta quando quero.
Sei que costumo ser esperada, muito ansiosa, até.
Mas o que me move não depende de mim,
Do meu desejo de abraçá-lo...sempre.

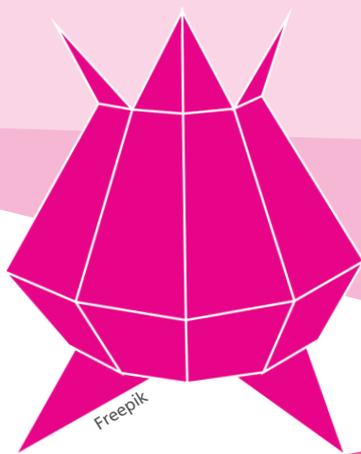
Eu visito você de repente.
Parede que é sem avisar; não é?!
Você não percebe, mas espero que esteja pronto.
Acompanho-o de perto, assunto você em silêncio
Antes de assomar, mostrar-me, patente.

Eu visito você de repente.
Nem sempre vou com aviso
Ou simplesmente quando anseia,
Mas quando está preparado.
Eventualmente entro pela frente,
Entretanto, adoro as frestas.
Somo como vento, um elemento invisível.
Aérea, sou brisa que se sente,
Etérea... e evidente:
Não deixo dúvidas de estar.

Pouso a face, sem sorriso.
Eu visito você de repente.
Vou presenteá-lo... quando é momento de festa,
De celebração no céu... da sua alma.
Aporto de súbito, mas com calma: nada de invasões.
A minha força é a de alterar estados, mudar modos,
Transformar tempo em presente...
Inclusive de memória doce, depois,
Sou causadora de eternidades.

Se não tenho aparecido pra você,
Não é porque não me mostro,
Mas porque não me vê.
Vou muito a seu encontro, disfarçada.
Sua ideia de mim é que é errada.
Me deseja e não me crê.
Não captou que não chego pela porta,
Mas pelo peito. Olha, olha bem fundo!
Não lá fora. Pra eeeeeeste mundo... interior.
Prepare-se para mim.
Cuide de cuidar do coração.

Lembre, não sou matéria,
Sou emoção!



Só tenho uma língua, mas sou bilíngue

Paola Figueiredo Mylla Todeschini Alves

CRM-PR 22.004

Psiquiatria

Curitiba - PR

Baseado numa história real, que não ocorreu com a rainha!

A menina Rosa, de 4 anos, senta no quintal da casa da avó para fazer um desenho de presente para sua mãe. Enquanto isso, o Sr. Ronaldo, o avô, está colhendo frutas para o café da manhã.

Rosa separa as cores que vai usar, mas se esqueceu da mais importante, justamente a preferida da mãe: o laranja. “Esqueci laranja”, ela grita. O avô, muito solícito, leva imediatamente uma laranja para a menina. Rosa reclama: “não, vovô, o senhor não entendeu”!

O avô pergunta se ela então quer manga. A menina chora, pois está calor e quer continuar de regata. “Só quero terminar o desenho da mamãe”!

Diva, a avó, ouviu toda a divertida conversa e chegou com o lápis solicitado. A casa deles está em reforma. Ela pergunta ao marido se teve notícias do banco. Ele responde que o marceneiro ainda não ligou, mas já avisou que os móveis vão atrasar porque teve que ir para Brasília. A avó ri, dizendo que estava se referindo ao capital da obra, e para sua surpresa o marido concorda: “Sim, Brasília, a capital do Brasil, é para onde nosso marceneiro viajou”.

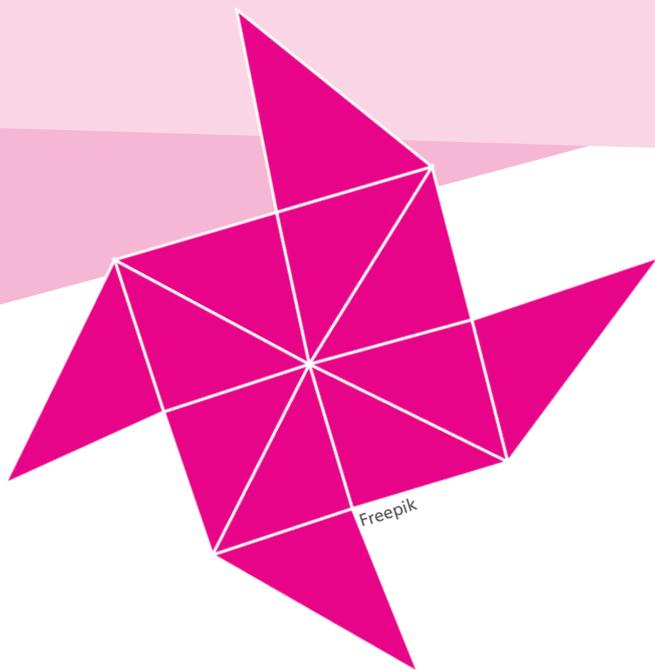
A avó entra em casa rindo muito. Decide se comunicar com o marido através de um bilhete, desconfiada da surdez do companheiro. Ele entra em casa também, e vai até o escritório. Da sala, ela grita: “traz uma folha para mim, por favor”! Ao que ele prontamente responde: “Já limpei todas as folhas secas do quintal, estão no lixo”. Diva sorri, e vai atrás do bloco de recados da cozinha.

Com o desenho pronto, Rosa pergunta que horas a mãe vai chegar. O avô acha que perto das seis e meia. A menina chora de novo. “Já disse para o vovô que estou com calor, prefiro ficar descalça e de regata”!

Diva ri demais e indaga alto: “Que língua estamos falando?”

Rosa responde: “Só temos uma língua, vovó, cada um fala com a sua!”

Diva “cai” na gargalhada, mas por sorte não se machuca! O avô, após ler o bilhete da esposa, finalmente compreende a confusão linguística e se pega “rolando de rir”. Aliás, nem se pega, nem rola! Rolando é seu nome! Essa anarquia não tem fim. Não, é monarquia! Ah, que confusão! Não foi dito que não foi com a rainha?



Expectativas do ofício

Suelen dos Santos Henrique

- ▶ *Acadêmica de Medicina – 6º Ano – UEPG*
Ponta Grossa - PR

O que te tocas na dor alheia?
O medo de padecerdes também?
Ou o simples olhar de gratidão de outra alma humana?
O que te comoves fala sobre ti

O que te moves a persistires no cansaço?
Velejar no mar sem fim só para apreciares suas águas claras?
Ou a busca de uma recompensa, de um tesouro perdido?
Talvez, nunca encontres

O que te impedes de desistires?
O julgamento de malfeitores que te condenam?
Ou a incapacidade de mudares a rota e começares tudo novamente?
Se não mudas, é porque ainda te cativas

O que aprecias na arte deste ofício?
O prestígio social que te concederam e do qual se vanglorias?
Ou o estilo de vida que te prendes em liberdade?
Pode ser apenas o conhecimento que deténs

E aonde esperas chegar?
No topo, onde ouvirás os mais altos aplausos?
Eu, a lugar nenhum
Só acho que o caminho me basta.

Insônia

Edu Giacomini

CRM-PR 29.449

Psiquiatria

Cascavel - PR

Acordo às três da madrugada sem que o telefone toque ou um morcego colida com a janela. A noite é silenciosa e morna como uma boia pousada sobre o espinho - iminente, quase invisível. Quando me sento na sala e digo “tenho insônia, doutor” e de lá saio carregando pílulas brancas, não digo tudo... digo ansiedade, terror noturno, não sonho mais, digo até mesmo que isso acontece na família há anos. Não confesso que levanto às três para te procurar pela casa, que observe com cuidado os movimentos das réstias flagrando sua possível sombra, que arrasto móveis, vou ao quarto dos fundos e olho sob a cama, espreito no corredor as entradas e saídas dos cômodos, abro a geladeira em completa loucura.

A solidão pode ser uma espera tácita, tão diferente da menina que aguarda o trem que, em adiantamento ou retardo, chegará. É esse sem-horário de sono, é levantar-se na madrugada, fazer café, regar as plantas e ir à janela no justo momento em que uma ambulância histérica rompe o nada das ruas anunciando aos gritos – o quê? Finjo, em alta noite finjo um ato de despertar súbito, acender cigarros e escrever poemas, de pensar no dia, talvez. Teatralizo o andar pelo chão escolhendo a cor dos azulejos onde pisar, uma dança, quem sabe? Corto unhas, sussurro músicas no escuro, acendo e novamente apago as luzes. Qualquer jogo vale, qualquer encenação para que não se revele que isso aqui é vida. Depois de décadas, tenho cada mínimo espaço vasculhado sistematicamente numa métrica cartesiana, os cantos, o telhado e até dentro das louças - você nunca estava. Tudo, tudo remexido, revirado e re-revirado, se essa palavra existisse. Se existisse. Chego a me perguntar se algum dia minha casa viu mesmo a presença

do seu corpo, um mínimo traço do seu cheiro, um fio de algodão caído de sua camiseta, seus sólidos e seus líquidos – não disse, aprendi também a procurar por vestígios, não sei se como quem se contenta com migalhas, ou como quem investe contra a insanidade que seria verificar sua sempre ausência. Mas há um espaço inexplorado que quase nem a mim confesso: o espelho.

Antes da ordinária busca, antes mesmo de conferir as pilhas da lanterna, recolho toalhas e lençóis e cubro os espelhos da casa, objetos diurnos diante dos quais retocamos a maquiagem, apagamos traços, cobrimos com peças da nova estação a vergonha de termos um corpo e com a última moda escondemos a brecha por onde alguma nudez, no outono passado, ficou à mostra. Ali, nos enfeitamos com qualquer acessório que possa desviar o assombro de sermos humanos, que nos classifique únicos e afaste de nós as medidas comuns, tudo em vão, pois permanece, a cada dia, o desconforto de sermos espécie, esse desconforto que tornaria estranho o ato andar pelas ruas sem um elástico apertando a cintura ou um sapato esmagando os dedos.

Depois de devidamente cobertos e do cordão do robe bem atado ao quadril, estou mais confortável do que no universo solto do sono, sigo à procura hoje como ontem, como anteontem e amanhã. A rotina, então, invade a sala em calma mórbida, retoca as aparas da vida que não se expande e assegura que não haverá desfecho imprevisível, lançando sobre o amor vestes de inconformado presságio. Então, a perfeita métrica da solidão: a sequência das noites insones, a porta que não se abre e o covarde que, disfarçando gravidade, observa tudo com plena consciência do estático, como se cumprir uma jornada fosse favorecer esse repetir à mesma medida, como se amar nascesse de alguém que cruza a rua e resolve tocar a campainha, e não de um homem nu entregando-se frágil e precário diante do próprio reflexo, rompendo a borda do simulacro que chamamos de destino, e finalmente penetrando na noite em que nada se procura, e tudo se mostra. Noite em que os espelhos da casa jogam com luzes vermelhas chegadas da rua, às três da madrugada, quando ambulâncias anunciam que ou se nasce, ou se morre, ou se nasce, ou se morre ao limite exato da manhã.

Mania: soneto para ler em alta velocidade

Eduardo Alcantara Quidigno

CRM-PR 31825

Psiquiatria

Curitiba - PR

Tudo está tão rápido
Rápido assim que o lítio se foi
Rápido para o rei, isso que eu quero ser
Não consigo pensar, mas penso demais

Penso tão rápido, eu sei tudo
Mas não penso direito, mas tudo sei
Meu corpo está enérgico
Estou irritado
Eu choro
Eu dou risada
Eu corro
Começo falar e não paro mais
Eu sou tudo, menos alguém que dorme
Tudo de bom, sou rei, sou grande, euforia, euforia, eu ria...

Entregar-se

Renata Kozłowski Bekin

► CRM-PR 16.424

Oftalmologia

Curitiba - PR

O que de verdade significa entregar-se?
É se entregar de verdade a algo ou alguém.
Em um relacionamento será que devemos
nos entregar verdadeiramente a alguém?

Talvez a resposta seja positiva,
se não nos anularmos ou esquecermos de nós mesmos.
Mas do contrário, se a entrega for unilateral
ou não nos colocarmos em primeiro plano, não vale a pena.

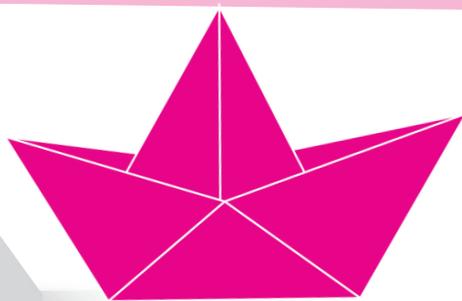
Mas quando a entrega acontece frente
uma doença física ou mental;
real ou imaginária;
não é algo muito positivo.

Pois quando nos entregamos
frente às adversidades da vida,
fica mais difícil enfrentá-las.

O progresso de uma doença, ou uma enfermidade
torna-se mais evidente e sua melhora cada vez mais tardia.
Não acredito que a entrega frente a algo
seja sinal de fraqueza, talvez medo do que está por vir.

Mas ao encarar os fatos como eles são de verdade
faz com que tenhamos força pra encarar a realidade.
E fazer dela nossa maior aliada,
lutando contra as adversidades de forma realista e verdadeira.

Para seguir em frente
e viver da melhor forma possível,
com dignidade e cabeça erguida.



Freepik

A camisa mágica

Marcos Antônio da Silva Cristóvam

▶ CRM-PR 12.725

Pediatria

Curitiba - PR

A mãe entrou no consultório do pediatra com uma face que mostrava preocupação. Embora o bebê de apenas 9 meses dormisse tranquilamente em seu colo, o pediatra a cumprimentou e falou:

- Por favor, senhora T, sente-se... e foi direto à queixa principal - O que acontece com o Dudu?

- Dr., na verdade agora ele está bem, o problema é que ontem ele teve uma crise de choro que nada o consolava...

- Ele teve febre?

- Não, senhor.

- Ele está mamando bem?

- Sim, senhor.

- Humm!!! Teve algum sintoma de gripe? Tosse? Coriza? Está evacuando direitinho? Tem dor para urinar?

- Não!!! Nada disso.

- Coloque-o na maca para eu examiná-lo por favor. E tire a roupa dele.

A mãe fez o que o pediatra pediu, este por sua vez examinava o bebê com toda calma que lhe era peculiar. O lactente se mostrava alegre, sem alteração alguma ao exame clínico segmentar, ao que o médico disse:

- Pois bem, o Dudu não apresenta no momento quaisquer doenças. Peso e altura adequados, desenvolvimento neuropsicomotor excelente...e a mãe interrompe o pediatra.

- Dr., lembrei de uma coisa que talvez seja importante...

- Pois não, diga...

- É que a crise de choro de ontem foi logo que o pai dele partiu, chorava e jogava a cabeça para trás, nada fazia parar choro, eu já não sabia mais o que fazer, pensei até em levá-lo ao plantão, mas... O senhor sabe né, o pai dele é caminhoneiro, vive viajando, saiu logo após o pôr do sol, desde então o Dudu chorou até...

- Até o quê?

- Até que lembrei que o choro poderia ser a ausência do pai, então coloquei uma camisa do pai no Dudu e daquele momento em diante, ele foi se acalmando, parou de chorar e dormiu a noite toda... O senhor não acha que podia ser a ausência do pai?

- Sim... Leve o Dudu para casa e qualquer problema me procure...
E a mãe, dando adeus, partiu.



Lapetiteprune/Freepik

O outro do médico

Nelson de Andrade Oliveira

▶ CRM-PR 8237

Psiquiatria

Curitiba - PR

Um Médico quando nasce...!
Não sabe para ou por que é que vai
Para onde ele vai...!
Com esse desejo?

Avoado desde pequeno
Acho que foi uma “Varíola Minor...?”
Fui ver se dava para “fazer-de-conta”
Em adotar a representação de médico

E desde o primeiro momento
Do primeiro ano da residência
Fui me dando conta...!
Do lugar em que havia me metido!

Pulei sem piscar os olhos
Por essa janela de paisagens absurdas
Ao ir descobrindo apavoradamente...!
Como a gente era constituído!

Não era e nunca fora
Sem desvendar o primeiro enigma
Nunca fui eu sozinho...!
Eu existo por conta do “Outro”

Quem são esses Outros
Que são como todos os outros
Tal como nós somos?

Fiquei por aí anos...!
Com tantos e tanto por dentro!
Como por fora de mim!

Até chegar diante
De toda finalidade da arte
E da sua representação fidedigna
O Paciente propriamente dito!

Convidam-me pra viajar
Entrar e sair de avião
Em aeroportos plenos...!

Ou desfrutar do lazer
Da boa comida
Ao lado de gente bonita...!

Sei lá se foi sorte ou azar
Só sei que achei meu lugar
Ao lado dos meus pacientes!

Todos têm meu celular!
A não ser obviamente
Alguns raros inconvenientes!



Estou triste

Cyro Jardim

▶ CRM-PR 35.825

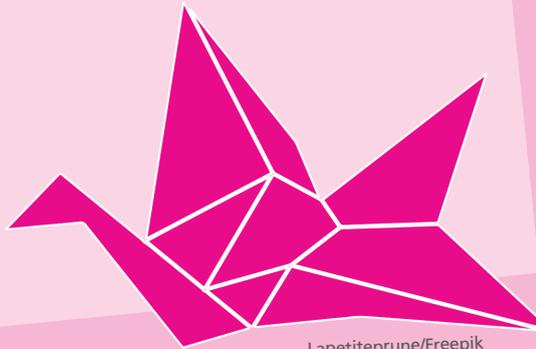
Geriatría e Gerontologia

Joinville - SC

Hoje estou triste.
Por quê?
Vejo a vida escorrer e escapar
no dia a dia da mesma
mesma mesmice!

Estou triste.
Entra dia e sai dia,
tudo vai e volta
para ficar tudo na mesma,
mesma mesmice.

Estou triste
porque nada muda
porém mudanças há
para ficar tudo na mesma,
mesma mesmice



Lapetiteprune/Freepik

Para o meu pai

Isabelle Luvizott da Silva

- ▶ Acadêmica de Medicina – 7º Período PUC-PR
Curitiba - PR

Eu sempre achei diferente
O jeito do meu pai de ser médico.

Já na escola as crianças tinham essa ideia
De que médico era muito bem de vida
De que médico tinha carro chique, caro
De que médico vivia em uma casa grande
E que tinha tudo assegurado na vida

Mas quando eu olhava para o meu pai, nunca vi nada disso
A gente sempre morou num apartamento simples
Meu pai a vida toda dirigiu um carro velho
Que enquanto desse para remendar usava aquele mesmo!
Ele economizava sempre e me ensinava a valorizar bastante o dinheiro

Ele sempre andou de um jeito engraçado e falou com os pacientes de uma forma que na época eu não entendi ser o jeito como se fala no interior

Um sotaque profissional: já de cara os pacientes abriam um sorriso!
Várias vezes confundi os pacientes do meu pai com amigos de longa data

Pela forma como eles tinham carinho um pelo outro
Eles não sentiam aquele abismo
Entre médico e paciente
Se sentiam na presença de um amigo

Na época era até meio frustrante

Porque eu não entendia o porquê de a gente não poder ter o que -
diziam - todos os médicos tinham

Não entendia como os outros médicos chegavam em casa com for-
tunas

Mas o meu pai chegava com potes de mel, ou ovos caipiras do in-
terior

Ou ainda peixes, bolachas e doces caseiros

No seu aniversário, ele voltava do trabalho com sobras de bolo

E eu não entendia se ele estava voltando mesmo do trabalho

Ou de alguma festa

(E que eu não havia sido convidada!)

Foi só quando mais velha que eu entendi que o meu pai não era o
tipo tradicional de médico

Que trabalha em grandes hospitais e ganha fortunas

O meu pai trabalha no interior, em uma cidade pequena

Com uma população pequena

Mas que precisa, e muito, de alguém que lhe dê atenção

E o meu pai sempre teve o melhor sorriso

O melhor senso de humor

A maior empatia

E o maior coração do mundo!

Não, o meu pai não é o médico estereotipado

O que muita gente imagina e quer ser

Com fortunas, carros caros, vocabular rebuscado e apartamento
na praia

Mas ele tem uma coisa muito melhor:

O carinho de todos a quem ele atende

E um orgulho que não cabe em mim!

Eu te amo, papai!

Desculpas de um médico

Marco Antonio da Silva

CRM-PR 12.587

Clínica Geral

Curitiba - PR

Eu queria pedir desculpas

Por todos os momentos em que eu não pude estar próximo,

Por todos os dias em que eu fiquei estudando em casa em vez de ir
ao seu aniversário

Ou ao churrasco de domingo na sua casa

Ou ao chá de bebê do seu primeiro filho.

Eu queria pedir desculpas

Por todos os almoços na casa de minha mãe a que eu deixei de ir,

Por todos os plantões que eu peguei em Natal e Ano novo

E por causa disso fiquei longe de todos vocês.

Quando me disseram que a Medicina exigia muito de mim,

Eu achei que eles se referiam a uma dedicação grande, mas huma-
na.

Eu não imaginei que ela ia me custar a minha vida pessoal também,

Que ia me custar amizades de que eu não pude cuidar

E outros relacionamentos que não duraram

Por falta de dedicação,

Por falta de cuidado,

Por falta de tempo.

Eu queria pedir desculpas

Para todos aqueles que eu magoei,

Para todos aqueles de cujas vidas eu me ausentei

Porque estava em um plantão, ou em um estágio

Ou em casa estudando mesmo
Mas, acima de tudo,
Eu peço desculpas por ter mudado
O meu jeito de ser,
O meu jeito de cair em gargalhada ou de me exaltar quando o meu
time perdia.

Na verdade, não me lembro da última vez em que fiz qualquer uma
dessas coisas.

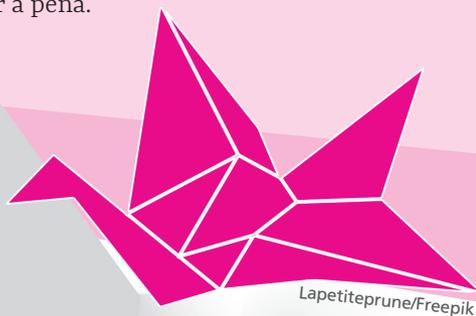
Sim, a Medicina tomou muito de mim
E sei que ainda vai tomar muito mais,
Mas a gente se mantém firme
Por causa daquelas pessoas que também estão pedindo desculpas
Por não comparecerem nas festas de família,
Por não poderem estar em casa com aqueles que amam,
Por não poderem estar com seus amigos,
Por não poderem estar onde querem
Com quem querem
Da forma como querem
Por estarem lutando com todas as suas forças e, mesmo assim, não
está sendo o suficiente.

Eu queria pedir desculpas
Por desapontar vocês, sabendo que às vezes vocês precisam de mim,
Mas eu faço isso porque tem gente que também precisa
E que também estão longe.
Às vezes, eu sou o único sorriso que aquelas pessoas vão ver
O único Bom Dia que vão receber, a única conversa que vão ter
Seja sobre futebol, sobre novela, sobre os netos
Sobre o que elas quiserem conversar e não tem ninguém mais ali
para ouvir

E é por isso que, apesar de todo esse sacrifício, eu tento não me
importar

Porque sei que vocês estão em boas mãos,
E que sabem que eu os amo
Muito, muito, muito

Por favor, me desculpem
Por tudo o que a Medicina tirou de mim
E peço que, por favor, entendam
Que, apesar de tudo, eu estou feliz
Que eu faço tudo isso com prazer
Pelos amigos que ainda vou fazer
Pelos sorrisos que ainda vou receber
Por todos os pacientes cujas vidas eu posso mudar
É certo, eu não posso curar todos
Mas eu posso, com toda a certeza
De alguma forma
Ajudar a tornar as coisas um pouco melhores
E isso faz tudo valer a pena.



Lapetiteprune/Freeepik

Três mortes em uma

Yuki Rezende Shibata

CRM-PR 28.993

Clínica Geral

Curitiba - PR

O primeiro a morrer depois que você morreu foi aquele você que existia fora de mim.

Morreram seus nomes que existiam nos papéis. Sumiram os papéis. Foram banalmente jogados fora. Morreu seu cheiro nas gavetas. Gavetas que guardavam suas roupas que acabaram sendo lavadas, doadas, eliminadas. Morreu seu jeito de deixar as coisas. Seu jeito de bagunçar a cama e seu jeito de guardar as coisas nos armários e na geladeira. Morreram os sons que você fazia pela casa. Morreram aqueles barulhos que eu ouvia assim que abria a porta de casa e me faziam simplesmente saber que você já estava lá.

Depois que você morreu, morreu também o você no mundo.

Mas depois outro você morreu bem aos poucos sem eu perceber claramente. Foi o você em mim.

Foi-se apagando como se passasse uma borracha. Centenas ou milhares de dias vividos com você. Um se apagou, e outro e mais outro. E os tempos presentes que vieram depois de você viravam passado e passaram a ocupar cada vez mais seu lugar. E seu rosto e sua risada e seu cheiro e seus barulhos. E seus tantos sinais no mundo que na época eu percebia tão bem e hoje já não sei mais dizer. Hoje apenas sei que tanto existiu. E só. Muitos e muitos espaços na minha memória. Você um dia esteve em todos eles. Hoje só sei que você esteve. Sei que muito de você em mim existiu. E mais nada.

E o tempo passou e passa.

E o tempo sempre me mata um e outro você que vivia em mim.

E você vai ficando pequena. Sem rosto. Sem voz. Sem barulhos.

E onde estão aqueles mil dias ao seu lado? Viraram apenas um nome e um “sei que um dia existiu”.

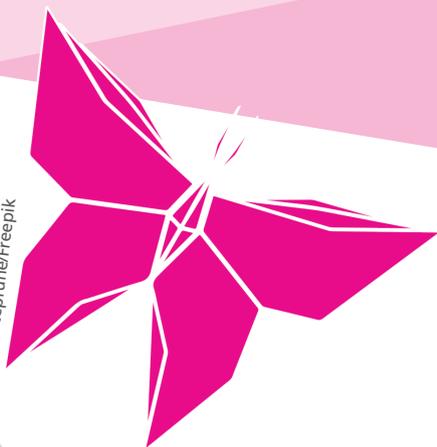
Porém meu amor...

Ainda há sua última morte. Sua terceira e última morte.

Sua última morte será a minha morte. Quando seu último rosto, sua última risada, seu último cheiro, seu último jeito de ser que ainda resistiu em algum canto de minha memória desaparecerá comigo.

A minha morte será a sua morte final.

Lapetiteprune/FreePik



Paliar é viver

Cesar Iria Machado

CRM-PR 18.033

Clínica Médica

Foz do Iguaçu - PR

Viver é trajetória.
Morrer é processo.
Vida é ciclo.
Morte é transformação.

Desmistifiquemos a morte.
Valorizemos a vida.
Bom ânimo ajuda.
Otimistas partem bem.

A vida finda.
Os feitos permanecem.
O passado interessa.
Façamos o bem.

A alma importa.
Medicina é cuidar.
Cuidemos da alma.
Pacifiquemos a consciência.

Humanizemos o morrer.
Tratemos o sofrimento.
Quem palia, humaniza.
Paliar é viver.

A vida após a outra

Amanda Quaresma Hoffmann

- ▶ Acadêmica de Medicina - Unicesumar
Maringá - PR

Aquele senhor lá estava...

Olhando, observando, vendo a vida passar.

Esta já tinha passado e continuava a caminhar.

Os olhares cansados...

Cada ruga uma história, um amor.

Prontos para o esperar.

Os olhos molhados, chorando, aos prantos e mergulhados em outro lugar.

Onde será?

Um vilarejo, um certo lugar.

A esperança de viver para morrer e não terminar para começar.

Assim não irá adiantar.

Com o amor não há mal a ganhar.

O senhor, com o coração batendo...

Viveu, cantou, dançou, amou.

Terminou. Chorou. Se foi.

Uma mão apareceu.

De quem será?

Deus.

A luz límpida e fina apareceu.

Agora sim.

O senhor poderá se entregar.

A casa e a sombra

Cláudio Luciano Franck

▶ CRM-PR 14.353
Medicina Intensiva
Curitiba - PR

Nem um pouco cansado e sem nenhuma preocupação em encontrar um destino, percorre trajetos aleatórios que apenas lhe agradam. A sensação de pertencer ao ambiente, mesmo que não o conheça, lhe traz plenitude e segurança, como se tudo já estivesse planejado.

Ouve água gotejando e vê uma pequena bica d'água. Fica eufórico, pois a sede é o único desconforto do passeio. Após muitos goles vangloria-se:

- A água ganha vida... – Sente-se poderoso pela capacidade de transformar moléculas em vida ao incorporá-las, porém repensa e reformula a frase com sensatez: - A água permite a vida! – Persiste reflexivo: - Por quantas vidas essa água já passou?

Saciado, retorna à sua caminhada e depara-se com uma casa em uma pequeníssima ilha envolta por um riacho azul celeste. A casa possui uma geometria quadrilátera e se sobressai por sua incrível robustez compacta. Algumas plantas trepadeiras esverdeadas sobem suas paredes amarelas até alcançarem o telhado vermelho, composto por blocos de telhas retangulares muito grandes e pesadas para o tamanho da edificação. No frontal da casa, uma ampla janela envidraçada e um pequeno átrio azulado com uma porta lilás entreaberta. A lâmpada acesa clareia bem o interior da residência, permitindo que se veja o brilho da parede estanhada da sala contrastando com a opacidade de uma sombra humanoide acobreada no canto direito da janela. Encaminha-se abstraído por uma escadaria estreita, iluminada por lâmpadas arredondadas instaladas em pequenos postes, até transpassar uma pequena ponte e chegar à casa ilhada. Espia pelo vão da porta lilás e confirma a hipótese de que a sombra existente pertence a alguém, o qual ordena lá de dentro:

- Entre, finalmente você apareceu!

Com medo, paralisa e estremece. Mais um comando vem em seguida:

- Venha logo! – Alguns segundos de silêncio: – Sei que me procura há tempos...

Mesmo assustado, o intrometido empurra a porta lilás e lentamente adentra a casa em direção ao sujeito que permanece estático e falante:

- Demorou bastante! Precisa de muita coragem, não é?

- Eu não sei... acho que cheguei aqui por um acaso. – Agora os dois estão frente a frente.

- Quem caminha ao léu não chega aonde quer?

- Talvez... – Inseguro e preocupado com uma impressão estranha.

- A caminhada sem rumo foi a escolha que permitiu o acaso trazê-lo aqui... – continua: – E apenas quem busca seus próprios caminhos encontra o certo.

- E por que você? – Perturbado com a sensação de que conversa em frente ao espelho.

- Porque somente eu posso lhe dar as respostas de que você precisa...

- Quem és tu? – Questiona ansiosíssimo.

- Adivinhe, não há como errar.

- Sinto algo inexplicável, parece que o conheço! – Responde angustiada.

- Claro que me conhece, pois sou a essência da sua existência.

- E por um acaso você é a minha própria vida? – Interpela com ironia.

- Pode ser, afinal eu sou quem você mais procura ... eu sou você! – Esclarece o destino.

As vicissitudes das escolhas criam o que o destino nos faz ser ... reconhecer-se sempre!

No politécnico

Mariana Queirós Longo

- ▶ Acadêmica de Medicina – UFPR
Curitiba - PR

Tem doutor
Pra tudo que é lado
Peixólogo coadjutor
Que mata até peixe afogado

Tem aluno fantasma
Estudante zumbi
Fazendo quiasma
Entre outro mundo e este aqui

Mas falta um tipo de gente
Ainda não vi
Doutores do intransigente
Botam pingos nos is.

Faltam Clarices,
Vinicius, Meireles
João Cabral de Melo Netos
E seus inúmeros caracteres

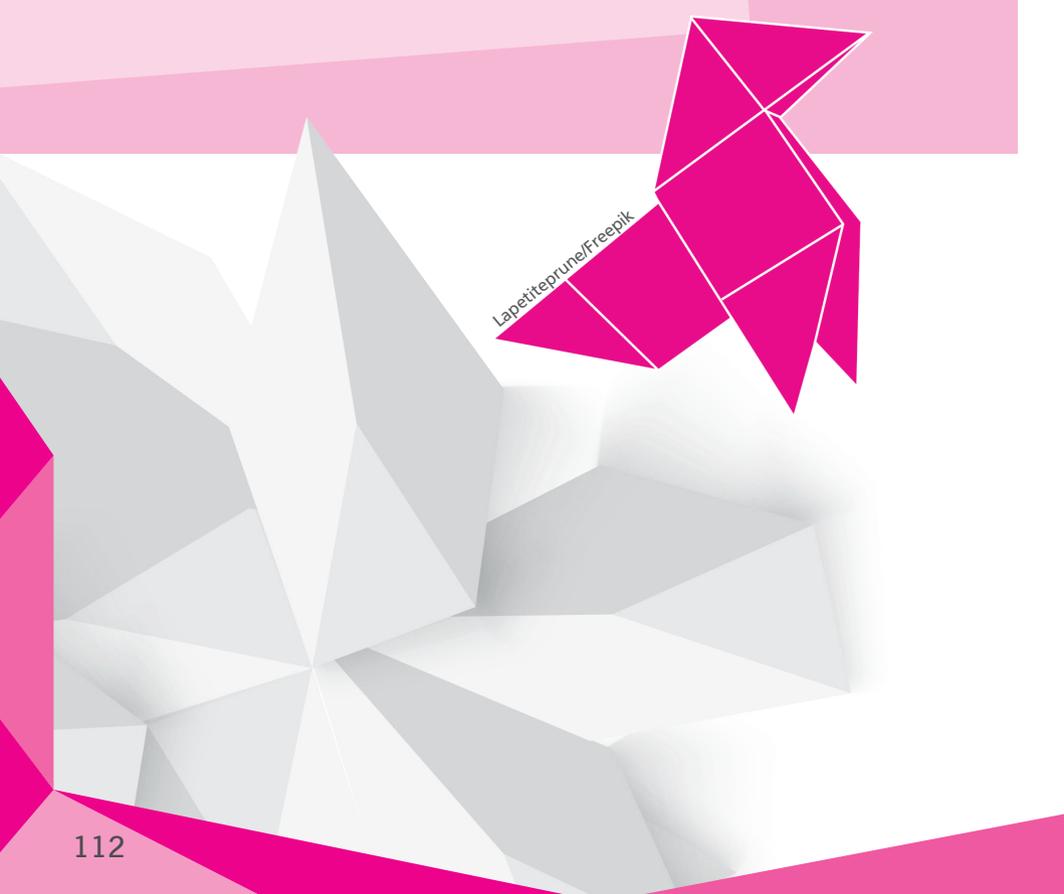
Faltam Coralinas,
Leminskis, Bandeiras
Carlos Drummond de Andrades
O rei da turma inteira

Na ausência de tanto sujeito
O que nos resta, então?

Eu? Meio sem jeito
Mas segue a conclusão:

Não tenho o sentimento do mundo
Em minhas mãos.
Nem consigo num segundo
Tecer a manhã, luz balão.

Mas tenho aquilo
Coisa de anatomia,
Cirurgião.
Herdei da taxonomia:
'Coração'.



Lapétiteprune/Freeepik

Nem tudo está perdido

Amanda Ferreira Rêgo

- ▶ Acadêmica de Medicina - 5º PUC-PR
Curitiba - PR

Após uma manhã sentimentalmente turbulenta, com o falecimento do meu avô, fui à rodoviária comprar passagens para ir ao funeral, que seria no interior do estado... No caminho da volta, enquanto eu entrava no “tubo”, escutei alguém gritando um “Moça!” (com muita dificuldade), atrás de mim... Olhei para trás e vi um senhor de cadeira de rodas, que deveria ter menos de 40 anos.

- Moça, você consegue me ajudar a subir essa rampa? Eu não tenho forças para empurrar as rodas - enquanto ele falava, eu vi que ele fazia um esforço imenso para movimentar a boca e falar.

- Ajudo sim, só um minuto.

Enquanto isso, eu tentava enfiar o livro (enorme) de bioquímica que eu carregava na mão, dentro da bolsa, que estava cheia de coisas.

- Eu consigo segurar seu livro... São só os meus dedos que não têm movimento... Por enquanto... - disse ele sorrindo de um jeito tristonho.

Entreguei meu livro e percebi que ele também movimentava o punho com dificuldade. Aquilo me lembrou muito a personagem principal de uma série japonesa que eu havia assistido, chamada *Ichi Rit-toru No Namida*, que em português significa *Um litro de lágrimas...* A personagem, chamada Aya, sofria com uma doença degenerativa do cerebelo, e essa doença fez com que ela perdesse os movimentos progressivamente.

Voltando ao senhor da cadeira de rodas, eu empurrei sua cadeira para que ele entrasse no tubo e ele me entregou o livro.

- Bioquímica... Você faz algum curso da saúde? - me perguntou ele.
- Sim, eu faço medicina.
- Em que ano você está?
- No primeiro, eu acabei de entrar...

- Você se interessa por neurologia?

- É uma das áreas que eu penso em seguir – respondi, apesar de não ter muita certeza daquilo.

- Eu tenho uma doença degenerativa chamada ataxia espinocerebelar... Já ouviu falar?

- Sim, conheço um pouco sobre essa doença – respondi. Sem ter a menor ideia do que poderia dizer, sorri tristemente, assim como ele havia feito antes.

Ele tem a doença da Aya, pensei comigo. A consciência fica “intacta” e o corpo vai morrendo aos poucos. Sem cura. Só piora.

- Quando o senhor descobriu? - perguntei.

- Descobri há três meses.

Enquanto eu pensava na rapidez do progresso da doença, meu ônibus chegou.

- Bom, meu ônibus acabou de chegar... Boa sorte e melhoras! - um segundo depois, eu me dei conta do tamanho da besteira que eu falei... Não tem melhora. Só piora.

- É degenerativo, não tem melhora... - ele me respondeu, enquanto eu entrava no ônibus.

- Eu sei... Mas não perca a esperança... -disse eu, tentando conservar as coisas.

- Nunca! - ele me respondeu sorrindo alegremente, enquanto as portas do ônibus se fechavam.

O médico lobisomem

Sidney Giroto

▶ CRM-PR 5918

Cirurgia Geral

Londrina - PR

Na década de 60 fomos morar na fazenda de café do Dr. Alberto, no Noroeste do Paraná. No vilarejo tinha um médico, dr. Vieira, um nordestino, muito magro, narigudo, rosto comprido, barba e cabelo comprido como se usava naquela época. Corria um boato que o tal doutor se transformava em lobisomem em certas noites, pois com frequência algumas pessoas viam um animal esquisito rondando o pequeno hospital que ficava no limite da cidade, perto de uma extensa mata.

Passado algum tempo, seu Romério, um capixaba, forte, corajoso, peão de uma fazenda na redondeza, achou por bem tirar essa coisa a limpo. Sérgio, o “guarda-livros” da fazenda, um jovem grandalhão, bem apessoado, que tinha uma mecha branca no topete e que causava “suspiros” nas mocinhas do vilarejo, foi “convocado” para ajudar na empreitada. Romério, que era bom de laço, por vários dias fez uma “ceva” com restos de carne na mata para que o tal animal viesse com frequência.

Certa noite de lua clara partiram os dois para a espera do animal. Sérgio, muito estressado, com uma espingarda “pica-pau” carregada até a ponta do cano, e que mal sabia apertar o gatilho, e Romério, com seu laço armado, ficaram horas à espera sobre um galho de árvore próximo à “ceva”. De repente ouviram passos e viram o animal chegar. Romério imediatamente lançou o laço conseguindo o alvo, mas Sérgio no susto disparou a arma para cima, assustando a todos e o seu companheiro soltou a corda facilitando a fuga do animal com o laço no pescoço. Com o susto, Sérgio meio desajeitado caiu sobre um galho e feriu o braço.

Voltando para a cidade tiveram de ir ao hospital fazer curativo. Era uma madrugada fria e lá veio prontamente o dr. Vieira para atendê-lo, com um cachecol enrolado no pescoço. Como não era de costume naquelas bandas o cachecol, os dois “caçadores” se entreolharam e surgiu a dúvida: será que feriram o pescoço dele com o laço? Dias depois o dr. Vieira, cansado da boataria e a perda de todos os clientes, partiu para outra região e nunca mais se ouviu falar no bom médico. Ah, quanto ao animal nunca mais viram o mesmo. Morreu ou ficou assustado e não voltou mais.



A grande virada

João Bosco Strozzi

▶ CRM-PR 11.380
Clínica Médica
Curitiba - PR

Era um agrônomo que se sentia fracassado. Trabalhava para o Estado, era divorciado e vítima de alienação parental. Usava a história a seu favor, mas a história lhe dera as costas. Achava que seus filhos, depois de estudados e independentes, iriam olhar para trás e clarear-se com a leitura de ensaios, artigos e teses sobre crescimento e desenvolvimento em ambiente dividido. Porém, durante a infância e adolescência, aprenderam a ver o pai como alguém que carregariam na velhice, pois não teria onde cair morto. Optaram pela distância.

O tempo passou e as condições do país pioraram, deixando na cabeça das crianças cada vez mais o receio de ter que levar um idoso já quase desconhecido para morar na casa deles e conviver com os netos, influenciando-os com os tantos defeitos que ele teria.

A natureza, no entanto, tem lá seus caprichos. O agrônomo havia idealizado e patenteado uma peça para uso agrícola que era praticamente um ovo de Colombo. Algo tão simples e tão fácil de ser implementado que ninguém havia dado importância nas tantas vezes em que tentara construí-la. Procurara investidores e todos eles haviam elogiado sua ideia, mas ninguém havia apostado nela. Quer dizer, quase ninguém. Um americano ficou sabendo do projeto e veio ao Brasil apenas para conversar com ele.

O americano era de meia idade e estava divorciado havia poucos meses. Sofria com isto e, em conversa regada a uísque com o agrônomo, se identificou com ele. A ideia, que já era boa, teve como imple-

mento o momento em que os dois viviam. Criou-se, por assim dizer, uma cumplicidade entre ambos, ainda mais porque ele se chamava Michael e o agrônomo Miguel. Dois dias depois do encontro étlico, o americano fez uma proposta: 5 milhões de dólares agora e participação de 3% nos lucros a partir do segundo ano após o lançamento do produto no mercado.

Miguel não sabia mais o que fazer. Na dúvida, fazia cálculos. E descobriu que havia ganhado um presente dos céus. Aliás, ele recalculava e se convencia de que não era um presente, pois via ali o produto de sua mente e de seu trabalho. Era apenas um grande e lucrativo reconhecimento. Agora, poderia ter seus filhos por perto, pois eles não apenas perderiam o receio de ter um fardo no futuro, como também iriam surfar com as boas novas. Continuou calculando, até que ligou para seu sócio americano.

- *Qual é mesmo o nome de sua empresa, Mick?*

- *Cunnings Agriculture, Miguel. Why?*

- *Look...na nossa conversa naquela noite eu lhe contei sobre o comportamento de meus filhos, certo? Preciso lhe pedir um favor, preciso apenas usar o nome da sua empresa, os custos serão meus.*

Mick concordou com a ideia, que assim aconteceu. Um advogado bateu à porta de um dos filhos de Miguel. Apresentou-se, entregou-lhe um cartão, e retirou da pasta três envelopes. Cada envelope tinha estampado o nome de cada um dos três filhos de Miguel. E disse:

- Eu represento uma empresa americana chamada Cunnings Agriculture, mais precisamente, Michael Cunnings, seu sócio-proprietário. Nós criamos recentemente uma divisão que trabalha na área de Alienação Parental. É o braço social da empresa. Nós recebemos incentivos fiscais para este tipo de trabalho. Olhe o conteúdo do seu envelope. Aí estão 10 mil dólares. São dez mil para você e o mesmo para cada uma de suas irmãs. O estudo que estamos iniciando é multicêntrico, isto é, está sendo feito em 15 países de quatro continentes. O objetivo é estudar as relações entre pais e filhos de casais separados. Nós optamos pelo estudo de filhos adultos, instruídos e empregados.

Vocês foram escolhidos junto com outros 6 casos no Brasil. Se vocês aceitarem, irão receber 30 mil dólares *per capita*, a cada três meses, por dois anos. Parece um gênio da lâmpada? Pois bem, pode ser para vocês, mas para a nossa empresa é apenas um detalhe contábil. Este adiantamento é de vocês, aceitem ou não participar do estudo. Se aceitarem, é só você me ligar e iremos discriminar os próximos passos juntamente com as suas irmãs. Ah...já ia me esquecendo, vocês terão que se reunir com seu pai uma vez por mês, enquanto perdurar o estudo. Isto é cláusula pética, pois foi ele o identificado como vítima da Alienação Parental.



Soneto de fim da indiferença

Débora Kureski

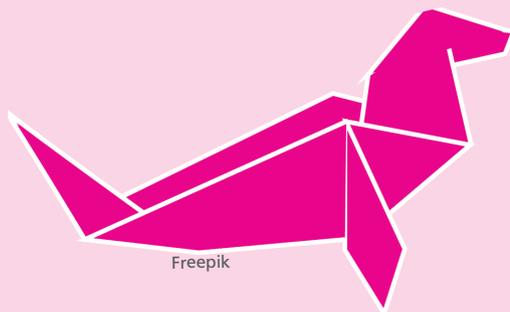
- ▶ Acadêmica de Medicina – Universidade Positivo
Curitiba - PR

Olha-me sem querer enxergar
Desvia, então, do reflexo possuído
Descontente abismo do distanciar
De dois iguais, caco partido

Volta suas retinas para mim
Relutante, sente meu calor
Tímido, queimando o com pudor
Temendo o nunca início nem o fim

Assim, aceitando-se, me abraça
Término entre fingidas apatias
Sentimento submerso em triste farsa

Ovelhas negras que de si fogem
Encontram carinho entre idas e vindas
Em pastos desertos, amar, podem



Freepik

Ser-no-mundo

Vanessa Santos Canossa

- ▶ Acadêmica de Medicina – 11º Período UFPR
Curitiba - PR

Um ser no mundo
E seu ser-no-mundo
Os seres e o mundo estão em constante mudança
E isso pode trazer esperança

Estamos sendo
E vivendo
Ou apenas existindo,
E nos extinguindo?

As relações com superficialidade
Continuarão presentes em nossa realidade?
Deixaremos rastros em nossos passos?
O essencial é invisível aos olhos

Vivendo ou existindo,
A vida no gerúndio
Está sendo construída
Até que seja interrompida

Então, tempo ainda há
De perceber se está sobrevivendo ou vivendo
Melhor mudar o presente e o que será
Do que morrer se arrependendo.

Um piscar de vida

Jaqueline Doring Rodrigues

CRM-PR 38.825

Geriatria e Gerontologia

Curitiba - PR

Oito da manhã de um domingo. Na televisão, ao alto, notícias sobre o mundo. Na cama, abaixo, um paciente no leito, com as funções do corpo reduzidas a engolir a saliva com dificuldade, respirar através do aparelho de ventilação mecânica, alimentar-se por uma sonda no estômago. Poucos que o cuidavam permaneciam após o tempo de meia volta do ponteiro dos segundos.

Sem poder falar, a comunicação era realizada através de uma placa com letras. Os dedos lentamente passando por entre elas até o comando, feito através de um piscar de olhos. Piscava e sorria, como quem agradecido ganhava o dia. Não escutávamos sua voz, porém seus olhos falavam tudo. Marejados ou não, sempre transparentes e profundos, ali dentro havia mundos. Um universo inteiro de silêncio e reflexão, inexplorado e vivo.

Foi ali que o conheci, diagnosticado há 2 anos com esclerose lateral amiotrófica, chegou neste hospital caminhando e trazia consigo a expectativa do tratamento alimentada pela sua fé inquebrantável. Esta que, a duras penas, mais tarde, descobri que também era resistente à limitada intelectualidade médica, a qual desqualificava seu potencial além do corpo devido às suas limitações.

Sua condição física contrastava com seu semblante diário de alegria e serenidade. Minha meta era abordar *cuidados paliativos e diretivas antecipadas de vida*. A cada conversa, o seu olhar de escuta ativa refletia meu rosto e minha voz, qual, feito eco, ia e voltava. Em pouco tempo ficou claro que ele era mais liberto e capaz na sua lucidez que muitos que ali entravam e saíam andando, ora falando, ora aspirando suas secreções. Delicado falar sobre limitação de suporte terapêutico

para alguém que se sente feliz, mesmo na mais cruel situação mundana ao nosso superficial julgamento. Como posso eu achar que tenho mais direito à vida por poder respirar e locomover-me sozinha, se posso por anos estar limitada às emoções mais baixas e presa em uma mente de desejos, usando da minha liberdade para até mesmo ferir o outro?

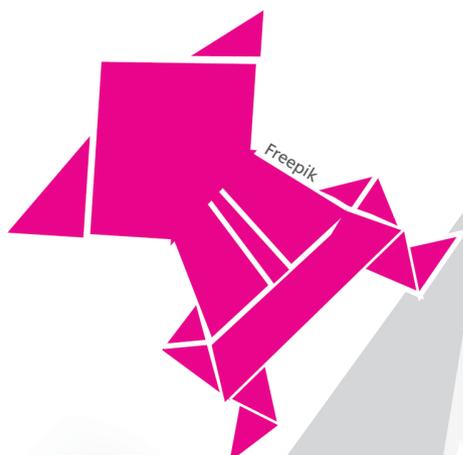
Vivemos apressados medindo o tempo em bulhas cardíacas, engolindo o ar com tanta ansiedade ao inspirar, tentando obter controle através da mente e, dia a dia, mais reféns dessa estrutura que nos aprisiona inconsciente. Essa que nos condiciona a limitarmos nossos potenciais latentes, a seguir um sistema fadado por suas próprias leis, e achar que tanta dificuldade faz parte do aprendizado. Pensamos estar seguindo nossos objetivos numa trajetória sofrida, quando nem sequer nos questionamos sobre o sentido da vida. E, ilusoriamente, a partir da satisfação de desejos agregamos valores no significado da nossa existência. Pergunto-me: há quanto tempo somos manipulados pelos monitores das grandes corporações que nos “tiram o ar”? Quem realmente vive às custas das máquinas neste andar?

Ao falar da morte, aprendia mais sobre a vida. Ele sentia-se todos os dias bem e almejava permanecer vivo para ver seus filhos crescerem, ainda que distante. Acreditava na oração, na meditação da compaixão, era um modelo vivo a todo espectador atento e sensível que estivesse disposto a agregar sentimentos virtuosos a essa rotina que limita nossa transcendência. Afinal, investimos boa parte da nossa vida no egoísmo, no materialismo físico, e nos esquecemos de todo um universo superior – e interior – mais sutil. Aprendi que ele era mais livre que eu, pois estava limitada nos preconceitos e na falta de humildade peculiar do homem quando começa a adquirir conhecimento. O bem-estar subjetivo não pode ser compreendido tendo como parâmetro o contexto de quem avalia, é pessoal e intransponível.

Quando a intimidade é de alma, perdem-se os referenciais humanos: há tempos ele havia passado a ser o médico, e eu revezava-me no

papel de paciente, irmã, filha e, até mesmo, mãe.

Lembrei-me do meu maior desejo: adquirir sabedoria. Hoje percebo que estava diante de um mestre durante esse tempo todo. Seus ensinamentos eram dados no tempo de um piscar de olhos, mas que eu poderia ter demorado uma eternidade para aprender não fosse ele.



A festa

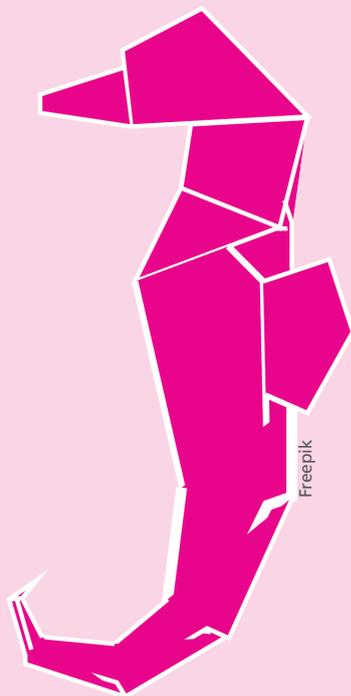
Mônica Jaques Spinosa

CRM-PR 20.060

Neuropediatra

Curitiba - PR

A mesa arrumada,
a sala varrida,
a roupa engomada,
a pele perfumada,
o sorriso vestido
no coração e na cara.
É noite de festa
na casa abandonada.
A mesa posta para você
que se foi antes da sua chegada.
A campainha muda
e anuncia o adeus da sua partida.
O relógio que não bate
espanca sereno as horas passadas.
Tenho minhas mãos no colo
e minhas pernas cruzadas.
A música vaga
no silêncio da aurora
que rompe a madrugada.
Me escondo do vento,
me sento sozinha,
me sinto cansada.



Freepik

Paz

Sílvia Yumi Yamamoto Miashiro

CRM-PR 27.492

Acupunturista

Apucarana - PR

Agradeço ao universo pela nossa alma imortal
Agradeço às pessoas insanas que mostram a imaturidade
Agradeço à vida por aprender a ter liberdade com silêncio mortal
Agradeço à morte por me ensinar a amar a imortalidade

Perdão à divindade da natureza pela falta de compreensão do ciclo vital

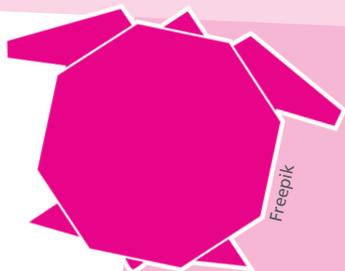
Perdão aos amigos pela minha racionalidade

Perdão ao eu superior pela irresponsabilidade de aumentar a energia fatal

Perdão à alma gêmea pela minha complexidade

Hoje peço PAZ

Hoje peço AMOR



O homem estátua

Richard Handerson Mendes Duarte

CRM-PR 35.047

Ginecologia e Obstetrícia

Curitiba - PR

I

Há muito tempo,
Numa cidadezinha de Minas,
Havia um homem estranho
Que víamos todo dia.

Eu era recém-formado.
Tinha ido pro interior
Pra experiência ganhar
Nessa profissão de doutor.

Todo dia quando acordava
O café na casa da namorada
Antes do trabalho que se iniciara
E o dito homem sempre estava
No mesmo lugar da praça.

Uma mulher sempre o levava:
Estampava um sorriso no rosto
Sempre que alguém o chamava.
E todos os dias por assim se foram
Sempre no mesmo lugar da praça.

II

Aquele homem nos intrigava:
Tinha um olhar pro infinito
E barba grande pra fazer!
E todos os dias de pé estava
Sempre no mesmo lugar da praça.

Seus olhos de folhas secas
O tempo todo fitava
Parecia ver algo muito importante
Nada seu olhar desviava.

Poesia, verso e viola,
Farra, pinga e foguete,
Na praça de dia ou de noite,

Fosse o que acontecesse,
Nada parecia mudar
Aquele poderoso flerte.

Procuramos saber quem ele era,
Contaram que tinha ido pra guerra
E como um soldado Caxias:

Posição de sentido todos os dias!
Numa ordem unida impossível,
Sempre no mesmo lugar da praça.

III

“Seu Dodo!” o chamavam
Todos os respeitavam
Como o médico da cidade
Volta e meia o visitava
Tentava entender aquele senhor:
Afinal, para onde ele olhava?
Sempre no mesmo lugar da praça.

Até que um dia algo estranho
Numa segunda feira se sucedeu.
Ele não estava mais lá!
Então cadê seu Dodo?
Sempre no mesmo lugar da praça?

Muitos indagavam.
Logo alguém avisou.
Assim todos compreenderam.
Vieram os filhos e levaram Dodo!
Disseram que estavam indo pra casa!
E nunca mais foi visto o homem
estátua.

A bruxa

Valdir de Paula Furtado

CRM-PR 1296

Hematologia

Curitiba - PR

Era o ano de 1492, no reinado de Charles VIII, na França. Em um vilarejo, às margens de um córrego. Uma viúva ia frequentemente ao pequeno cemitério levar flores para o túmulo do seu marido, Henri Levandeau, valoroso cavaleiro que morrera em uma batalha. Mme Levandeau era uma mulher de meia idade, já com algumas rugas no rosto, que ainda guardava um pouco da beleza de jovem, porém muito magra, o que chamava a atenção dos maledicentes da aldeia. "Vejam como é magra", diziam as beatas que a viam, "é castigo por nunca ir à Igreja!". Outras mais intolerantes diziam que ela era uma bruxa, pois vivia andando pelo mato, catando folhas de ervas que usava para fazer poções que vendia para as pessoas do vilarejo, como remédios para vários males. Muitas vezes suas poções e seus chás traziam alívio para incômodos tais como dor de dentes, tosse, febre, problemas intestinais, cólicas e outros. Outras diziam que ela usava as ervas para fazer decoctos mágicos que atraíam maus espíritos que ela incorporava. Diziam as beatas também que ela costumava tomar banho aos sábados, o que não era costume na aldeia e que ela o fazia por ser bruxa e receber o demônio à noite. Diziam que os homens que ela recebia tinham suas almas entregues ao demo, em troca de noites de orgia. Era também parteira, já tinha ajudado a colocar muitos bebês no mundo, porém, depois que começou a ter fama de bruxa, nenhuma mulher queria mais ser atendida por ela, porque, segundo as maledicentes, ela amaldiçoava e dedicava-se ao diabo, toda criança que ajudava a nascer.

O pároco da aldeia, padre Lescaut, era um feroz guardião da fé cristã, e vivia ameaçando os hereges com o fogo do inferno. Era o in-

quisidor da aldeia, homem de confiança do bispo Desmond, da prelazia mais próxima. O bispo Desmond, homem baixinho, atarracado, sempre de cara amarrada, que se impunha pelo terror que inspirava, não torturava diretamente ninguém, porque tinha carrascos de confiança para o exercício da maligna função. Dizia a população que a variedade de instrumentos de tortura que existia no porão oculto do palácio do bispo era assustadora. Era por sua vez de inteira confiança de frei Torquemada, o paladino espanhol da Inquisição, que na sua passagem pela França em 1480, o ungira como grande inquisidor da fé.

Em conversa com o bispo Desmond, o padre Jean Lescaut havia falado sobre a viúva Levandeau. O bispo quis saber se ele tinha alguma prova da bruxaria, mas realmente não tinha. O bispo porém insistiu que se fazia necessária uma investigação mais severa e se a dúvida persistisse, que a prendesse e torturasse para que confessasse seu crime. O que a Igreja não poderia tolerar era uma bruxa à solta, atraindo o diabo para a aldeia.

O padre aproveitou a confissão para interrogar os fiéis, principalmente as beatas, sobre a vida de Mme. Levandeau. Muitos defendiam a viúva, dizendo que ela era uma boa mulher, que não fazia mal a ninguém e que suas poções não tinham nada de mágicas, eram simplesmente medicamentos caseiros, feitos por uma pessoa que conhecia muitas plantas medicinais. Outros, principalmente as beatas, acusavam-na de ter parte com o diabo. O padre, querendo aparecer para o bispo, resolveu tomar a atitude de inquisidor, mandando prender a viúva. Muitos aldeões foram reclamar para o padre, dizendo que era uma injustiça e o único erro da viúva era atrair homens casados para o seu leito. O padre respondia que ela teria mesmo que ser punida, pelo pecado contra a castidade.

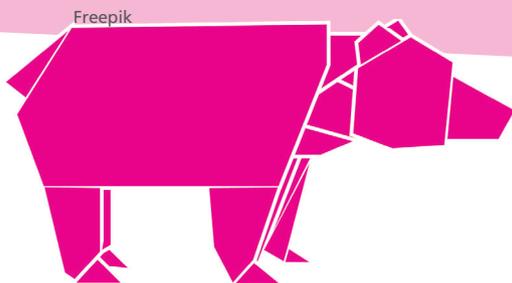
A pobre mulher foi selvagemmente torturada e acabou confessando o que o inquisidor queria, por não aguentar mais o sofrimento. Não satisfeito com a confissão de Mme Levandeau, o padre quis que ela acusasse mais alguma bruxa ou qualquer outro cúmplice da sua heresia. Ela a princípio negou-se a fazer isto, mas com a insistência do

piedoso guardião da fé, ela indicou dois cúmplices: o preboste da aldeia, Dominique de La Lavardière, homem truculento e mau, sempre presente nos tribunais da Inquisição, que tinha o maior prazer em assistir a uma execução e que, segundo comentários, também já tinha sido visto saindo da casa de Mme Levandeau; e o outro cúmplice seria o bispo Philippe Desmond, que era, segundo as declarações da viúva, um agente colocado pelo diabo no seio da Igreja para desmoralizá-la.

A princípio ninguém acreditou nas declarações da viúva, porém ela, já condenada à morte na fogueira, insistia, jurando sobre a Bíblia, mesmo alertada para a possibilidade de ainda salvar sua alma se mostrasse arrependimento.

O Cardeal Pierre Lenand, de Avignon, autoridade eclesiástica, a quem foi pedido o perdão da viúva, se mostrou implacável. O preboste por sua vez lutou como pôde para se livrar da acusação, mas foi condenado pelo tribunal eclesiástico. Um grupo de camponeses foi ao poderoso aristocrata Antoine de Mirabeau-Clichy, marquês de La Lique, pedir pelo preboste, porém o marquês foi inflexível, dizendo que iria ter problema com a Inquisição por cumplicidade com uma notória bruxa. Lá se foi para a fogueira, junto com a condenada, o arrogante Lavardière.

O bispo, não tendo sido poupado, foi submetido a um processo muito minucioso, que foi enviado para a Suprema Corte da Igreja. Demitido de sua autoridade, jurando sua inocência, definhou até a morte em uma masmorra escura e úmida no palácio episcopal.



Fé

Adriana Rodrigues da Silva Utida

▶ CRM-PR 15.696

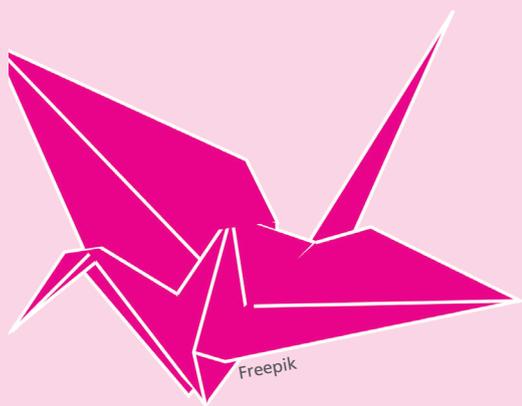
Clínica Médica

São José dos Pinhais - PR

Quero crer na genuína inocência de todos,
Na ausência de intenção em ferir.
Que nascemos fadados ao bem,
E que o mal é um infeliz acaso.

Que melhorar é o nosso destino,
E que o retrocesso faz parte da caminhada para diante.
Que é desejo, mesmo que velado, de cada ser,
Até dos que empurram,
Um fraterno e sincero abraço.

Que fazer mais é possível,
e se cada um for só doçura, existiram menos amargos.
Esperança insana e inocente?
Não, apenas Fé.



IDAS E VINDAS

Edmilson Mario Fabbri

CRM-PR 10.992

Cirurgia do Aparelho Digestivo

Curitiba - PR

JÁ BEBI LICORES DE TANTOS AMORES,
JÁ VIAJEI EM BALÕES DE TANTAS ILUSÕES,
JÁ JUREI CERTEZAS SOBRE O QUE NÃO SABIA,
JÁ NAVEGUEI EM ÁGUAS REVOLTAS E CALMARIAS,
JÁ CAMINHEI POR CAMINHOS DESCONHECIDOS,
JÁ FIZ PROMESSAS A SANTOS ESQUECIDOS,
JÁ VAGUEI PELOS QUATRO CANTOS DO VENTO,
JÁ DORMI EM PROSTÍBULOS E CONVENTOS,
JÁ VIVI MUITAS VIDAS,
JÁ MORRI MUITAS MORTES,
ANDARILHO APRENDIZ NESTA LINHA DO TEMPO,
ATOR OU ATRIZ MUDANDO DE ROUPA A TODO MOMENTO.

Sentimentos

Lorivaldo Minelli

CRM-PR 2671

Dermatologia

Londrina - PR

Ah! Se o amor fosse um sentimento
Controlado por nós;
Se a mente e a razão
Sobre ele predominassem,
Quantos sofrimentos deixariam de ocorrer;
Quantas tristezas e decepções
Deixariam de surgir;
Quantas horas de sonhos perdidas
Poderiam ser substituídas
Por sonhos felizes!

Bastaria buscar um pedacinho de nossa razão
Para dar fim a sentimentos infrutíferos,
Deixando em seus lugares um viver
Mais pessoal, independente e deixar-nos prosseguir,
Sem os dissabores que frequente e
Normalmente ocasionam.
Veríamos a vida somente em seu aspecto real,
Mais lógico, menos sonhos e projetos irrealizáveis.
Satisfaríamos apenas nossas necessidades básicas.
Deixaríamos de lado tantas situações
Que nos conduzem a um sofrer constante.

Mas não somos assim.
Vivemos de um modo todo peculiar,
Em que há situações que obrigatoriamente

Utilizamos nossa razão.
Outras em que não nos é possível dispensar
Nossas emoções.

Seja de um modo ou de outro,
O que interessa a mim é que me classifco
Entre os emotivos. Acredito mesmo
Que este aspecto se encontra exacerbado
Em minha vida.

Tento muito mudar este meu modo de ser.
Não tenho conseguido.
Que fazer então? Mais nada!
Chega, então, de sofrer por ser, querendo não ser...



Deus

Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv

CRM-PR 38.158

Estratégia da Família

Prudentópolis - PR

Deus, palavra pequena e de grande valor.

Levo comigo este nome por onde eu for.

Onde tu estás, que não te vejo?

Fala comigo em meio ao meu desejo.

Onde te encontro?

Venha logo ao meu encontro. Necessito do teu manto.

Aqueça logo meu coração que está em pranto.

Minha alma está tão fria que minhas lágrimas rolam como se fossem cubos de gelo escorrendo sobre meu rosto pálido e desfalecido.

Minha alma clama por ti.

Onde tu estás que não te vejo?

Fala comigo em meio ao meu desejo.

Venha logo ao meu encontro.

Necessito da tua direção.

Segura logo a minha mão, estou perdida neste caminho escuro, caminho de perdição, não encontro saída.

Estou em um labirinto, como caracol de espinhos.

Minha alma sangra, em espessas gotas de sangue, não vejo saída.

Onde tu estás que não te vejo?

Venha logo ao meu encontro.

Necessito do teu manto.

Chuva gelada, de granizo cai sobre mim.

Meu corpo trêmulo, fraco e quase sem vida cai.

Segure logo a minha mão.

Me levante, me erga com tua forte mão.

Sei que tu és forte.

Sei que tu és grande.
Sei que és meu aporte.
Não desisto de Ti.
Imploro que venhas ao meu encontro, pois não tenho mais forças.
Não quero lutar sozinha. Em meio a tanto sofrimento minha alma clama por Ti.

E quando já sem forças, pálida, trêmula, sangrando, respiração ofegante, com hipotermia, meu corpo flácido caído em meio as pedras do labirinto e ao gelo do granizo.

Quase cega, clamo pela última vez.
Onde tu estás que não te vejo?
Venha logo ao meu encontro.
Necessito do teu manto.
Pude ouvir, como uma voz de trovão.
Desperta! Desperta! Desperta!
Escutei teu pranto.
Eu sou contigo.
Sou teu amigo.
Sou teu porto seguro.
Segura meu manto.
Escutei teu pranto.
E ouvindo esta voz, forte como de trovão.
Em suspiro profundo, entro em êxtase profundo e sussurro, eu sabia que viria.

E acordei, e vi que tudo não passara de um sonho...



O silêncio subterrâneo

Aysla Rinaldo

- ▶ Acadêmica de Medicina
Curitiba - PR

Coragem, Jorge. Essa dor de cabeça só deve ser o cansaço. Vamos carpir esse terreno e logo você a esquece.

O dia se vai, mas ela permanece. Incomodando ali, mas em breve deve partir.

O sol nasce, brilha, ilumina ao máximo no almoço e depois começa a descer, até se pôr. Ela, porém, continua, na intensidade de um sol a pino. Depois de uns dias, de repente, uma chuva chega. A dor agora, não mais sozinha, traz um soluço, que já deve passar. Com um novo amanhecer, trovões rompem o céu e fazem estremecer a plantação. A dor então, intensa, se associa a uma crise convulsiva.

Mesmo com sua coragem, Jorge, não está mais suportável. Vocês procuram a medicina. Uma tomografia é feita. E uma maligna erva daninha está crescendo em seu jardim.

Silvana, querendo te proteger, não quer que você saiba a raiz de sua dor. Os médicos, na conspiração do silêncio, seguem a decisão de sua esposa.

A grama dos jardins cresce e está secando sem ter você para regar. Suas mãos que aram a terra e seus pés que desviam das mudas agora estão contidos em uma maca. Você, um homem forte, trabalhador, que ama sua família, que deseja ensinar o que aprendeu como jardineiro não entende, angustiado, o porquê de estar naquele quarto de hospital.

Não é inverno, no entanto a noite é mais longa que o dia, e as pancadas de chuva vêm. O trovão vem. Mesmo que você durma. Silvana, ao seu lado, exausta, permanece firme na tempestade, para que o jardim se sinta protegido.

Com um novo amanhecer, a notícia da possibilidade de se retirar a erva daninha pela raiz traz esperança. Apesar de resistente a princípio, sua família concorda que a enxada precisa ser utilizada. Jorge, você não ia apenas fazer um novo exame. Mas a conspiração do silêncio resolveu omitir o porquê de você ficar tantas horas sem comer. O porquê de rasparem metade de seus cabelos. O porquê de Silvana chorar ao te dar aquele beijo.

Agora o jardim é cavocado. É visto que as raízes são profundas. Não basta apenas uma única intervenção. Silvana não entende o porquê de a erva daninha não ter sido arrancada, mas confia que, com mais uma intervenção, o jardim voltará a florescer. Enquanto isso, você dorme.

Um novo dia vem e, após mais uma despedida, a enxada é usada novamente. A terra é afofada, remexida, limpa. Mas a erva daninha não pode ser retirada. Suas raízes se envolveram com as outras e, então, a enxada fere profunda e fatalmente uma nobre raiz...

E todas as raízes que faziam o jardim florescer não crescerão mais. As flores de Jorge não poderão mais exalar seus perfumes.

Jorge nunca soube que a erva daninha estava lá.

Agora, o que você vê, Silvana, são flores brancas que coroam o grande jardim da sua vida, que repousa, estático, como que adormecido, diante de seus olhos. E a chuva que rega esse jardim são suas lágrimas...

Coragem, Silvana. Você foi sol, foi abrigo, foi chuva, foi adubo. E o jardim de Jorge floresceu muito por você. Agora, mesmo distante, seu jardim pode continuar florescendo por ele e pelas flores que vocês plantaram juntos.

Coragem. Mas agora a chuva precisa cair.

Ó Santa Terezinha

Mateus Luz Ruela

CRM-PR 36.365

Clínica Médica

Florestópolis - PR

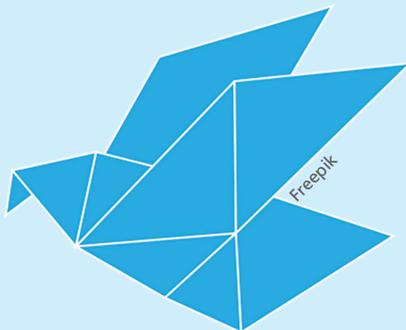
Ó Santa Terezinha,
sei que pode custar a acreditar.
Eis-me aqui a lhe falar
das minhas confissões mais profundas.

Sei também
pouco contato a gente tem
mas um tempinho para prosa
creio não fazer mal a ninguém.

A mim me foi dito.
Parece que não foi Santo Expedito.
A senhora, na hora em que foi chamada
amada por uma mãe desamparada,

colocaste um menino nesse mundo
e eu, que não sou mudo, pergunto:
Por que o interesse?
Por que o pedido atendeste?
O que teria de especial
no choro neonatal?

Que razão
motivação
solução
tenhas tu pensado?



contarias se a tu fosses solicitado?

qualquer resposta viria a ser de bom grado
pois eu crescido e bem alimentado
já não tenho direção
já não sei o que se passa nesse meu coração

vivo porque vivo
já não tem mais emoção

Santa Terezinha
Ó Santa Terezinha
Me dá sua mãozinha
E coloque na minha cabeça.
Peço que cresça vontade no peito
Porque assim desse jeito
Ficarei bem satisfeito.

...

Me desculpe os versos toscos
Mas imagino seu rosto
E nele, talvez, consiga enxergar
Um sorriso a se desenhar

...

Agora,
olhando assim, parece
Que essa prece é até da bonitinha,
Ó Santa Terezinha!

Olhando assim, parece
Que me apetece
A poesia que se desfia

E desafia o conhecer
Do meu próprio ser

Em mim há a suspeita
De que sua interseção foi ligeira
E na beira desse quase desamparo
Paro, penso e me ponho a escrever
Seguindo o prazer de a mim mesmo entender.

Percebo minha vontade de compreender a realidade.
Percebo meu desejo de viver na incerteza dessa correnteza que é
sentir,
Sem plano cartesiano seguir.

Só então percebo que o caminho de libertação é, senão, minha pró-
pria inclinação
E, por ora, digo não ao que vem de fora.

Eu sou capaz de ser
Sem ordem de capataz e dizer:
Ninguém sou eu mais do que eu
Sobre quem pendeu o nome Mateus.

Ó Santa Terezinha!
Que ingenuidade a minha
Achar que a resposta estaria posta
Sobre as costas do outro,
Pois verdade não é ouro
Que como tesouro há de ser buscado.

A verdade é mais como barro molhado
Moldado e tratado pelas mãos
De quem não acovarda

E sabe que não tarda nem falha
Se na vida permanece na aguerrida vontade
De impor a felicidade
Por inteiro
E não só a metade.

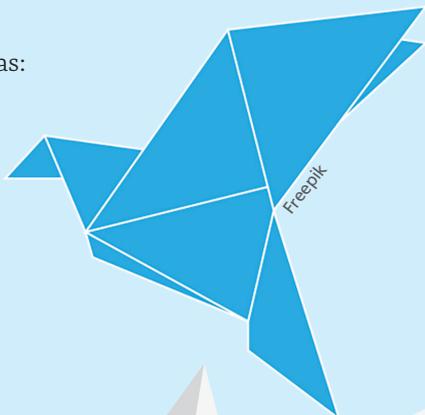
Agradeço neste momento,
Pois de nascimento
Sei que posso contigo contar

Santa Terezinha
Ó Santa Terezinha
Eis-me aqui a lhe falar
Das minhas certezas mais profundas:

Um dedo de prosa faz bem
Faz muito bem

Vida que segue

Amém



No coração do mundo



Lorena de Freitas Calixto

- ▶ Acadêmica de Medicina – UEPG
Ponta Grossa - PR

Ela chegou num dia atípico, num clima atípico, numa cidade atípica e num humor típico. Chegou sorrindo, apesar de não saber o que encontraria após as escadas do metrô. Na recepção do hotel, um ucraniano deu as boas-vindas após fazer o *check-in* do suíço. Ela subiu os quatro lances de escada até seu quarto, encontrou a cama G na qual passaria suas próximas 3 semanas. Seja lá como elas seriam, sabia que ao fim dos dias estaria ali, mas de preferência até as 23 horas, afinal as outras 20 mulheres do quarto precisavam descansar. Olhou para o lado e, na tentativa de fazer política de boa vizinhança, se apresentou à australiana que estaria lá por um tempo que ela não entendeu muito bem devido ao sotaque, mas não importava, ela estava ali. Acomodou suas coisas no caixote abaixo da cama e trancou tudo com cadeados, afinal a avó disse: “Não confie em ninguém, filhinha!”. Foi fazer reconhecimento do local, talvez alguma amizade para a vida toda, nunca se sabe. Subiu novamente os quatro lances de escada pensando em como usaria a máquina de lavar e a secadora horizontal.

A primeira semana estava reservada para viajar e dedicar seu tempo aos amigos. O primeiro era o francês, veio, foi excelente companhia, mostrou a cidade e se foi. Os outros dois eram brasileiros, agora era a vez de ela mostrar o Palácio de Buckingham, a Tower Bridge, a Trafalgar Square. Contudo, com eles veio a chuva e o vento, mas a cor e o calor brasileiros foram superiores. Vieram, foram excelente companhia, conheceram a cidade e se foram. Agora sim, ela deveria pensar sobre as semanas seguintes, pois o estágio era o objetivo principal.

Acordou antes do despertador. Menos mal, assim não atrapalharia aquelas ainda nos braços de Morfeu. Era hora de usar o ferro de passar roupas. Como ligar? Parecia com o de casa, mas a dinâmica era outra. Não era o de casa. Pediu a ajuda a alguém que sabia. Terminou de se preparar e seguiu ao hospital.

No elevador, até o oitavo andar, estava rodeada de brancos, pardos, negros, amarelos, vermelhos e dourados, nenhum azul. Uns com o corpo todo coberto, outros com turbante, outros com quipá, outros como se fossem na praia e outros encontrar a rainha. E foi assim os demais dias que se seguiram do Ground Floor até o 8th South.

Ela esperava ser recepcionada pela japonesa dos *e-mails* trocados, mas foi a italiana que a orientou a esperar o supervisor grego. Ela ficou ali, treinando mentalmente quais as palavras a se dizer. Decidiram que para o primeiro dia iria acompanhar os pacientes do andar com a médica indiana. Era hora de presenciar o que somente via nos livros. Ficou maravilhada! Nos dias subsequentes o encantamento não foi diferente.

Acompanhou os procedimentos junto aos enfermeiros portugueses, praticou o francês com o argeliano que morava em Paris, trocou algumas palavras com a romena que arrumava o cabelo no vestiário, observou a seriedade da médica escocesa, a simpatia do médico britânico que aperfeiçoou seus conhecimentos no Peru e utilizou a paciência do doutor canadense.

Fora do hospital viu as chinesas carregando sua panela elétrica de arroz para cima e para baixo, a russa que lembrava sua irmã, a colombiana artista que tentava encontrar a si mesma, as irmãs alemãs e a holandesa que lhe acompanharam até a praia, o político marroquino que tinha feição de 20 anos, mas tinha 30 e o jamaicano que conheceu no ônibus de dois andares -tão falado pelo tio- enquanto ia à casa dos amigos para comer pão de queijo, bolo de cenoura e sentir um pouquinho do gosto de lar.

E assim, depois de tudo, retorna num dia típico, num clima típico, numa cidade típica e com um humor atípico.

Paternidade



Marcus Vinicius Keche Weber

CRM-PR 10.226

Psiquiatria

Curitiba - PR

Meu cérebro, tipo diferente de pássaro,

todos os dias desperta, levanta voo,

viaja longe, longe, sem aditivo

e depois retorna para o ninho,

onde bota um ovo diferente,

senta em cima e fica chocando.

Amadurecido o ovo, a casca quebra

e de dentro dele sai um pensamento.

Eu sempre acho que ele vai dizer “piu”

mas ele olha para mim seriamente,

por mais engraçado que possa ser, e diz:

“Pai”.

Um dinheiro diferente

José de Jesus Lopes Viegas

CRM-PR 5279

Ginecologia e Obstetrícia

Cascavel - PR

Na cidade da minha infância, Barra do Piraí o armazém do Tininho que deveria ser Tiliho (Atilio), mas não o era, ficava na esquina das Ruas Moreira dos Santos e Franklin de Moraes próximo ao Laticínio. Local de encontro de grande parte da população que fazia suas compras semanais e outras vezes diárias. Muitos das comunidades rurais vinham se abastecer de secos e molhados e efetuavam o pagamento em cheques.

Certa vez Sr. Tininho pediu a um seu empregado de confiança, mas de pouco estudo, que fosse ao Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais trocar um cheque. Lá chegando, o Valdemar dirigiu-se ao caixa, onde uma grande fila de pessoas aguardava para ser atendida. Prontamente foi atendido por um senhor que lhe perguntou o que desejava. Ele foi logo dizendo: “Vim trocar este cheque por dinheiro”, e entregou ao caixa. No mesmo instante, este lhe disse: "Iremos conferi-lo e já retornamos, fique com esta senha" e lhe entregou algo semelhante a uma moeda numerada com o timbre em alto relevo, bonita e pesada.

O Valdemar olhou para aquele objeto, olhou, não sabia ler, mas guardou-o imediatamente, virou as costas e saiu ligeiro para o armazém. Lá chegando, entregou ao Tininho, dizendo: “Esta deve ser uma moeda nova, mas pelo jeito com muito valor, pois o moço só me deu uma”.

O Sr. Tininho sorriu, agradeceu e ele mesmo foi ao banco resgatar o cheque, pois não queria causar constrangimento ao fiel servidor que achava ter cumprido com o seu dever.

Só saúde

Lucas Pereira de Moraes

- ▶ Acadêmico de Medicina – UFPR
Curitiba - PR

ar só, sem você
mas só, quando eu “tinha” você (tinha?)
e só sem você sei que o só
com você
é um só que - por mais que doa
soa menos sofrido,
ainda!

é que sem você sou tão só
que o só, com você, soa como...
aconchego
mesmo sendo, ainda só
um paradoxo
que é tão tóxico
que só com (muito) tempo
deixa de ser sofrido
como uma flor com espinhos
uma escada, um caminho
às pétalas formosas
que só o superar
e só ele
só ele
traz.
e só.

Manoela

Marilene Madsen

▶ CRM-PR 7902

Oncologia Cirúrgica

Curitiba - PR

Chegou do serviço cansada, os pés um pouco inchados pelo longo dia quase todo em pé. Abriu a porta do apartamento, disse o “alô” costumeiro e caminhou para o quarto, já com os sapatos na mão. Largou a bolsa pesada – “Porque carregamos tantas coisas dentro delas??” – tirou o casaco de lã e o pendurou no guarda-roupa. Esticou os braços, a coluna, despiu-se e entrou no chuveiro quente e acolhedor. Lá ficou longo tempo, meditando, revendo o dia e antevendo a noite. Alisou seu corpo com o sabonete suave, demorou-se nos seios e na barriga lisa, acariciou seu púbis e seu sexo, lembrando-se de como gostava de fazer amor. Fazia muito tempo já que não sentia os prazeres da carne, o tempo passava sem que se desse conta de que um dia havia sido fogaosa.

Enxugou-se devagar friccionando a pele ainda bonita, massageou-se com seus cremes, perfumou-se, vestiu-se.

A casa cheirava a temperos, havia gengibre, *curry* e canela no ar. Fechou os olhos por um momento e sentiu o aroma das amêndoas tostadas. Lembrou-se de que tinha fome, havia almoçado um mísero iogurte com banana. Encostou-se em seu esposo abraçando-o por trás, atarefado que estava em frente ao fogão. Sentiu suas costas largas e musculosas, enfiou o nariz em sua camisa sentindo o cheiro do homem que lhe havia dado tanto. Ele se virou devagar, abraçou-a docemente e a beijou com leveza, o costumeiro sorriso acolhedor nos lábios finos. O toque era de carinho e apreciação, manso e rotineiro. Manoela não pode deixar de pensar em quanto sentia falta do bei-

jo ardente, explosivo, possessivo, urgente. Mas sorriu também e levantou a tampa da panela aspirando o aroma delicioso do camarão à moda indiana, quase pronto. A mesa posta para dois, o vinho já aberto no recipiente gelado, a vela acesa no canto e as flores costumeiras no centro de tudo. A arrumação sofisticada exalava carinho e dedicação. Manoela aceitou o gole de uísque oferecido, cerrou os olhos e sentiu o ardor gostoso da bebida marcando seu esôfago, deixando na boca o sabor do carvalho envelhecido. Olharam-se, sorriram um para o outro, Carlos voltou a sua panela.

Enquanto esperava o término dos preparativos, recostou-se no balcão que separava a cozinha planejada da sala de jantar. Apreciou a movimentação de Carlos e admirou sua destreza em meio ao caos culinário sobre a pia e o fogão. Divertida, observava como ele sabia o lugar exato de cada item e como colocava rapidamente ordem na bagunça que organizara. Pensou que o amava ainda, diferentemente de quando se conheceram, tudo havia mudado. A casa, o *status*, os hábitos, os conceitos. A vida, enfim.

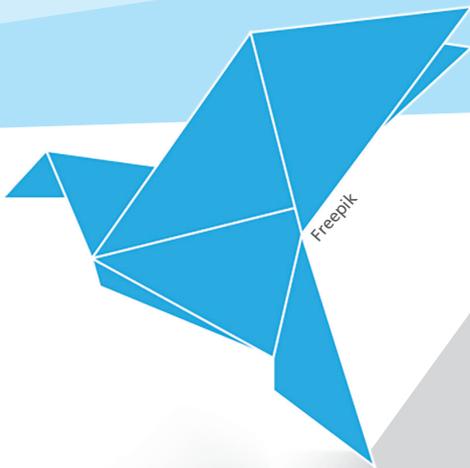
A um canto a voz doce de Chet Baker cantava exatamente o que Manoela sentia agora, neste momento especial de seu cotidiano: “The thrill is gone.... I can see it in your eyes, I can feel it in your sigh...the thrill is gone...” Prestou atenção e sorriu. Sim, o arrepio na espinha e o pulsar doido do coração haviam ido embora. As mãos suadas em cada encontro, o friozinho descendo pela barriga e se alojando mais embaixo.... tudo havia desaparecido. O sexo urgente, o desejo premente, o arrancar de roupas e os gemidos em cada canto da casa...ausentes agora. Onde foi que tudo se modificou? Qual foi o separador de águas? Quando aconteceu que as peles não mais pegaram fogo e sim, passaram a sentir a carícia terna do aconchego??? Manoela sorriu de novo, Carlos se virou como se percebesse seus pensamentos e lhe piscou o olho, em cumplicidade. Ela não se ruborizou, como antigamente soía, apenas retribuiu o gracejo com um beijo soprado de longe.

Carlos tirou seu avental e levou seus quitutes perfeitos à mesa. Serviu o vinho e galantemente puxou-lhe a cadeira para que se sentasse.

Deu-lhe um beijo na bochecha e se sentou em frente a ela. Brindou: “À nossa saúde...à nossa vida...à nossa casa...”

Manoela sorriu e retribuiu o brinde. Seu pensamento voou e pensou que poderia, neste exato momento, levantar-se e beijá-lo, esquecer o jantar caprichado e rolar no tapete da sala em um amor destemperado. E depois de tudo, decompostos, felizes e satisfeitos, dedicarem-se ao outro melhor gozo do mundo: a comida.

Mas ...não. “The thrill was gone.....”



Freepik

Verdadeiramente

Cláudia Cabral Dettmer

CRM-PR 15.427

Ofthalmologia Pediátrica

Curitiba - PR

Mente quem não sente
Uma pontada no peito
Ao ver o tempo passar
Escorrer entre os dedos
Como areia... Ar...

A mente mente!
Crenças, padrões
Medos, limitações...
Pensamentos viram vulcões
Que explodem
E fazem o corpo sofrer e sentir
Que a VIDA deve ser VIVA
Intensamente VIVIDA!

A mente mente!
Razão pode criar muita confusão
Nem tudo deve ser explicado
O coração também indica caminhos
CUIDADO!
A mente que mente pode levar para outro lado

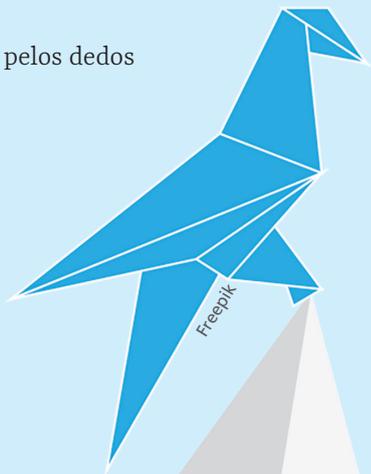
Com o tempo
O coração invade o pensamento

E a *mente* indica desordem
Mente!
Pois o equilíbrio coração-*mente*
Dá a ordem

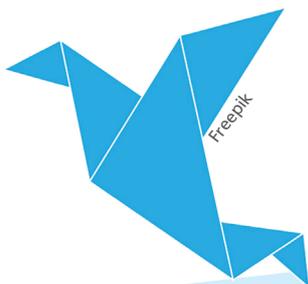
VIVA A VIDA
AME, AME-SE!
Descubra-se
Sorria, só ria
Dê a vida
Chore, perdoe
Viver é uma dádiva
Que o tempo deixa uma grande saudade

Saudade de um tempo que escorre pelos dedos
Tempo que não volta...
Mas volta sempre que acionamos
As recordações em *mente*

Ajuste a *mente*
Para estar sempre presente
Descubra-se!
VIVA intensamente
Deleite-se com o TESÃO
QUE A VIDA É!



Unidade



Junia Smal Staehler.

CRM-PR 15.360

Clínica Geral

São José dos Pinhais - PR

Abre a porta no corredor

Grita com voz cansada e monótona

“João Pedreiro das Casas

Maria Lavadeira das Almas

Paulo Guardião dos Anjos”

“Ai doutor, dói aqui, dói ali

Tenho fraqueza e tonteira”

Dor na alma, fraqueza no espírito...

“Podia dar atestado, doutor?”

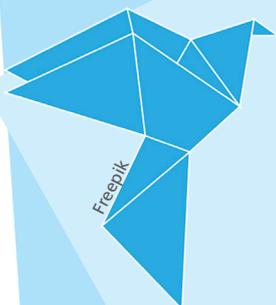
Dona Maria do Carmo

Mariana Cozer Siviero

▶ CRM-PR 37.391

Medicina da Família e Comunidade

Curitiba - PR



Na lírica loucura de Dona Maria
Encontro a insensatez bipolar
No acorde de um canto santo
Sublime a mente ao confuso pensar.
No bico de pato
A gadeia e o ato
A história e a estória
Dona Maria e Seu Carmo
(Diferentes, de fato)
E não menos real no mundo de lá.
E cá, e sã
Perseguição grandiosa
No delírio, o colírio
Que muda a lente e o que se vê
Que muda tudo
-que não muda nada-
E importa mesmo no que se crê.

Adversidades no jardim

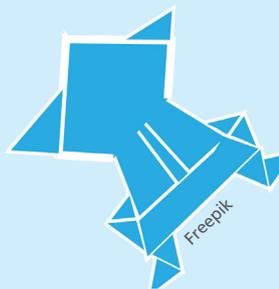
Juliana de Andrade Franchetti

Acadêmica de Medicina – 5º Período – FEPAR
Curitiba - PR

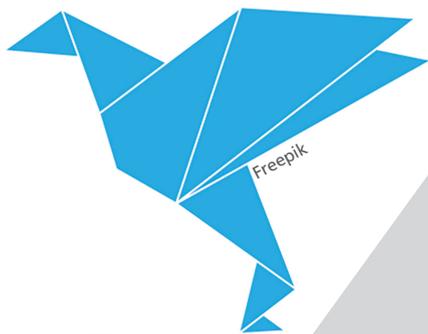
Quando a flor apodrece
No chão vira adubo
Quem diria que
O que um dia foi belo e perfumado
Faria o mesmo papel
Do defecado

Também as relações
Infinitas enquanto duram
Alegram os dias
Mas, aos poucos desgastadas,
Se decompõem
Em palavras podres
Lidas, ouvidas
e subentendidas

Mas, em todo caso,
Seja grato, até na dor,
Haja vista que fortalece a terra
E a prepara pra receber
Sementes escolhidas
De uma bela flor



Dizem os esperançosos
Que precisa adubar bastante
Oh, solo!
Lide com o odor
De tanta merda despejada
A título de amor



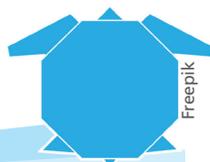
Sonhos e realidade

Jeferson Puppi Wanderley

CRM-PR 7163

Pediatria

Curitiba - PR



As razões de uma vida podem ser simples,
Alcançá-las é um objetivo constante,
Mas o destino parece determinado, não obstante
Sua busca incansável e incessante.

Dias e horas testemunham o quanto tentei,
Respostas e atitudes sempre vazias,
Sentimentos meus que nunca ecoam nos seus; tentei,
Na vã esperança alimentando os dias.

Cria que esse sonho viesse a se tornar real,
Dádiva que alguns poucos podem receber,
Tomar nos braços como parte do meu Ser,
Sentir o afago de um amor filial.

Agora, quando as rugas do tempo tomam lugar,
Sinto as esperanças me escaparem pelas mãos,
A realidade mostra que aquela imagem a me fixar
Era apenas a miragem de um conto que jamais existiu.

Ludibriar a tortura, fugir do abismo, não sei;
Talvez acreditar que o destino corrija essa falta,
Vislumbrar um novo rumo no horizonte, e partir,
Buscando no tempo o lugar que a todos deve existir.

Alice

David Esmanhotto

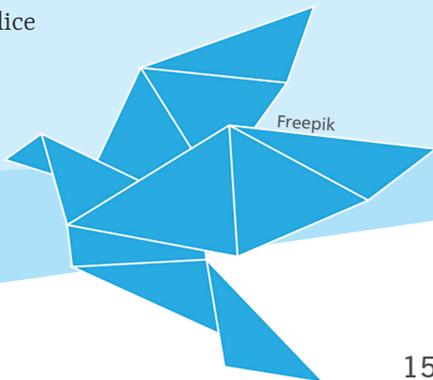
- ▶ CRM-PR 24.321
Curitiba - PR

Em meus braços eu te abarqueei, Alice
Expressos no olhar, a verdade e a vida
E rogando aos céus a bênção divina
Acolhi em lágrimas tua meninice

Dormiste em meu peito, num calmo abraço
Pujante pulsava o teu coração
E prostrado a Deus fiz nova oração
“Que sejam seus rumos de amor e graça!”

Imaginei-te jovem debutante
Toda imersa em sorrisos, cintilante
Servia-te a nobreza, doce petiz

Voltei-me aos grinhos, de repente
Despertou linda, perdidamente
Respirou fundo, nasceu a Alice



Chegou a tua hora

Aurélio Marcos Ribeiro

CRM-PR 8804

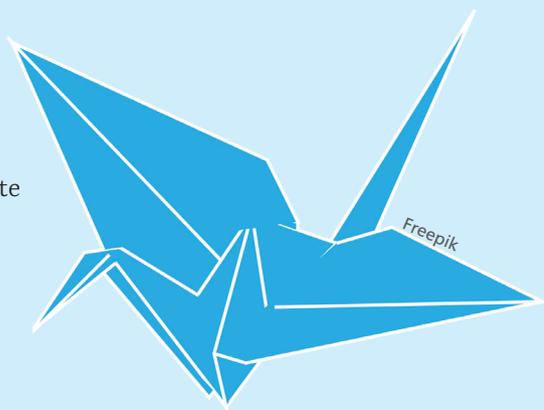
Dermatologia

Curitiba - PR

Surgiu a sensação
Assombrando se aproxima
Vindo de não sei onde, pelos eriçados, medo!
Esfrio o gelo da morte
Oco estômago, vácuo!
Sussura minha sorte
“Tua hora chegou.”

Olhei os olhos abissais
Um pânico surdo me esmagou,
Com a certeza do perigo iminente
Meu peito soluçou
Descompassados e desiguais
Meus olhos leram claramente:
“Tua hora é chegada.”

Mas... gaguejei arregalado:
Como assim!? Bem agora
Que já sou alegre, consigo sorrir
sou feliz, tenho minha senhora,
Tenho bem mais vivência
Não julgo mais pela aparência
“Resistir é inútil, argumentar fútil, é chegada tua hora”
Terror nos olhos que li,
Nem desdém nem indiferença, somente o eterno ali.



Mas... não pode!
Deve haver um engano
Não foi para isso que nasci,
não foi para isso que vivi
Tão pouco! Isso é insano.
E tenho me esforçado tanto!
Aprendi a não fingir afeição...
“Eu sei, tua hora é agora.”

Depois de ter passado toda minha vida para chegar aqui
Já não preciso de bens
Agora que adquiri os dons
Quando irei desfrutar de tudo que conquistei,
que mereci e entendi, por que eu iria nessa idade?
Acaso cresci, evoluí, para ser uma inutilidade?
Como posso? Nasci para ser um paradoxo ou oxímoro?
“Mera retórica, tua hora é agora.”

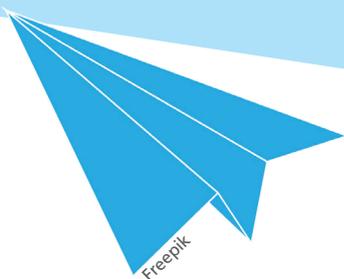
Espera! Vivi numa, muitas vidas.
Sei agora o que é não sujar a própria casa
Sei o que saberiam muitos viventes
Sou sábio, 800 anos tenho!
Ainda não deslizei pelo Cam River!
Venci meu Polifemo e não lhe disse meu nome
Fui como Aquiles, mas protegi meus calcanhares
Perdoei Enlil por me fazer escravo
Sei agora que Enki me queria humano
Então não peça meu esqueleto
Não cruzarei o Styx!
Sou velho, mas não obsoleto
“Resistir é inútil, é a tua hora última!”

Basta! Para as afrontas!
Chega de assédio, fartei-me!
Afasta, eu te ignoro

Eu te relego ao desdém
Te arrenego: eu me nego!
Não me amedrontas
Isso é insistente e profano
Eu me afirmo como ser senciente
Deixa-me! Sou só um frágil humano
“Definitiva é tua hora
Diga uma oração agora
Para nos irmos embora”

Por que meu corpo feito tão frágil
Se meu cérebro é tão ágil?
Por que minha vida e eu tão efêmero
Se meu ego ímpar se tornou inúmero?
Eu não aceito ser o cordeiro.

Fez-se silêncio...não foi a pífia luta,
nem a mera vaidade
Mas o ocaso que desvelou a lua,
e a Dama da Noite, essa desdita,
desvaneceu sob a prateada luz, Serendipidade.
Sumiu a sensação. Venci por ora
Não chegou a minha hora.



O conto de Ícaro

Ribamar Leonildo Maroneze

CRM-PR 14.417

Ginecologia e Obstetria

Apucarana - PR

Concursos Literários existem aos montes. Alguns são nacionais, outros locais, num pequeno ambiente escolar ou de um clube de serviço. Alguns com regras rígidas cobrando o rigor da métrica e erudição, outros deixam a livre expressão impressa junto aos erros gramaticais. Ícaro participava de todos. Havia o crente fervoroso do culto diário, o apostador com os números da sorte ou o palpite do sonho da noite anterior, o bebedor contumaz que fugia da sobriedade; Ícaro, ao invés, era viciado em concursos literários.

Cursos e oficinas literárias nunca frequentou, preferia a leitura e a observação da vida cotidiana como fontes de inspiração. Clássicos de Machado, Veríssimo, a acidez de Bukowski, contos eram os seus preferidos. Um ou outro concurso já havia ganho, certames sem muita concorrência ou expressão. Mas havia aquele em que sempre logrou o insucesso, o “Pena de Ouro”, concurso da região ‘entre montanhas’ com grande destaque da mídia local, que englobava a sua e mais seis cidades, onde viviam a totalidade de seus convivas de infância e de seus amigos de agora, alguns dos que ridicularizavam seu interesse em escrever. Questão de honra ver seu nome estampado no noticiário local.

Almejando o “Pena de Ouro”, debruçava nos escritos, lia, relia, rasgava e começava novamente, buscava a perfeição. Quando do produto acabado, regozijava-se! Parecia perfeito. Vinha o resultado, derrota, seu trabalho sequer era selecionado para avaliação, ficava nas preliminares. Mas sua maior decepção era quando lia os trabalhos

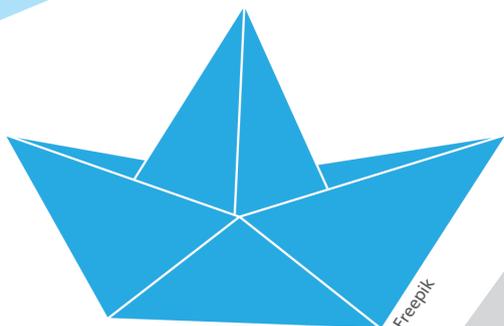
vencedores publicados, de qualidade, segundo sua opinião, inferior. Desenvolveu sua teoria da conspiração. Os jurados avaliadores não eram capacitados. “Não! Pouco provável, li atentamente seus currículos, gente experiente e renomada na arte de escrever!”. Os vencedores eram parentes dos críticos. “Não, a regra era clara, além do mais o Chico Poeta ganhou o último, e ele não era parente ou amigo de ninguém, ou melhor, ninguém queria ser amigo dele, sujeito impertinente”. As hipóteses do fracasso reduziam-se e davam lugar às mais esdrúxulas possíveis. Pensou: eles agrupavam os trabalhos por ordem alfabética mas somente tinham tempo e paciência para lerem os primeiros, por isso o Chico ganhou e o seu, começando com a letra ‘I’, não tão longe, mas no meio do alfabeto, não conseguiu ser lido antes que se esgotasse a boa vontade dos avaliadores. “Realmente a pior das hipóteses!”

Pois bem, nova edição do “Pena de Ouro”. Recluso, inspirou-se, livros de Carmenere e Cabernet, boa música, as frases apareciam. Após sete dias e sete noites o trabalho estava completo, sua obra prima! Imprimiu, selou. Próximo do local da postagem do trabalho lhe veio a dúvida. E se realmente não sou um bom escritor? E se os críticos realmente lerem meu trabalho e a resenha for negativa, acachapante? O conto estava primoroso? Sim, mas não muito diferente do que já havia produzido. Naquele momento de dúvida, de baixa estima, de medo, o ato foi repentino. Amassou as duas folhas com as mãos e as atirou na lixeira ali próxima.

Trinta dias se passaram e Ícaro estava aliviado em não participar daquele concurso, e pensar que cogitou que os jurados lessem somente os primeiros da lista, como se não tivessem tempo ou ânimo para os Robervais e Salustianos. Uma edição especial do jornal local trazia o trabalho vencedor. Despretensiosamente começou a ler e reconheceu já nas primeiras linhas. “É o meu conto!” Sim, mesmas palavras, vírgulas e mesóclises, era uma transcrição completa e perfeita do que havia escrito semanas atrás e fora para o lixo. Um misto de surpresa e desespero tomou conta de Ícaro, alguém havia visto seu ato ou achado

por acaso suas folhas amassadas e com curiosidade tinha lido e com o mais puro deleite julgou ser bom e com a mais pura falta de nobreza concorreu com ele. E ganhou!

Boquiaberto, espantado, olhos fixos no jornal, leu até o fim. Impresso com letras garrafais, em destaque, laureado, o nome do autor vencedor: Aaron Penteado da Silva.



Medicina

João Guilherme Bochnia Küster

- ▶ Acadêmico de Medicina - UFPR
Curitiba - PR

Mais uma luta, mais uma batalha pela vida,
Refletindo sobre o que é ser médico enquanto me preparo para
mais um dia.

Um ideal sempre presente, humanidade e compaixão,
Medicina guiada pela ciência sem esquecer da emoção.

Dom desde o nascimento ou conquistado com esforço?
Anos e anos estudando para formar esse arcação?
Grandes avanços no conhecimento científico e na busca pela ver-
dade,

Mas de que forma isso se refletiu em sua aplicação na realidade?

Devemos lembrar daquilo de que realmente tratamos,
Não apenas de sistemas biológicos mas também de um ser huma-
no.

Estudantes do corpo e médicos da alma,
Atentos observadores e cientistas da humanidade.

Sim, isso é o que devemos almejar ser,
Mas como encontrar o caminho certo sem nada se perder?
Nem sempre nosso aprendizado será fácil, isso é verdade,
Mas nosso objetivo alcançaremos se depender da nossa força de
vontade.

Andando um passo de cada vez, com serenidade e paciência,
A sabedoria virá com o ganho de experiência.
Grandes mestres e amigos teremos ao longo dessa jornada,
Com ensinamentos que persistirão pelo resto de nossa breve eternidade.

E residindo acima de tudo isso,
Repousa firmemente o nosso maior objetivo.
Aquilo pelo que nos dedicamos e que nos faz seguir em frente,
O bem maior que é a saúde de nossos pacientes.

Agora mais determinado, assim sigo mais um dia,
Vencendo minhas incertezas e encerrando essa pequena poesia.
União entre conhecimento e empatia,
Isso realmente é a medicina.



CAVALGANDO

Georges Kotsifas
CRM-PR 15.138
Clínica Médica
Maringá - PR

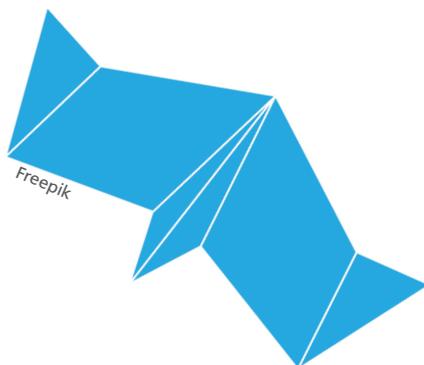


A CHUVA NAO CESSA, FINA, FRIA, ENTRANDO PELAS GOLAS E PELA BOTINA, MOLHANDO E GELANDO TODO O CORPO A ALMA. O CAVALO, PRETO, JA CANSADO PELO CAMINHAR INCESSANTE, CABEÇA BAIXA, QUANDO RENTE AO CHAO, INDICANDO O GRAU DE FASTIO COM AQUELE TROTAR SEM CHEGAR NUNCA. O CEU COBERTO DE NUVENS NEGRAS, CORTADO POR RAIOS QUE POR MOMENTO CLAREIAM O CAMINHO ESTREITO ONDE RUFADAS DE VENTO LEVANTAM AGUA DAS POÇAS TRAIÇOEIRAS QUE ESPARRAMAM-SE POR TODO O CAMINHO. AO LONGE, FORMANDO COMO UM BARREIRA INTRANSPONIVEL O CHAPADAO, UM AGLOMERADO DE MONTES ALGUMAS CENTENAS DE METRO ACIMA DO NIVEL DO AREAL. INUMEROS CAMINHOS SINUOSOS POR ENTRE AS PEDRAS PERMITIAM SUBI-LO E ATRAVESSA-LO LEVARIA NAO MAIS QUE DUAS OU TRES HORAS, TUDO IA DEPENDER DA CHUVA, LA DE CIMA, UM ESPAÇO PLAINO DESCORTINADA-SE TODO O VALE E OS RAIOS E TROVOES PARECIAM TAO PROXIMOS QUE SERIA POSSIVEL ALCANÇÁ-LOS COM AS MAOS. O CAVALO, ESGOTADO, PAROU AO ATINGIRMOS OS PES DO CHAPADAO. ALI PASSARIAMOS A NOITE, DEBAIXO DE UM ENORME PE DE MANGA, EMBORA O MEDO DE UM RAIOS NAO ME PERMITISSE DORMIR MAIS QUE ALGUNS MINUTOS, LA PELAS TANTAS, PENSEI TER ESCUTADO UM CAVALEIRO NA ESTRADINHA PROXIMA, MAS DEVO TER SONHADO, NINGUEM SE AVENTURARIA NUM TEMPORAL DESTE POR ESTA AREAL ONDE ERA MUITO FA-

CIL QUEBRAR A PATA DO CAVALO E POR ALI FICAR DEAMBULANDO SEM COMIDA ATE ENCONTRAR ALGUMA FAZENDA OU ALGUM CASEBRE A BEIRA DO CAMINHO. A ESCURIDAO ERA IMPRESSIONANTE E UM MEDO INDEFINIDO VINHA AGREGAR-SE AO FRIO ARREPIANDO A PELE E TRAZENDO UM MAL ESTAR QUE ATINGIA A NA ALMA E VINHA CONTRIBUIR PARA A INSONIA, MERGULHANDO NOSSO CORPO NUMA EXAUSTAO QUE DIFICULTARIA A MARCHA DO OUTRO DIA. SEMPRE CAVALGAVA SO, IA MAIS RAPIDO E AS CONVERSAS NAO ME AGRADAVAM E MENOS AS COMPANHIAS. PODIA SEGUIR MEU RUMO SEM TER QUE ESCUTAR PALPITES OU SEGUIR ORIENTAÇÕES DE OUTROS. ISTO JA ME CUSTARA PERDER-SE PELOS CAMINHOS MAS NAO MAIS QUE ISTO. NAO TINHA UM DESTINO, CAVALGAVA BUSCANDO ALGO QUE NAO SABIA DEFINIR. TALVEZ PARAR EM ALGUMAS DAS CIDADES, OU NUMA DAS FAZENDAS, OU SEGUIR. NO OUTRO DIA CRUZEI COM UMA PATRULHA DE SOLDADOS DA PM A CAVALO, FAZIAM A GUARDA POR AQUELES LADOS, NEM PEDIRAM DOCUMENTOS, PARECIAM ENFASTIADOS DO TRABALHO, PREFERIAM A VIDA NO POVOADO, COM ELETRICIDADE, AO COBERTO DO VENTO E DA CHUVA E SEM O RISCO DOS RAIOS TAO COMUNS NAQUELE SERTAO DE PEDRAS E AREIAS. VIRAM QUE EU ESTAVA ARMADO MAS FIZERAM DE CONTA, NAO QUERIA CONFUSAO, MENOS AINDA COM UM ESTRANHO E COM JEITO DE CANSADO O QUE DEMONSTRAVA A DISTANCIA QUE VINHA VINDO E FUGINDO SABE LA DO QUE. PASSARAM, ALERTAS, MAS PASSARAM E SO. SEGUI ATE O POVOADO, POUCAS CASAS, UMA VENDA, A DELEGACIA, A PREFEITURA, A IGREJINHA BEM CUIDADA, NAO QUIS FICAR, LEMBREI DOS SOLDADOS E NOVO ENCONTRO ELES IA QUERER ESCLARECIMENTOS. COMPREI ALGUNS ALIMNETOS COM O POUCO DE DINHEIRO QUE TINHA E SEGUI MEU CAMINHO. O DONO DA VENDA TAMBEM FEZ DE CONTA QUE NEM ME ENXERGAVA. QUERIA FAZER SUA VENDA E NAO LHE INTERESSA A VIDA DOS DESGARRADOS QUE POR ALI APARECIAM RARAMENTE. MAS TINHA NO OLHAR ARISCO O MEDO ESTAMPADO POIS SABIA QUE OS SOLDADOS ESTAVAM

FORA. PARTI LOGO, TALVEZ COMO SINAL DE BOA VONTADE PRESENTEOU-ME COM UM UM PACOTE PEQUENO DE FUMO DESFIADO, EMBORA NAO FUMASSE ACEITEI. O CAVALO BEM ALIMENTADO E ESCOVADO ESTAVA COM OUTRO ASPECTO E TAMBEM APARENTAVA ESTAR IRREQUIETO PARA PARTIR. NO OUTRO DIA JA DESCIAMOS O PAREDAO E DO OUTRO LADO ESTARIAMOS EM SEGURANCA E NAO FALTARIA TRABALHO, QUE HAVIA MUITO GADO E FALTA DE BRAÇOS DISPOSTOS LIDE PESADA. UMA AVE NEGRA COMO BREU, ENORME, CRUZOU OS ARES, GRITANDO UM LAMENTO TRISTE E MAU AGOURENTO, PUXEI O REVOLVER E ATIREI, SOMENTE PARA ESPANTA-LA, EM SEGUNDOS DESAPARECEU, QUANDO GUARDEI A ARMA, TUDO TINHA MUDADO, A CONFIANÇA FORA-SE, E NOVAMENTE A INQUIETUDE VEIO ABRAÇAR-ME COM TODA SUA POSSIBILIDADE DE NOVOS E DEUS QUEIRA, DERRADEIROS SOFRIMENTOS.

2-5-2012.

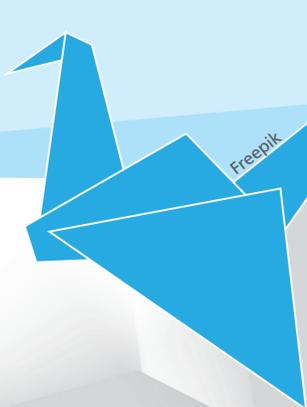


Minha morte

Igor Vasques

- ▶ Acadêmico de Medicina – FEPAR – 8º Período
Curitiba - PR

Que as minhas cinzas se tornem dunas
Para que as pessoas possam
Apreciar a sua
Beleza natural



Escolho servir

Laoane Guimarães

- ▶ Acadêmica de Medicina – Universidade Positivo
Curitiba - PR

Pelo amor que sinto em cada descoberta,
Interação de sistemas tão humanos,
Fascinação pelas leis que regem,
E, em cada alma, o psíquico ao somático completa.

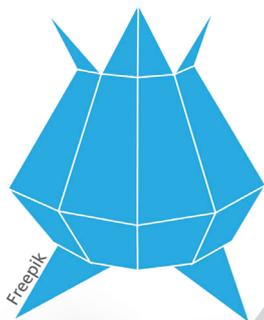
Buscando a harmonia em cada intervenção,
A proposição de cuidar daquele que se apresenta,
Somei técnica, teoria e compromisso.
Na intenção de ajudar, por esse caminho eu sirvo.

Se há uma lei que rege essa dinâmica humana,
Comparo aos astros – desconfio que se complementem.
Na essência que está em cada um
Permita-me servir com o meu melhor

Há quatro direções, mas só uma é norte.
Qual é o norte que leva ao aspecto humano?
Seria o respeito? Ou seria a devoção?
Carrego os dois, pois não saberia servir se não assim.

Para transformar, Fogo! Esse modifica a matéria.
Para multiplicar, Terra! É a fertilidade em si.
Para movimentar, Água! Essencial á tal dinâmica.
Para sutilizar, Ar! Carrega o sublime.
Ao servir, que se componham e me lapidem.

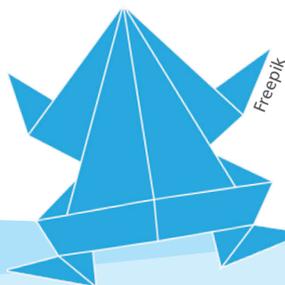
Que o servir seja princípio,
Seja incorporado e expressado,
Na medida harmônica, tão
proporcional à Medicina.



Minha casa

Anna Gisele Souza Maldonado

- ▶ Acadêmica de Medicina – PUC-PR
Curitiba - PR



Tão longe, inacessível, incompreensivo
Feito para perdurar alguns dias
Desenvolvido pelo olhar azul imprevisível
E por fúteis melodias

Ele disse, uma casa em lugar qualquer
Seja quem você é, sinta o que você quer
Não me bloqueie com sua armadura
De quem da vida se amargura

E teve sol, girafas, horas de caminhadas e pimenta
Teve amor, carinho, cuidado
Momentos de confidências e de tormenta
E como tudo, adocicado

Que sabor o da felicidade
De quem quer te cuidar sem saber
Tal qual a reciprocidade
De quem não sabe explicar

Caminho

Jessi Elen Souza Maldonado

▶ CRM-PR 38.947

Clínica Geral

Ponta Grossa - PR

O que seria do desenrolar
Se o que eu quero, a vida insiste em tirar
E qual seria o motivo do insistir
Se tudo no fim há de coexistir

Investir, resistir, vestir, desistir
Uma, duas, três, quatro, infinitas vezes
Por fim preexistir
Com a lucidez de que não existam reverses

A armadilha que o mundo traz
Que não seja suficiente para nos parar
Que seja impulso para encontrar e caminhar
Sem nos derrubar

A alta da RTU

Fábio Bueno Netto

► CRM-PR 9114

São Paulo - SP

Nessa manhã, os médicos me informaram que teria alta, disseram que iria arder para urinar e que possivelmente eliminaria ainda alguns coágulos.

Retirada a sonda insaciável que estuprou o dito cujo por dois dias inteiros. Nesse período, quando ele eventualmente “acordava”, parecia cobra comendo cobra e que puta dor.

Dava vontade de jogar um balde de água com gelo pro bicho se acalmar.

Enquanto aguardava os procedimentos formais da alta, fui tomar banho e só algumas gotinhas de xixi.

– Tudo bem, a bexiga deve estar vazia.

Eu me preparando para ir para casa, tomando bastante água e nada de xixi. Havia dificuldade de urinar e era clara a obstrução da uretra. Aí, do nada meu joelho direito começou a doer e inchar.

O ditado popular diz: quem tem cu tem medo, imagina quem tem um pau entupido. Credo!

A enfermeira, lá pelo meio dia e meia, disse que a alta estava no sistema e que me liberaria lá pelas 14:30... Por que tanto tempo?... hummm aí tem!!

Enquanto aguardava ser liberado e a bexiga enchendo e incomodando, fui dar uma volta no andar. Uau! como é bom caminhar, ou fazer qualquer outra coisa sem sonda.

O incômodo da bexiga cheia foi ficando muito maior e eu comecei a achar que ter alta poderia não ser uma boa ideia. Comecei a me entupir de água. - Se vai dar merda, que dê aqui e não em casa.

Xixi 1: Quase nada de urina e um coagulozinho de nada que passou dando choquinho.

Dá-lhe água.

Xixi 2: Quase porra nenhuma de urina e pari pela uretra duas sanguessugas meio vazias que vieram acompanhadas de estrelas, um anzol rasgando e um ferro em brasa.

Dá-lhe mais água.

Xixi 3: Nada! e a porra do bixigoma crescendo e eu ficando com enjojo.

Fui dar mais uma volta me balançando qual cachorro com cinomose pra ver ser a porra do coágulo mudava de lugar.

Xixi 4: Necas de pitibiribas e a essas alturas meu joelho já estava doendo “de com força” e eu achei que tava com uma crise de gota. - Caralho, o que essa porra de gota, ou seja lá o que for tá se metendo no *swing* da bexiga com coágulo e uretra?

Dá-lhe água e dá-lhe água.

A bexiga parecia um balão de festa duro cheio de água e ar prestes a explodir.

Xixi 5, 6, 7, 8..., sei lá qual era a conta de tentativas com gotinhas. A enfermeira me perguntou se queria que ligasse para o cirurgião para suspender a alta e eu pedi uma meia hora para ver se resolvia.

Daí a pouquinho veio o segundo parto, que só as mulheres que fizeram parto natural sabem o que é.

Puta que pariu, ou melhor, pau que pariu!

Nesse momento, as estrelinhas de há pouco viraram céu de noite sem lua no interior, com chuva de meteoros misturada com queima de fogos de Sydney e Copacabana juntos, o anzol virou um espinhal e o ferro em brasa agora era aço derretido. Numa intensa mistura de dor seguida de enorme prazer, de forma explosiva com os olhos arregalados, pari uma placenta pela uretra. A seguir veio um jato de urina tão grosso e tão forte que iria deixar o negão da piroca, carro pipa e hidrante de NY com inveja. Só faltou eu bater palmas abrir a janela e gritar: -Puta que pariu que delícia!!!

O pós “parto”, parecia que algum cirurgião maluco abriu o abdome e ficou chacoalhando alças intestinais só pra ver o desconforto que dava.

Passado esse caos, o joelho resolveu que ia mostrar a força da dor e deu náusea de tanto que doía.

Esperei mais uma meia hora e fiz mais um xixi com hematúria, como esperado, sem fogos de artifício, mas parecia que estava puxando um gato pelo rabo que se segurava na uretra com as garras pra fora.

O próximo já veio com pouca ardência e como os partos haviam terminado, fui me despedir das enfermeiras que me atenderam maravilhosamente bem. Aliás, que acolhida, qualidade de serviço, eficiência e eficácia tem esse hospital.

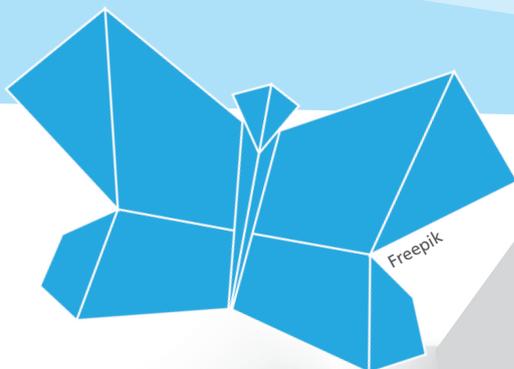
Quando cheguei em casa, fiz meu primeiro pips depois da RTU.

Vou lhe falar! Me senti apto a apagar qualquer incêndio. Aquilo sim é que era carro de bombeiros.

Ainda estou me adaptando à nova velocidade e o peritônio está chocado com a rápida resposta da bexiga e se manifesta como o reflexo de “tão bagunçando meu coreto”.

Ao final das contas, me sentindo megafeliz, abençoado, agradecido a tudo e todos e agora aguardando a estreia do filme:

RTU II - O anátomo-patológico.



Laços

Simone Jéssica Souza Maldonado

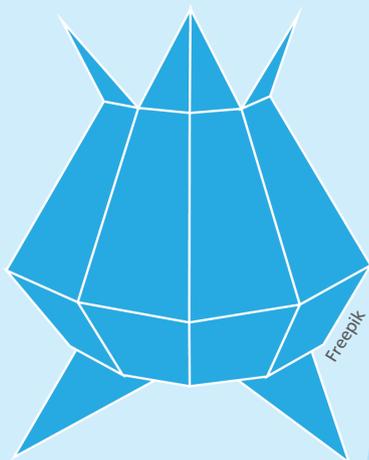
▶ CRM-PR 34.655

Oftalmologia

Curitiba - PR

E uma pessoa pode te mudar a vida toda
E um sorriso pode transformar o teu mundo
E um olhar pode te fazer mergulhar em um oceano de expectativas

Uma pessoa, um sorriso, um olhar
Que se transformam em felicidade, esperança e paz
E te fazem entender a importância da gratidão
E que o mundo já não é o mesmo sem essas mãos



Prazo de validade

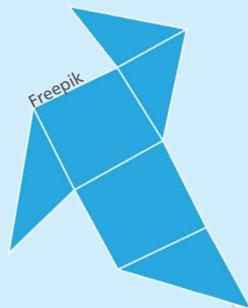
Giovanna Daneluz de Brito

- ▶ Acadêmica de Medicina – UFPR
Curitiba - PR

Dias a menos
Ou dias
A mais?
Entre a dúvida e a certeza
Uma vida toda
Se desfaz

Nossa única garantia vitalícia
É de que, no fim, haverá glória
Ter um prazo de validade
Tem lá sua malícia
Já que sempre acaba
Em vitória

A maior contradição da vida
É que a perdemos
Na mesma data
Em que vencemos.



Morro do Farol

Antônio Caetano de Paula

▶ CRM-PR 5787

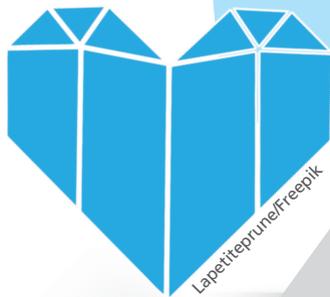
Ginecologia e Obstetrícia

Curitiba - PR



Lá de cima do Morro do Farol
Vi o nascer do Sol
Vi o Sol raiar
E nas águas do mar
Os seus raios banhar
Como que querendo chorar
Chorar de saudade porque você saiu da cidade
Você partiu
E, na despedida, ainda sorriu
Você deixou
Triste quem ficou
Ah, volta, volta amor
Deixa este rancor
Devolva-me teu amor
Traga de volta teu calor
Traga de volta a felicidade
Vem acabar com esta saudade
Sem você não sei mais viver
Sem você não sei o que de mim vai ser
Do alto do Morro do Farol
Vi o nascer do Sol
Vi o sol raiar
E, nas águas do mar
Seus raios banhar
Como que querendo chorar

Chorar de alegria
Pelo nascer do novo dia
Observei calado
Você ao meu lado
Como um sonho alado
Sinto-me, de novo, amado
Feliz, protegido, amparado
Ah, durma, durma amor
Deixa-me sentir teu calor
Você toda minha
Não voa mais qual andorinha
Trouxe-me de volta o viver
Ao dizer que estará comigo até morrer.



Os mistérios da Lua

Denner Sampaio Neri da Silva

- ▶ Acadêmico de Medicina – PUC-PR – 9º Período
Curitiba - PR

O dia findava-se cálido nas matas densas e equatoriais nos fins do Paleolítico, e o labor irradiava-se naqueles tempos como os raios luminosos que viam dos céus. A natureza seguia alva por onde havia horizonte, sendo o alimento a caça daqueles que bravamente o conquistava e a água, os cursos verdejantes dos rios. A tribo era o protótipo daquilo que algum dia se chamaria *polis* e os viventes agora chamam-se *ancestrais*. Mas quem há de saber das quimeras que ousaram algum dia povoar as mentes daqueles homens? Quem poderia algum dia entrever por trás dos espelhos do tempo as razões que os mantinham firmes por entre tantos caminhos rochosos? Se haveria de permanecer alguma protagonista no decorrer dessa prosa, em suma, não seria um indivíduo, mas sim a memória de um povo.

O cenário era quase bucólico, todavia o sol que agora se foi em todo seu esplendor deixou-nos as sóas com o que, talvez, verdadeiramente somos, e assim seria até o outro dia, e então de novo.

Surge então a escuridão da noite, uivos ecoam das montanhas ao sul e sente-se o ligeiro roçar das gramíneas ao redor. Permanecemos juntos, sabíamos que nosso vigor estava por vir mais uma vez no outro dia, contudo no momento ainda não o tínhamos. Por conseguinte, com o obscurecimento das horas só nos restava estar absortos, para que assim, de algum modo, respondêssemos nossas dúvidas, que nada mais eram que o medo disfarçado. Não custa observar que talvez esse mimetismo seja na verdade nossa proteção.

Restava-nos, por enquanto, apenas a floresta, a tribo e o pouco que sabíamos, o que não nos confortava. Era certo que precisávamos de algo, precisávamos de refúgio às nossas inquietas almas perante a ótica circunscrita pela ausência - mediante a situação, precisávamos de um Poder sintético e moral que desconstruísse nossa condição - e sob o desvario e insignificância, assim como um naufrago em meio à cólera das ondas e um céu noturno e limpo, havia a lua que resplandecia; sim, a lua! Do que mais precisamos?

Temos a Lua! Luzia perante os vales, lua nova, lua cheia! A lua estava a nos assistir e a doar sua claridade aos nossos costumes e a nossa sapiência! Bem ou mal, era o tudo de que precisávamos e assim fora... E então passara a acumular reconditamente formas distintas, concreta e abstrata... e num fascínio tênue e sanguinolento as areias do tempo trouxeram consigo a Lua, todavia, impura, metamórfica - fizeram em nome dessas belezas, atrocidades e ramificações; as ramificações são a essência do que é ser humano, assim como as artérias, capilares e veias que carregam e justificam a complexidade vida.

As ramificações perduram, se enroscam, faíscam e se perdem... Fica, porém, a questão: seria a Lua abstrata também um corpo iluminado assim como a concreta? Iluminado por nossa condição? Teria luz própria? Nos resta um pouco de sofisma...

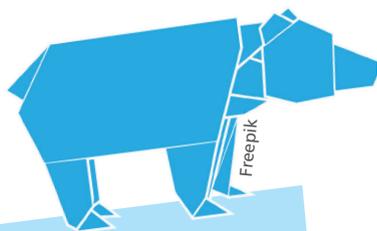
Lapetiteprune/Freepik



A morte

Alúcio Augusto Belmino Gadelha

- ▶ CRM-PR 35.980
Cirurgia Pediátrica



Peço licença para falar um pouco da minha pessoa. Poucos sabem quem e como sou, e quase nunca me entendem. Muitos me imaginam magra, usando uma capa preta e andando por aí com cajado e com foice na mão. Essa é a ideia que muitos têm de mim, mas poucos conseguem me enxergar em minha essência.

Na verdade, tão verdadeira, não uso capa, nem ando perambulando com um cajado a riste. Visto-me de branco, sob um tecido macio e leve, de uma leveza que exalta a sua cor brilhante, deixando-me extremamente confortável. Sempre estou presente na hora de imensa agonia do ser humano, trazendo em mim um único objetivo: remover a sua dor e lhe pôr a descansar. Nunca quis te causar sofrimento, muito menos te afastar das pessoas que amas. Novamente, eu digo: estou aqui para te trazer alívio - tão somente isso.

Quantas vezes estive ao teu lado, sem nada falar, apenas ouvindo os teus gemidos no momento derradeiro de tua vida. Ouvi tuas últimas queixas, sentindo contigo tuas últimas dores. Rezei para que tu suportasses aquele lamento, esperando, por fim, os últimos suspiros de um coração já tão cansado de bater. Quantas vezes, meu querido, viste dormir para nunca mais acordar. Quantos acidentes presenciei e coube a mim levar amigos que não queria levar, pois sabia que não eram os seus momentos. Mas, contudo, todavia, porém... certas escolhas não cabiam a mim.

Saiba, amigo, uma última coisa: nossas viagens chegaram para que finalmente alcançasses a paz que te faltavas. Não tiro a vida. Uma nova vida eu te dou.

Consciência

Wilma Brunetti

CRM-PR 6159

Ginecologia e Obstetrícia

Curitiba - PR

Quem bate de maneira estrondosa à porta de minh'alma nesta hora tão tardia?

Uma vez, duas três...

Desta vez não há como fugir.

Acordada, olhando a noite branca, ouço o som.

Devo encará-lo mesmo que minha medula congele e meus pelos arripiem.

Correm em mim vívidas as imagens ainda inacreditáveis de minha amiga, irmã querida se esvaindo, consumida dia a dia.

Traída por seu corpo, por seus genes.

Meus olhos abertos fitam a noite branca.

As imagens passando, os últimos minutos,

A mão que seguro é tão fria, um último carinho em seus cabelos.

Devagarinho minha amiga se vai, sem um gemido, sem um suspiro.

Discretamente.

Todo choro e lamentos ficaram do lado de cá.

Ao fundo , ouço as batidas à porta.

Não quero abrir...

Eu sei quem bate.

Com os olhos abertos fito a noite branca.



“Ele já sabia...”

Manoela Mário Martin

▶ CRM-PR 27.333

Clínica Médica

Curitiba - PR

Era uma terça-feira. Foi readmitido após apresentar um novo sangramento tumoral. Nos reencontramos na emergência, na manhã seguinte. Mal me viu e gesticulou, apontando para o pescoço:

- “Traqueostomia, não!”

Tinha um tumor em via aérea. Expliquei novamente os riscos e ele afirmou que entendia. E entendia tão bem que me disse:

- “Menina – e sorriu se corrigindo – ou melhor, doutora, você sabe quantos anos eu já tenho?”

Fiz que sim, com a cabeça.

- “Então... Já vivi o que precisava. Se morrer agora, vou em paz!”

Chamei a família. A esposa não havia deixado o hospital por um minuto e a filha chegou logo depois. Nos reunimos para ouvi-lo e, ao final, todos consentiram com seu desejo – “Traqueostomia, não!”

Eu senti que cumpria a minha missão: respeitá-lo, entendê-lo e acompanhar a esposa e a filha enquanto o fizessem também.

Com os olhos úmidos e o canto da boca manchado do sangue que havia vomitado madrugada adentro, sorriu e agradeceu a cada uma das profissionais que o acompanharam até ali – primeiro a psicóloga e sua estagiária, depois a enfermeira. Agradeceu também à filha e à esposa. Todas nós ali paradas, ao redor da maca, meio sorrindo e meio segurando o choro. Eu estava parada diante de seus pés e de vez em quando os massageava - na minha cabeça não existe nada que conforte mais que uma boa massagem nos pés cansados. Por último, me olhou nos olhos e disse:

- “Muito obrigado, de coração!”

Senti os olhos arderem e as bochechas esquentarem – sabia que estavam vermelhas. Mas só pude dizer:

- “Ah! Que é isso... Esse é o meu trabalho...”

Mas não era só isso. Nós dois sabíamos. Era cumplicidade e todas as possibilidades que ela traz. Ele imediatamente replicou:

- “Não... MUITO obrigado!”

Sorri, sem graça. A essa altura, as lágrimas já queriam saltar dos olhos, mas respirei – ia me sentir desconfortável se chorasse ali no meio...

E emendou:

- “Mas você vai ficar me devendo aquela visita... Lá em casa, como você nos prometeu!”

- “Só se a sua esposa fizer aquele café...”

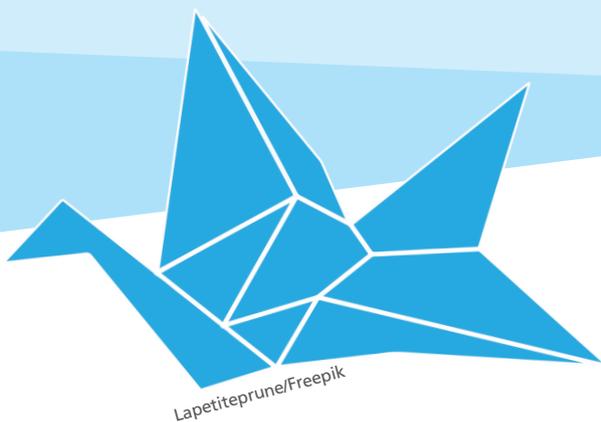
- “Ela vai... Claro que vai!” E ela, de mãos dadas com ele, sorria concordando.

Saí do box. Por dentro já estava chorando, mas a essa altura, já não queria mais conter as lágrimas... Não eram de tristeza, nem de alegria. Eram de uma emoção que até hoje não consigo nominar. A emoção de viver algo lindo e real.

A morte permeava cada palavra da nossa conversa. Eu a via, a compreendia. Naquele momento sabia que ele também.

Na mesma noite, já no quarto, disse ao filho que morreria em três dias. Morreu no sábado. Ele já sabia. Eu ainda não.

Mas sigo aprendendo...



Haja coração

Laura de Souza Genta

- ▶ Acadêmica de Medicina – Unicesumar
Marialva - PR

Dizem que o ideal é entrar na faculdade de medicina sem preferência predeterminada por alguma especialidade, mas como não ter preferências? Como nunca ter pesquisado as mais diversas áreas enquanto as matérias de cursinho pareciam não ter fim e as de medicina pareciam nunca chegar? Impossível, eu diria!

Pois bem, entrei decidida de que cirurgia cardíaca era minha preferência, mas não demorei muito para descobrir que “sofro do mal” de ter (muito) interesse. E nessa urgência de chegar mais próxima do ‘ser médica’, já no terceiro mês de aula comecei os estágios observacionais – que se dependessem só de mim já seriam práticos – em centro cirúrgico. Cada dia era uma emoção que superava a anterior. Passava horas e horas vagando pelas 11 salas daquele hospital, apresentava-me e quando me perguntavam em que ano estava, respondia timidamente “No primeiro”. Porém a cara de nova me entregava, não me passava nem por estudante de cursinho, quem dirá por interna. Além da aparência, perdia-me tentando achar um local seguro para pôr as mãos a fim de tentar não contaminar o campo, que, apesar dos esforços, de vez em quando, o delito era cometido. Ainda assim, internamente, já sabia que havia encontrado naqueles corredores gelados o meu lugar, reconhecia, entretanto, que embora os tais corredores fossem curtos o caminho a ser percorrido era longo.

Numa tarde, olhava o quadro do cronograma diário quando bati o olho em “Revascularização e troca valvar”, não que eu entendesse a fundo o que essas palavras significassem, mas percebi que seria algo que envolveria minha referida preferência. Sem checar o horário

que começaria, corri para a sala indicada no painel, o paciente nem havia chegado. Fiquei andando angustiada de um lado para o outro até começarem a preparar a sala para o que seria 'O' momento, seria apoteótico.

Ele chegou! Enfim chegou o paciente, peguei o prontuário e comecei a desvendar as informações a respeito de um dos protagonistas do que estava para ser um dos atos mais impressionantes que já presenciei. Meia idade, casado, caucasiano, hipertenso... não me lembro do resto, contudo seu nome, esse sim, está gravado em minha memória. Vamos chamá-lo Emanuel - a fim de preservar sua identidade. Fitei-o por um tempo, nutri um carinho imenso por aquele ser humano que nem notava minha presença. E enquanto me perdia em meu encontro com Emanuel, entrou o segundo protagonista dessa história, Dr. André - que um tempo depois fui entender ser icônico no meio médico, seu renome o precedia, acho que foi minha sorte de principiante. Solicitei, humildemente, acompanhá-lo nessa jornada de algumas horas e ele, muito simpático, acolheu-me.

O paciente encontrava-se devidamente preparado e anestesiado, eu devidamente e timidamente apresentada, meu *pallet* devidamente posicionado para compensar minha baixa estatura e, então, Dr. André começou. Começou! Estava ali, na minha frente, a 30cm de mim. Um turbilhão de emoções me atropelava ao mesmo tempo que prestava atenção em cada detalhe, cada movimento daquelas mãos hábeis. Tentava immortalizar aquele momento em minha mente. E a cada minuto que me acostumava com o que estava acontecendo era, então, surpreendida por algo totalmente inédito para minha vivência de centro cirúrgico. A cirurgia cardíaca é incomparável, ela lida diretamente com aquilo que assemelhamos a tantas coisas importantes, à própria vida, ao próprio amor. O coração é o órgão que escolhemos fazer do nosso a morada de outra pessoa e eu me perguntava quem será que morava naquele que estava nas mãos do renomado médico. E o coração batia nas mãos do médico! Aquilo me arrepiava.

Então ele me chamou pelo nome, interrompendo minha epifania,

e mostrou uma agulha conectada a um medicamento, explicou-me que aquilo faria o coração parar, uma vez que seus vasos já estavam conectados a uma máquina de circulação extracorpórea. Circulação o quê? Não deu nem tempo de processar a informação, ele injetou o conteúdo do pequeno vidro e o coração parou em sua mão. Vou repetir: o coração parou em sua mão! Simples assim. O órgão parecia tão vulnerável naquelas mãos, tão dependente. O sangue passava rapidamente pela máquina que fazia um barulho alto e por suas mangueiras grossas e transparentes eu via aquele tom de vermelho vivo. Como eu torcia por Emanuel! Naquele instante eu o conhecia há uma vida inteira, ele era meu pai, meu irmão, meu melhor amigo, ele era a pessoa mais importante e eu temia por sua vida.

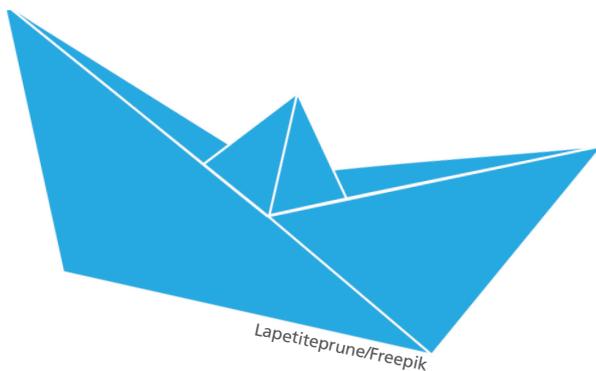
Colocaram gelo no peito aberto do nosso Emanuel. No primeiro instante, isso me chocou. Entretanto, a beleza da cirurgia cardíaca reside nas pequenas percepções, como vim a entender. Veja bem, ao passo que para muitos pareceria extremamente invasiva e até causaria aversão, apreciar essa arte, então, pareceria um tanto quanto repulsivo, porém eu entendia naquele momento que cada etapa, por mais absurda que aparentasse, era vital para salvar uma vida. É necessário “ter estômago” para uma cirurgia aberta e extensa como essa, contudo era admirável e até elegante como as partes operavam em sintonia para que o melhor fosse feito, assemelhava-se a um unísono.

A cirurgia prosseguiu e Dr. André não demonstrava o mínimo sinal de impaciência com minhas perguntas dignas de acadêmica do primeiro ano – reiterando minha sorte de principiante. Mostrou-me, pois, a prótese de valva aórtica, que era tão pequena e delicada, como aquilo podia salvar uma vida? Passou, então, calmamente, incontáveis fios pela borda da prótese para fixá-la, era perfeccionista e realizava cada movimento com destreza e cautela. Eu estava totalmente absorvida naquele momento.

Não sabia ao certo explicar tudo que se sucedia, não possuía conhecimento técnico para entender, mas conseguia sentir. Sentia o

fascínio pela especialidade crescer, sentia anseio pelo saber. Passaram-se segundos, minutos, horas! Quantas? Não sei, não via o relógio se movendo, ele estava estático. Demarcava horas, mas provava estar correta a teoria da relatividade de Eistein. Apenas as mãos habilidosas se moviam. E eu prestava tanta atenção que se aproximava a uma devoção.

Chegou o o *gran finale*, era hora de fazer o coração voltar a bater e dar os pontos. Momentos de tensão se seguiram, preendi a respiração ansiosa... e voltou! Estava batendo! Respirei aliviada. Então os maiores e mais grossos fios que já havia visto foram utilizados e o esterno se fechou como antes. A cardíaca me impressionava sem cessar! Instintivamente perguntei “Como saberemos se a cirurgia deu certo?”, “Se o paciente acordar!”, afirmou o médico com astúcia. Confusa e levemente assustada, devo ter feito exatamente a expressão que se passava em minha mente, pois todos deram risada. Consegui minha explicação técnica para a pergunta, mas o que convém mencionar foi a resposta ousada e, também, a forma leve como o cirurgião levava aquela experiência que para mim era quase sublime. A cardíaca me impressionava sem cessar!



Lapetiteprune/freepik

Durmo ou vivo um pesadelo?

Laércio Lopes de Araújo

CRM-PR 10.020

Psiquiatria

Curitiba - PR

Acordo no meio da noite. Percebo apenas uma fonte de luz a bruxulear por sob a fresta da porta. Os olhos demoram um longo tempo para acostumarem-se à penumbra insólita.

Levanto, penso: o que pode ser a fonte de luz que percebo e que ao deitar não estava lá?

Sento na cama, esfrego os olhos, explodem manchas coloridas, novo intervalo de tempo para que se acostume a visão àquela escuridão parcial, rompida apenas por aquela tímida fonte para além da porta.

Coloco os chinelos que estão, como sempre, no mesmo lugar, intemporais, esperando apenas serem calçados. Levanto e me disponho a caminhar para a porta e desvendar a natureza da luz que se apresenta assim inopinadamente.

Avanço, tenho certeza que entre a cama e a porta seriam alguns passos, um tempo insignificante que desvendariam o segredo que se esconde. Não acendo a luz, do abajur ou do lustre. Por quê?

Caminho, e quanto mais caminho, mais distante parece a porta e mais tênue a luz que a ilumina. Fico imaginando. Qual é o tamanho deste quarto que conheço há tanto tempo e tão bem, mas que tão de repente se torna cada vez mais vasto?

Estou envolto na escuridão do quarto e apenas a luz que passa sob a porta indica o caminho que pretendo seguir. Mas, quanto mais passos dou, mais me distancio da porta e da cama.

Estanco! Surpreso ouço minha respiração, sinto as pancadas do miocárdio na caixa torácica. Minha nuca dolorida, como se estivesse há muito atravessando um deserto, denuncia a fadiga dos músculos pelo esforço que faço para alcançar a porta. Ouço, ou melhor, tento ouvir algo. Nada!

Penso em voltar para a cama, mas ela parece ainda mais distante! Dou mais alguns passos e novamente, porta e cama, se afastam ainda mais! Esfrego os olhos, aperto-os, pequenos escotomas coloridos se projetam na escuridão. Penso! Dói, dói pensar que estou ali impotente diante da distância que se revela infinita entre a cama e a porta.

A luz que bruxuleava ameaça extinguir-se! Não sinto medo, nenhuma ansiedade, apenas uma estúpida incompreensão! Olho para o braço num movimento automático para ver as horas. Mas sou incapaz de enxergar o relógio, ele não tem ponteiros fosforescentes! Escuto, muito próximo do ouvido o tic-tac discreto do mecanismo automático.

Mas quem garante que o ponteiro avança se meus próprios passos só fazem crescer a distância e não a permitem superar?

Dolorosamente imagino as possibilidades. Lançar-me decididamente para frente com o risco de lançar-me num abismo infinito? Correr para a cama? Mas, ela parece resiliente no desejo de se afastar.

Então, de forma pragmática, sento-me! Fecho os olhos! Recolho-me! Imagino que o que possa ter acendido a luz poderia ter ateadado fogo a tudo, tornado cinzas a existência que vivo! Imaginando isso, tenho de conformar-me à impotência, recolho-me à impossibilidade de desvendar o mistério, independente de minha vontade. Deito!

Desperta o relógio às 5h30, como todos os dias, a luz do sol começa a penetrar pela janela e o quarto voltou ao seu tamanho normal.

Apenas eu, estirado entre a cama e a porta, continuo fitando o infinito, já não sinto a artéria temporal, já não respiro, já não consigo mover-me! Penso, durmo ou vivo um pesadelo?

Sem por quê

Álvaro Baptista Neto

► CRM PR 39.529

Araucária - PR

Cinco da manhã, frio sábado de maio. Neblina pairava na noite silenciosa. Estava em minha cama, no quarto-sala de minha simples casa de madeira. Sozinha, perdida em meus sonhos - até que fui bruscamente acordada. Batiam fortemente à porta, aos gritos. Pulei da cama e, em dois passos largos, abri-a: era minha irmã, Camila, desesperada.

“Abre essa porta, Tereza! O Tiago tá morto!”, gritava ela. Ainda sonolenta, fui contaminada por aquela criatura exasperada. Chorei ali um oceano, dois talvez. Não conseguia falar, andar, pensar. Apenas sentir uma violenta dor que perfurava meu peito e apertava minha alma enquanto meu corpo tremia por inteiro...

Meu nome é Tereza de Jesus, quarenta e dois anos, viúva. Moro com meu filho Tiago, de dezenove anos, na periferia curitibana. Morava. Eu e ele, ele e eu. Até aquela triste madrugada, quando Camila me contou de seu assassinato. Ocorrerá durante um assalto, ao sair da empresa em que trabalhava como vigia, nove semanas atrás.

Desde então, deixei de viver para mergulhar num abismo que eu jamais poderia supor que existisse dentro de mim. Alguns amigos e parentes me encorajam, pedem fé e paciência. Resiliência, palavra da moda. Mas a realidade, e espero que me compreendam, é que também fui brutalmente assassinada. Eu já morri.

Tiago era um menino sorridente, educado, cheio de sonhos. Suspeitava que estava começando a namorar, inclusive. Foi por ele que dediquei cada minuto, cada gota de suor e cada noite mal dormida

nesses últimos dezenove anos. Fui mãe e pai, e Tiago, meu sorriso e sofrimento diários.

Tiago era não apenas a razão da minha existência, mas a minha própria existência. Depositava nele a esperança de uma boa vida que não tive a sorte de ter. O amor com que ele me olhava, bem como o carinho com que me tratava, eram o alimento diário de minha alma.

Sem alimento, vocês sabem, o corpo definha. Sem o meu filho, tenho-me desnutrido a cada novo raiar do sol. Enxergo-me no espelho cada vez mais cadavérica. Os cabelos caem, a pele enrijece, os olhos se encovam. O peso evapora, a língua titubeia e as pernas tremulam. Não há mais sangue, apenas veneno. E os pensamentos, nebulosos e obscuros, enquanto o coração teima em bater.

Antes do julgamento, a compreensão. O que vocês têm observado em mim, nessas últimas semanas, não é apatia, preguiça ou exagero. São apenas sintomas: o corpo morre quando não existe mais alma.

Como me ensinou mamãe, peço-lhes perdão por tudo que possa tê-los magoado, mas não por isso. Guardo em mim a serenidade de minha escolha. Não darei trabalho ao tempo para que envelheça minha carne. Na falta de Tiago neste mundo, vou-me embora, buscarei por ele em outro.

Saibam que estou bem. Tereza de Jesus.



Até ontem

Helena Lúcia Zidan Sória

CRM-PR 2018

Ginecologia e Obstetrícia

Cascavel - PR

Até ontem seguindo Hipócrates
horários, obrigações
tinha um papel definido
no rol das nobres profissões.

Mulheres se sucediam
fortes, empoderadas
frágeis, aviltadas
todos os dias.

Buscavam ouvidos, olhos,
palavras, toques
decodificar sofrimentos
de uma ou outra espécie.

O corpo tomando forma
auge ou declínio,
beleza e identidade próprias
forjadas ou não por seus destinos.

Muitas carregavam
no ventre a esperança
a continuidade, o vir a ser
e eu ajudava a acontecer.

Outras, do feminino o orgulho
ou, pela frustração, incompletas
também as que só se viam
por olhos de outrem ou em distorcido espelho.
Entreguei razão e sentidos
no afã de dar pausa ou fim
de poupar agravos
de prevenir tantos males.

Ofereci saber e tempo
na pele de minhas iguais
ressignificando dores múltiplas
do tornar-se e ser mulher.

Mulheres se sucediam
fortes, empoderadas
frágeis, aviltadas
todos os dias.
Até ontem...

Lapetiteprune/Freepik

Breve eternidade

Léo Max Feuerschuette Neto

CRM-PR 37.623

Radiologia

Curitiba - PR

No silêncio de um beijo
A boca cala o sofrimento
Como a estrela de tão longe
Que no distante espaço esconde

Um pequeno ponto no escuro
Que ilumina a noite na Terra
E em seu brilho seguro
Afasta a tristeza
Que no vazio se encerra

Um simples sussurro
Uma centelha de esperança
O coração amargurado
Dispara extasiado
E volta a ser criança

O olhar do amor é puro
Imprevisível, sincero
Quando não correspondido
Alguém fica perdido
Em um sonho incompleto

Se o olhar é recíproco
Os dois são envolvidos
O universo então espera
O tempo desacelera
E nessa breve eternidade
O inverno é primavera



Arrumando as malas

Cristiane Crema da Rocha Schneckenberg

CRM-PR 14.517

Ginecologia e Obstetrícia

Ponta Grossa - PR

Chegando à sala, encontrei um clima de expectativa, naquele *stand* by típico de quando esperamos algo sem saber bem o que vai acontecer. Como médica sexóloga, minha tarefa era fazer com que os temas programados para o grupo ganhassem vida e que, de alguma forma, as pacientes não só seguissem o roteiro de assuntos, mas se apoderassem deles e pudessem escrever melhor suas próprias histórias.

Trabalhávamos com dinâmicas, e nos primeiros encontros percebi que pairava uma certa descrença. Imaginei que intimamente elas se perguntavam o quanto nossas “brincadeiras” poderiam, de fato, mudar suas vidas. Mas aos poucos as vivências lúdicas transcenderam para as vivências reais e o trabalho ganhou credibilidade.

Iniciei o encontro com um convite:

- Vamos começar nossa viagem de hoje arrumando as malas.

Cada uma recebeu uma caixa pequena, que representava a mala, e preparei vários cartões nos quais escrevi elementos reguladores da resposta sexual. Os cartões foram distribuídos sobre uma mesa no fundo da sala. Em cada um, vinha impresso um dos elementos que, depois de escolhidos, deveriam ser recolhidos à sua mala. As opções eram: ambiente favorável, fantasias sexuais, novidade, estímulo adequado, pensamentos positivos, emoções positivas, situação não favorável, hostilidade, antifantasias, estímulo inadequado, intimidade, depressão, ansiedade, raiva, amor, paixão. Havia oito cartões com

cada um dos elementos. Assim, o mesmo elemento poderia ou não estar na mala de todas.

- Doutora, não sei se foi uma boa ideia. Sou péssima em arrumar mala, sempre demoro um tempão decidindo o que levar e, em geral, ou levo a mais ou a menos – comentou uma das participantes.

- Sem desculpas, dessa vez a mala deve ficar pronta em dez minutos. E tratem de escolher tudo direitinho, porque será uma viagem muito importante – orientei em tom de brincadeira.

Coloquei uma música animada para tocar enquanto elas iam selecionando seus cartões e preenchendo suas malas. O objetivo era despertar uma reflexão sobre o quanto éramos, em parte, responsáveis por eleger os sentimentos que construíam nossa sexualidade e que podíamos então aumentar o controle voluntário sobre nossa vivência sexual em um jogo de escolhas que, consciente ou inconscientemente, fazemos no dia a dia.

Discutimos, então, um a um todos os elementos e cada participante pode revisar consigo mesma o que estava levando. Alguns itens, como a raiva e a antifantasia, não foram parar em nenhuma das malas. Contudo, quando perguntei se não carregávamos tais elementos em nossa vida, a resposta foi unânime: na vida real, nossa mala sempre estaria um pouco comprometida com sentimentos que, na brincadeira, simplesmente deixamos de lado. E chegamos à conclusão de que, se a mala for carregada com os elementos desejáveis, os indesejáveis terão menor espaço para ocupar.

As disfunções sexuais são classificadas dentro do código internacional de doenças, mas a maioria dos diagnósticos não pode ser confirmada por exames; e em poucas situações temos medicações efetivas para oferecer. O desafio era buscar instrumentos de ajuda para que as pacientes resgatassem suas próprias emoções que em algum momento foram esquecidas, negadas ou nem tiveram espaço para existir.

Fim do encontro. Malas prontas. Boa viagem!

Padrinho

Matheus Yamasaki Bissoqui

- ▶ CRM-PR 40.346
Foz do Iguaçu - PR

O que passa aqui dentro
é tão difícil descrever,
misto de alegria, que é tão grande,
com um aperto no coração
por não estar ao seu lado hoje

Amado, amigo,
grato sou Àquele que fundiu nossos caminhos,
apesar de no coração haver pranto,
hoje só lhe agradeço por ter feito tanto

Mesmo sem querer
me pego pensando em você,
é só me distrair
que o sorriso de canto vem,
e percebo
quantos bons momentos tivemos juntos.

O amor é tecido nos detalhes,
e você, na saudade ou na presença,
cativou a muitos,
por todos, assim é lembrado aqui.

Oh, meu Deus
guarda com carinho
o meu Presente aí.

Se houvesse um Deus da poesia

Márcio Fabiano Chaves Bastos

CRM-PR 14.302

Cardiologia – Medicina Intensiva

Curitiba - PR

Se houvesse um Deus da poesia,
este deus talvez me chamaria
para desvendar alguns caminhos...
caminhos tortos
do pecado, da virtude e da rebeldia,
caminhos também da liberdade
que busquei e jamais encontraria
se não fosse por ti...
querido deus da poesia...
mas, se existisse mesmo este ser
um deus supremo e onipotente...
este deus certamente...
jamais me deixaria
trilhar pela senda no escuro
sem ver-te a alma fugidia
tua tênue luz eu buscaria
nas palavras da poesia

se houvesse um deus da poesia,
sílabas loucas encontraria
na tentativa de unir meus pensamentos
e afastando para sempre a gritaria
transformarei tudo em sinfonia...
ah! que bela poesia...

nesta terra nobre de Maria...
a mãe de Deus, que alegria...
traz seu filho amado
neste ensolarado...
ensolarado lindo dia,
luz potente que sempre brilharia....
carreando um novo sentimento
sentimento este que me traria
ao coração da poesia...
mesmo assim...
foges de mim, uma simples poesia
e afugenta de vez a zombaria
perfeição imperfeita encontrei
nos fracassos sucessivos,
quem diria...
aqui na terra da poesia,

se houvesse um deus da poesia,
um deus torto...
da melancolia
buscaria apenas a alegria
para juntar as palavras
belas e soltas deste dia
e transformá-las em uma ideia luzidia

por fim...
se houvesse um deus da poesia...
se houvesse mesmo este deus...
deixaria meu corpo e mostraria
as palavras soltas da alforria
palavras trazidas de longe...
pelo deus supremo...
para o ser vivente que jamais desistiria...
de encontrar o mestre...
o deus da poesia.

Busca

Matias Nicolas Pereira Beiras

- ▶ Acadêmico de Medicina – 4º Período – Universidade Positivo Curitiba - PR

O que me representa, minha essência.
Nela algo falta, misteriosa carência
Disfarço o desespero
Finjo que nada sinto
Ansioso e faminto
Procuo dissimuladamente
Aquilo que perdi sem nunca ter
Uso minha mente para tentar ver
O que o coração não sente

Não quero ficar preso
Viciado em sofrimento
Cada vez mais espesso
Necessito desenterrar
Um defunto fragmento,
vítima de amor violento.



Ensaio dionisíaco sobre a morte de uma cigarra

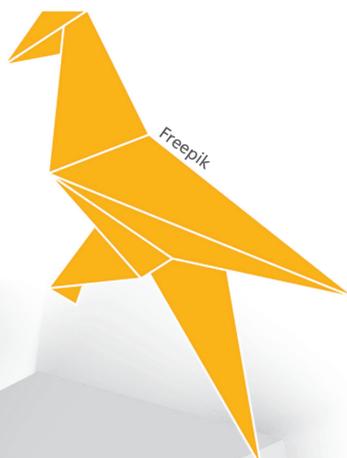
Augusto César da Silva

► Acadêmico de Medicina - UFPR
Curitiba - PR

Estou tentando... Estou tentando entender o frenesi imposto pelos vendedores de sonhos. Detectaram em mim uma covardia abusiva, sem respiração. Alimento-me de vírgulas, pontos matam-me a indecência. Não me entendem. Sou uma pluma leve – levíssima –, que paira no ar à procura de um pouso delicado e seguro. Entrego-me de corpo e alma ao vento. Vejo nele uma liberdade que não entendo, mas o vivo. Fadado a um sistema precário e desestimulante, minha heresia maior é contestar, querer ser livre. Estão transformando-me em números pouco complexos e qualitativos *in extremis*. Busco, dia após dia, o elo perdido entre mim e a nação holandesa. Há um pouco de T’Hooft em meu ser. Há em mim a faísca da loucura. Sinto minha Babel desintegrar-se em átomos miúdos. Dela restam-me apenas algumas lembranças de esperanças mortas, secas e indigestas. Sinto um frio na barriga que me faz ranger os dentes. Neste instante, a vibração quase imagética da amálgama solitária dos meus dentes atíça o canto de uma cigarra amarelada, esverdeada... Não, ela é de um verde-vômito que me dá nojo. Seu canto estremece as pontas dos meus axônios que de *quantum* em *quantum* chocam-se contra a minha testa. Desconhecemos tanto o ouvido humano. Para que serve mesmo o tímpano? Só sei que hoje de manhã minha labirintite reve-

lou-me ao mundo. Sou tão fraco e inábil. Sou tão severamente insignificante. Inventei Deus para a crença de ser especial. Sou? Olhem à nossa volta. Tudo o que temos são memórias. Perdoem-me os físicos, mas o mundo não é feito de *quarks* e mais *quarks*. O mundo é feito de histórias. Voltando à cigarra, quero dizer que esse bicho canta em tom libertino que me salva a vida. A libertinagem da cigarra me dá um tipo de liberdade, frustrada – sim! –, mas chama-se liberdade. O que há dentro da cigarra que a faz cantar tão alto para o mundo? O que ela tenta nos comunicar? Será a cigarra uma espécie de Deus? Mas que Deus teria esta cor de verde-vômito que enjoa seus súditos crentes? De Dó a Dó não há apenas uma oitava e seus respectivos acidentes. Há mais do que isso, muito mais. E é em uma fração desses intervalos que a cigarra nos canta o segredo do mundo. As cordas do meu violão semitonam ao tentarem, em vão, encontrar a frequência sublime do canto improvável da cigarra. Tenho a imprecisão de que seja entre um Ré e um Mi. Rema-me? Rema-me em direção ao desconhecido, ao desencontro do mundo e ao encontro do EU. Mas a cigarra... a cigarra... a cigarra... cigarro? Acendo um cigarro em nome do perigo e da fragilidade da vida. Cigarros vêm com uma dose extra de perigo, eis o meu vício. A cigarra em um movimento digno de prêmios olímpicos salta para a haste da porta sem sequer dar-se o luxo de interromper o seu canto. Em um típico pensamento da barbárie humana, penso em fechar a porta e esmagar a cigarra e ver o seu líquido derramado no chão e bebê-lo e misturá-lo com meu sangue vermelho. Cigarras têm sangue? É também verde? Vermelho com verde: Medo!!! Chego à conclusão de que as cigarras não foram criadas, mas vomitadas por Deus. Elas compõem uma parte desajeitada e confusa da mente divina. Elas trazem ao mundo um complexo de ira: a vontade que Ele tem de morrer. SILÊNCIO. Deus não pode saber que eu disse isso. Mas a imortalidade é a cruz que Deus carrega. Ele, por um instante, queria estar morto... como nós o somos. Assim, vomitam-se milhões de cigarras na Terra para que elas, que são uma parte não digerida do sentimento pernóstico e mortal, desçam à Terra e anunciem a mor-

te de Deus! Meu cigarro já está pela metade. Fumo a transformação da cigarra no atrofiamento de Deus, assim como a transformação do cigarro em minha própria morte. Mas eu sinto, eu tenho um coração vermelhusco e freneticamente pulsátil. Deus não. Eu morro. Deus, eu morro! Cigarras matam Deus assim como cigarras matam humanos? O cigarro já está no filtro e o fôlego deste animal suicida, no finito. Estou repleto de uma felicidade imprópria e ridícula. O cigarro se apaga e minha vida é engolida disfarçadamente pela terra. A cigarra se apaga e a vida ascende aos céus em um comunicado de profunda tristeza e solidão: Deus, coma-me e vomite-me novamente. Você é vivo! Sua cruz é a imortalidade, intransferível. Você não pode tudo se então não pode livrar-se da imortalidade. Quem mata Deus? Cigarras? A eternidade seria outro Deus superior ao nosso? Tenham piedade de nós.



A lenda da rosa e da neve

Fernando Augusto de Oliveira Ganzella

► Acadêmico de Medicina – UFPR
Curitiba - PR

Poucas são as coisas eternas no mundo. Os homens e as flores não estão entre elas.

Há muitos anos, nos tempos em que a Terra sequer era iluminada pela luz do dia, antes mesmo de a Terra ser entregue aos homens, as flores desabrochavam no inverno como o faziam na primavera; na verdade, as estações do ano não significavam muito para as plantas e para as flores e a grande maioria florescia o ano todo. Mas um dia, no auge do inverno, quando o frio descia forte dos céus, a Neve conheceu a Rosa. Branca e fria, a Neve em flocos se encontrou com as pétalas quentes e vermelhas da flor em botão que, tão logo tocada, desabrochou-se em carícias mil. E ali iniciou-se um amor.

Todos os dias vinha a Neve ao encontro da Rosa, a suavidade do toque, a tez se esvaindo em paixão, o calor inconstante de um amor de inverno, ambos como um em uma existência esplendorosa em que cada sensação era única, insubstituível e impossível de se ter novamente. E os dias foram passando um a um e, como em uma peça de teatro cujo fim chega sem avisar e os atores simplesmente se vão para nunca mais, assim fez o inverno, partindo de uma vez e levando consigo a Neve. Então, quando a Rosa mais esperava seu amante, choveu.

As gotas eram amargas e quase queimavam as pétalas da flor que, como a chuva, também caía em lágrimas. Os dias se tornaram um eterno aguardar, a infundável espera de quem ama, mas está longe,

a infinita caminhada de quem não pode dizer se há realmente um fim ou se tudo está a ser perdido. E o tempo foi passando, findou-se a primavera, passou o verão e iniciou-se o outono. Mas a Rosa já não aguentava mais.

A tristeza tomou conta da Rosa e a solidão se tornou sua única companhia; em seu caule nasceram espinhos e seu vermelho foi empalidecendo até se tornar a cor de seu amor: um branco níveo. Ela tinha certeza de que a Neve havia de voltar, mas a flor infelizmente não podia mais esperar. Então, uma a uma, a Rosa foi soltando suas pétalas murchas ao vento para que ele as carregasse para onde quer que seu amor estivesse e para que o vento guardasse sua paixão. Então, como a última flor do outono, a Rosa se acabou em solidão.

Poucos dias depois o inverno chegou e, com ele, chegou também a Neve, que não encontrou nada além de pétalas ao vento e tristes espinhos. As outras plantas, então, em um ato de respeito a esse amor incondicional e em respeito à própria Rosa, não floresceram mais no inverno, guardando suas cores e sabores para a primavera que viria logo em seguida; na primeira chuva depois do inverno elas floresceriam e voltariam a colorir a terra. Um luto gelado por uma paixão destruída. Assim, no inverno as flores não mais existiram e as plantas passaram a dormir um sono triste e coberto pelo gelo. Afinal, poucas são as coisas eternas no mundo; os homens e as flores não estão entre elas.



Freepik

O menino e a fazenda

José Luiz Pinto Pereira

CRM-PR - 5829

▶ Psiquiatria/Neurologia

Curitiba - PR

Amanhã vamos para a fazenda. Esta frase fazia saltar meu coração de alegria e deitar-me muito cedo porque, antes do nascer do sol, eu com meus dez e meu avô com seus joviais cinquenta e tantos anos, iríamos a bordo de um luxuoso oldsmobile, ou às vezes da velha Rural Willis enfrentar umas seis horas de viagem, desde Curitiba.

A fazenda era a dona Sinhá, na localidade de Diamantina do Paraná, atual Angai. O nome o avô gravou em homenagem à sua mãe, Joaquina Wood Pinto, mas que por aquelas bandas todos chamavam de dona *Sinhá*, corruptela de *senhora*, resquício que faz lembrar denominações arcaicas, que não se falam mais. Era uma imensidão de terras de araucárias e ervais e muito matão, virgem nativo. Eram uns setecentos alqueires que herdou de seu pai, Amadeu Teixeira Pinto um imigrante português, vindo da cidade do Porto, que se instalou na localidade de Faxinal das Vieiras, há umas tantas léguas, um dia de viagem, da histórica cidade de Palmeira no Paraná, onde arribou por volta do final do século dezenove, chegando lá de carroção.

Provavelmente foi terra doada pelo imperador Pedro II, mas junto a um seu agregado de nome Bento Costa, comprou depois muito mais. Em cinquenta anos de labuta explorou milhares de alqueires, nos sertões do Estado, fazendo fortuna com venda de toras de pinheiros e arrobas de erva mate moída e ensacada. Era o auge do ciclo da erva

do Paraná. Parece que não tinham dó das araucárias angustifólias naquelas paragens remotas. Na estrada de ferro, a locomotiva a vapor transportava as toras embarcadas na estação de Teixeira Soares.

Porém na década de 60, para chegar até lá de carro, já existia uma velha estrada, sem pavimentação que serpenteava muito e passava pela linda ponte em arco sobre o Rio dos Papagaios, que teria sido construída para a comitiva do imperador ainda no final do século dezenove, quando da sua visita a Palmeira, a joia dos Campos Gerais. Seguindo além, por mais tantas léguas, assim se expressava o avô, chegaríamos até os Vieiras, mas antes passavam-se velhas pontes de madeira, sobre rios assombrados como Rio das Almas e o Varão das Visagens, com suas histórias de mulas sem cabeça, Saci Pererê e caipora além de fogos-fátuos, aqui e ali, como gostava de contar, para me arrepiar.

Dizia que fogos na mata a noite não eram de assustar, eram apenas as carcaças de algum bicho que queimava em estiagens prolongadas, por isso fátuo, ardiam espontâneos, com a seca da estação. Não sei se acreditava, preferiria pensar que eram fogos da sapecação da erva-mate, que se faziam na época, em fogueiras na mata, antes de levar os fardos para moer em um malhador puxado a cavalo ou jumento, este sim, existia por lá.

Se tudo corresse bem, chegaríamos pelas quinze horas, e dava ainda para correr pelos poteiros, ver meu cavalo branco, o Faísca, dar uma olhada na bicharada, o que incluía um chiqueiro malcheiroso, algumas cabras e ovelhas no pasto, e dois ou três alazões de raça, em geral puro sangue inglês que meu avô teimava em criar apostando que um dia tirava uma valiosa cria para ser campeã no jóquei clube. Uma aposta que apenas uma ou duas vezes na vida acertou, com um cavalo de nome Alóis, sei lá por que deste nome, que venceu alguns páreos em Curitiba.

Luz elétrica lá não havia, mas certo dia conseguira não se sabe onde, comprar um motor gerador a gasolina. Dizia ser do exército e

do tempo da Segunda Guerra, eu jurava que era da época da Primeira, e mandara instalar lá na casa da fazenda, espaçosa, feita de madeira de pinheiro serrada, em tábuas, que resistiam décadas de chuvas, umidade e até neve, que as vezes caía, branqueando o pasto das invernadas, naquele sul do Paraná. À noite o via suar para fazê-lo funcionar, no muque, girando sua manivela e quando pegava apenas servia para alumiar umas toscas lâmpadas amarelas, com um barulho irritante que fazia sumir o som das cigarras no verão, até os roncões de onças do mato, que os caboclos diziam existir, mas isto eu nunca vi ou ouvi. Da varanda da casa preferia ver a luz dos vagalumes ou o cintilar das estrelas, quando a luz apagava.

Havia histórias como aquela de como presenciara a construção das capelinhas nos Vieiras, feitas por seu pai Amadeu e Bento Costa. Viraram uma atração turística local, erigidas como agradecimentos às graças recebidas por terem enricado no Brasil, isto deixaram bem claro e registrado em uma delas. Em outra, justamente a menor e mais distante do conjunto, de doze capelas, colocaram fotos da família, filhos e netos, Cleide, Cleony e Clayton. Não há referências de como puderam se transformar de pobres imigrantes em ricos latifundiários, madeireiros e ervateiros, certamente com muito trabalho em meio século, no sertão do Paraná. Mas há lendas, como de terem tirado a sorte grande na loteria vendida por um pedinte, na porta da igreja Matriz de Palmeira, onde foram orar por melhores dias e pedir o milagre de escapar da falência quando o corte de pinheiros foi proibido no Paraná. Da fazenda restou-me um sítio de poucos alqueires na localidade que fundaram com o nome Faxinal dos Pintos, onde, ao contrário dos avós, preservo a mata virgem com erva-mate e araucárias nativas. Já se passou mais de século, quando lá chegaram com pouco mais do que a roupa do corpo. Hoje me vem à lembrança o menino que viajava para a fazenda Dona Sinhá, ainda que ela não esteja mais lá, mas que nunca a deixou de visitar.

O rei das latinhas

Rodrigo Hiromu Kumagai

- ▶ Acadêmico de Medicina – 4º Período – Universidade Positivo
Curitiba - PR

Uma vez, meus pais me levaram para uma festa da prefeitura. Lá eu poderia falar com o político que mais admirava. Eu estava ansioso para conhecê-lo, queria contar para ele sobre meus planos para virar presidente, acabar com a corrupção e fazer do país um lugar melhor. Oh, sonhos de infância!

Era uma enorme tenda branca aquela na qual eu e maioria dos presentes estávamos. Meus pais me disseram para ir brincar enquanto o ilustríssimo não chegava. E fui atrás de outras crianças para brincar. Tímido que era, acabei por sentar-me sob uma árvore, olhando a cilandrinha de longe.

Vi que estava compartilhando a sombra com um homem. Usava vestes modestas: botas surradas, calças remendadas, camisa grosseira e um chapéu do tipo “Seu Madruga”, que cobria seu rosto enquanto ele cochilava.

Foi apenas quando o chapéu escorregou de sua face, deixando a claridade do dia penetrar em suas pálpebras, que o homem acordou. Entre bocejos, olhou os arredores e encontrou um japonês sentado ao seu lado. Perguntou a mim o porquê de eu não estar brincando com as outras crianças. Em resposta ao meu silêncio, disse que eu deveria ir brincar, pois é o que crianças fazem.

Ele perguntou meu nome e me disse o dele. É uma pena que eu não conseguir lembrar qual era. Quanto à sua fisionomia, o melhor jeito de descrevê-lo seria dizer que era parecido com o Morgan Freeman. Acabei sabendo muito dele. Era solteiro, paranista, tinha 4 cachorros vira-latas, gostava de cocada e morava num barraquinho perto de não sei qual rio.

– O que você veio fazer aqui?
– Vim catá umas latinha.
– Seu trabalho é catar latinhas?
– Tá vendo essa parte cinza da latinha? – mostrou-me a base da lata – Então, isso daqui é alumínio. Eu levo as latinha pra fábrica e me disseram que vira aparelho de dente. Meu trabalho não é só catá latinha, também é fazer aparelho. É assim que eu tiro meu sustento, compro a comida pra cachorrada e compro tijolo. Um dia vou fazer minha casa. Ei, deixa eu te contar uma coisa: não sou muito de me achar, mas eu sou o melhor catador da cidade, sou o Rei das Latinhas. Minha sacola é sempre a maior da fábrica. Me deram até uma grani-nha a mais da última vez.

O catador ainda falou da poluição das águas dos rios da cidade, dos ratos que saíam do bueiro de madrugada, das ruas que não tinham nem pedra, dos ônibus lotados. Na hora de ir embora ainda disse: “nesse mundo, meu jovem, nem se preocupe de falar com gente que nem eu”.

Como assim? Me perguntei durante toda a viagem de carro de volta para casa, enquanto meus pais me perguntavam porque eu não tinha voltado para poder falar com o político.

Gosto de imaginar que o Rei das Latinhas está por aí, fazendo outra coisa da vida. Que tenha conseguido, latinha após latinha, construir, tijolo após tijolo, a casa que queria. Que tenha encontrado uma rainha para fazer-lhe companhia em seu novo castelo. Que seus súditos cães sejam testemunhas do reino que aquele homem construiu.

Tourada sevillana

Marcelo Araújo Wilinski

CRM-PR 33.698

Clínica Médica

Curitiba - PR

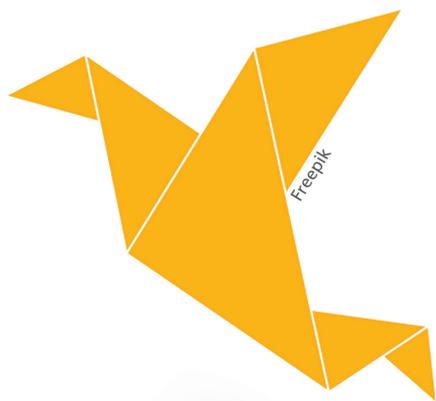
confraria dos sábios
gênios desfilando
transmutando a península
em um sambódromo
infinito

filosofando em silêncio
apenas com o histérico sussurro
de inúmeras faces
desatava enlaces
apenas com o calcanhar

ao vê-lo desfilar
doutor de várias cadeiras
do alto de sua
genialidade ébria
dizia:
só sei
que tudo
sabia

no apagar dos holofotes
o rei se levanta
cortando a luz

vencemos a guerra fria
aquecendo-nos em abraços
de familiares desconhecidos



O termo de uma paixão

Eduardo Mischiatti

CRM-PR 10.076

Pediatria

Curitiba - PR

Moldei-lhe uma paixão contida
mas logo a expulsei do peito.
Mostrara-se sufocante e atrevida,
talvez na forma um defeito.

Abandonei-a ao próprio destino
para que de mim se perdesse.
Tecida em desatino,
permiti-me que a esquecesse.

Mas ignorar-lhe a existência
não a fez deixar de existir.
Infligir-me sua ausência
não a fez, sequer, desistir.

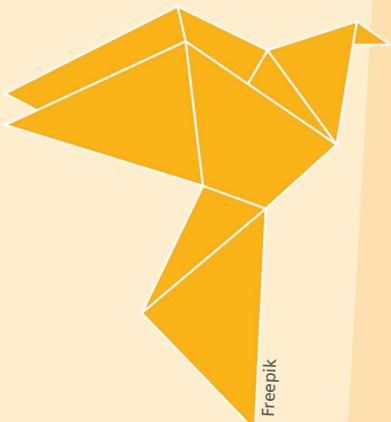
Insistiu-lhe, arrogante,
contrariando-me o decidido,
e o inútil rompante
só fez negar-lhe o abrigo.

Tão insolente como viera,
julgou-se pertencer ao infinito.
Recusou-se a ser o que era,
antes de ser-me um delito.

Se tudo no firmamento se sustenta
ao mesmo tempo em que desaba,
cumprindo ou não seu intento,
o todo vira nada.

E como não há nada que se faça
para quem o nada tocou.
Essa trama em desgraça,
finalmente se esgarçou.

E no termo de sua agonia,
ainda obstinada a vagar,
quedou-se, por ironia,
restando um risco no ar.



Freepik

Poema anônimo

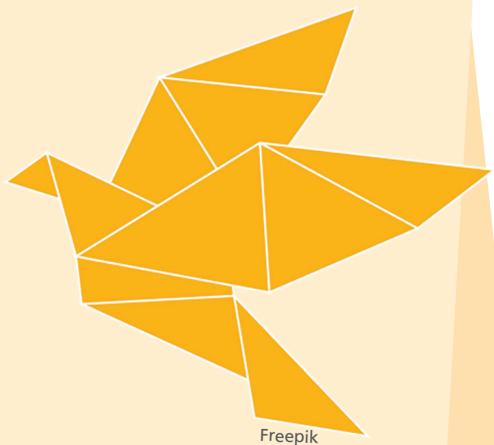
Larissa de Andrade Lima Barbosa

- ▶ Acadêmica de Medicina – 4º Período – Faculdades Pequeno Príncipe Curitiba - PR

Quis ser poeta anônimo
E esconder toda beleza de minha poesia.
Quis esconder minhas dores
E o nome dos meus amores,

Mas que graça na dança teria
Se não existisse melodia?
De que adiantaria uma noite estrelada
Se não pudesse ser admirada
E de que valeria uma poesia
Se não fosse lida e compreendida?

Por isso, diante do espelho,
Coloco meu coração,
Copio meus batimentos,
Pontuo minha emoção,
Contorno meu ritmo
E te conto meus segredos.
Lanço minha cartas na mesa
E assino com meu nome
E quando diante de tudo isso
Você estiver atônito,
Quase como um suspiro,
Te conto todos meus pseudônimos.



Eu e Ela

Bruna Fernanda de Castro

CRM-PR 39.542

▶ *Residente de Clínica Médica do Hospital Cajuru
Curitiba - PR*

Eu e ela. Eu, desconfortável, angustiada, com medo do efeito das minhas mais difíceis e pesadas palavras derramadas sobre ela. Ela, tranquila, um paradoxo misto de sofrimento e paz. Os olhos fitos nos meus. Eu, um turbilhão de pensamentos atropelados indagando o que haveria de ser os próximos minutos. Está feito. A pior notícia da vida dela eu dei. As palavras saíram rasgando minha garganta. Ele não vai acordar. Ela não o verá mais sorrindo, não o verá chegando em casa cansado após um dia extenuante de trabalho, não o verá jogando bola com o filho ou consertando o chuveiro. Não. Ela não verá. Tudo o que vê é a espera da morte. O que ela espera é um milagre. Ela vai chorar? Vai gritar? Vai me culpar? Não. Ela quis me abraçar. Ali, no âmago da dor, do sofrimento, esperei receber o choro, a confusão, a revolta, a raiva, o medo, o arrependimento. Esperei em vão. No seu abraço recebi amor, força e gratidão. Suas palavras mais belas impactaram-me o coração. Eu estava ali por uma razão, a vontade soberana de Deus e estava em suas mãos. Ela poderia ter dado qualquer coisa, qualquer coisa que extravasasse seu sofrimento. Porém, só se pode extravasar o conteúdo do que está cheio. E ela assim fez. Extravasou seu amor. Eu e ela. Um elo, um laço da razão e a emoção.

Remorso

Carlos Magno Guimarães

CRM-PR 3749

Clínica Geral

Curitiba - PR

O tempo parou.
Escuto bem longe
o teu chamado.

Vou ao teu encontro.

Tarde da noite,
La estou eu...
Enlamado/ Embrutecido.

Queria dizer-me algo!
E minha pobre inteligência não captava.

Mostrava-me todo filme da minha vida,
Revelava-me minha trajetória trilhada, passo a passo:
Ora fortes passadas com tua presença acoplada,
Ora fracas pisadas arrancando-te lágrimas da face.

Apiedava-te de mim.

Poucos momentos te dei de alegria.
E naquela atmosfera irreal de fantasia
Eu chorava e sorria.

Lágrimas eram por tão pouco a ti ter feito.
Sorrisos pela graça de em vida ter te encontrado.
Estou em um leito de hospital,
Mal respiro.

Sairei daqui para amar-te,

ou

Amar-te-ei no céu!

Seja feita tua vontade!

A VOZ

Élio Luiz Mauer

CRM-PR 2820

▶ *Psiquiatria*

Curitiba - PR

Não é a primeira vez.

Acabam de sair, os que se denominam familiares – mais exatamente, pais e irmão –, deixando um guarda que no momento está usando o banheiro. A gota d'água foram os merecidos socos e pontapés que dei no pretenso irmão após ter sido avisado pela voz das intenções maldosas dele.

Já faz algum tempo que só posso confiar nela, que me adverte e orienta quanto aos possíveis caminhos a seguir. Por sua orientação hoje estão mais claros episódios que ocorreram durante todos estes anos e que invariavelmente levaram as pessoas que habitam esta casa comigo - estes que se apresentam como parentes a buscar, sem nunca me pedir permissão, a intervenção de instituições assim denominadas hospitalais, que a muito custo se parecem com sanatórios.

Como já tive a oportunidade de dizer, acabam eles de sair e, como sempre acontece, acho eu, devem ter ido procurar vaga em uma das citadas instituições, e a voz, como sempre me orientando, concorda com esta ideia, e me guia no sentido de usar o lance de estarmos tão alto no prédio e usar este fato para alçar voo em direção à sua morada, onde todo o sofrimento de uma nova internação não existirá.

Em todas as outras ocasiões, nos confinamentos, me vi isolado, sendo obrigado a tomar um sem fim de comprimidos que uma vez engolidos, me deixavam inquieto por um lado, e por outro, enrijecido e com dificuldades de movimentação. E não adianta reclamar. O mé-

dico (seria ele um médico de verdade?) diz que é assim mesmo e que vai melhorar. Tendo enfrentado várias dessas situações, sempre ajudado pela voz aprendi a não engolir os comprimidos, evitando essas desgraças, e jogando as pílulas na patente. Ao contrário dos chamados familiares que só reclamam do meu comportamento e ameaçam com novos isolamentos, a voz só tem me elogiado. Acham que as instituições acabam tendo que me soltar, as outras pessoas não aprendem e as agressões (como a voz me testemunha e traduz) e as constantes provocações recomeçam.

Não poucas vezes, em situações como estas escutei da voz um convite e em outras ocasiões uma gentil exigência.

Desta vez ela me convenceu.

Não penso em esperar o retorno das pessoas com a ambulância, a injeção, assim como a argumentação de sempre: as coisas passaram dos limites (e eu não poderia dizer o mesmo as veladas agressões deles no dia a dia?). As agressões veladas e as comparações não verbalizadas a favor do outro assim chamado irmão?

O sujeito ainda não saiu do banheiro.

A voz me convidando: “Voe, venha para o mundo bom”.

Desta vez não hesitarei.

“Me aguardem - estou voando...”



Morreu de saudades

Anna Paula Bueno Haurani

- ▶ Acadêmica de Medicina – PUC-PR
Curitiba - PR

Subiu as escadas pela última vez, apoiando-se fortemente no corrimão e nas suas oito décadas e meia de vida que carregava nas costas. *Tic tac*. Em caracol, as paredes se erguiam ao redor dos degraus, carregando memórias em forma de fotografias de uma vida toda, formando uma verdadeira linha do tempo a ser admirada por quem tentasse chegar ao segundo andar. *Tic tac*. Escalando cada degrau, foi olhando e relembrando as histórias por trás daquelas impressões de felicidade capturadas para a eternidade, quando uma corrente de saudosismo entrou por uma janela esquecida aberta, e a nostalgia, por uma porta encostada, entrou sem bater. *Tic Tac*.

E foi se demorando na frente de cada foto. Não por seus joelhos já cansados, mas porque queria guardar os rostos, sorrisos e histórias. Nomes, lugares e memórias. *Tic tac*. Lembranças de pessoas que há muito já haviam partido, para outra cidade ou para sempre, sem ter tido a chance de se despedir. Fotos de lugares que ainda planejava visitar um dia, quem sabe? Molduras que carregavam fotos com seus pais, que há anos a vida – ou a morte? – não permitia que os visse mais. *Tic tac*.

Estava no meio do caminho até o segundo andar, ainda se segurando naquele corrimão frio e arrastando suas pantufas já gastas por todos os passos que deu na vida – certos e errados. *Tic tac*. Por um instante, pegou-se revisitando seu eu de outras épocas, agora tão distantes. Desejou poder reviver cada um daqueles momentos, mas le-

vando junto toda a experiência que os anos já vividos lhe trouxeram, evidenciada em cada ruga sua. *Tic tac.*

E foi nesse frenesi de sentimentos e de saudades que começou a pensar no que não tinha feito na vida ainda, enquanto continuava subindo as intermináveis escadas em caracol, demorando-se em cada fotografia da parede. Depois que se fosse, qual marca deixaria nesse mundo? Temia o esquecimento: não queria ser passageiro no ônibus da vida. Tinha vontade de escrever um romance, fazer uma descoberta científica, ajudar o mundo. Será que ainda tinha tempo? *Tic tac.*

Finalmente colocou ambos os pés com as pantufas gastas no último degrau e olhou para a parede em caracol que terminava ali, assim como a linha do tempo de fotografias. Precisava arranjar mais espaço para novas molduras, novas lembranças, novas pessoas. Sua vida não podia acabar ali. Tinha tantas histórias já contadas; esperava, no entanto, ter tempo para algumas outras ainda. *Tic tac.*

Chegou à conclusão de que não sabia quanto tempo restava: uma semana ou uma década? A sua parede de memórias já tinha acabado e ainda precisava deixar sua marca. Decidiu que começaria a escrever seu livro e se empenhou em bolar histórias mirabolantes na cabeça, enquanto andava até o computador. Sentou-se na cadeira e se preparou para começar a digitar. *Tic*

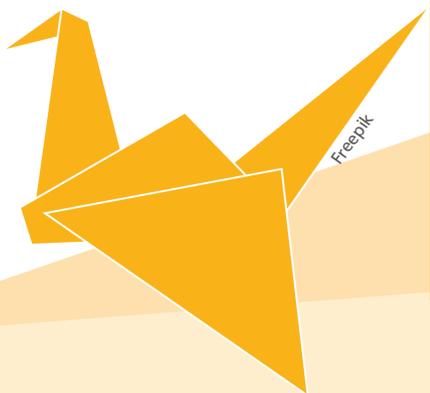
– *Morreu de arrependimento?*

– *Não, morreu de saudades.*

Mal sabia que tinha deixado sua marca em cada pessoa e cada lugar cujas fotos estavam penduradas naquela linha do tempo. Quando se sentou naquela cadeira, tinha um único arrependimento. Deveria ter feito uma parede em caracol maior.

Tempo

▶ **Diogo Von Gaevernitz Lima**
Acadêmico de Medicina – UEL
Ponta Grossa - PR



Em sua infância tenra
Muito por livros se interessava
Preferia o lar ao tumulto da rua
E o tempo passou, passou

Matriculado na natação
No inglês, no francês e no violino
Disso se ocupava, disso gostava
E o tempo passou, passou

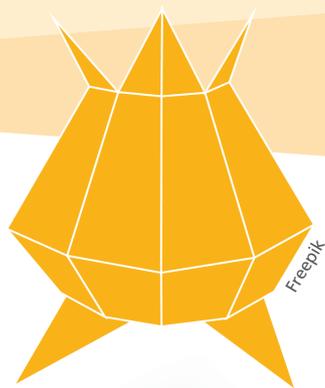
Durante o ensino médio
Engenharia decidiu estudar
Exemplo de disciplina e dedicação
E o tempo passou, passou

Aprovado no vestibular
Etapa concluída
Não foi ao trote, não comemorou
E o tempo passou, passou

Em meio a tantas distrações
Festas, competições e demais frivolidades,
Manteve foco em suas obrigações
Por seu mérito próprio e exclusivo venceu
E o tempo passou, passou

Tornou-se renomado engenheiro
Casou, descasou, teve 3 filhos
Pouco tempo para família e amizades
Profissional eficaz e respeitado
E o tempo passou, passou

Passou tão rápido
Uma vida em poucas horas
Agora velho
Fraco e cansado
Prazeres de lado
E o tempo acabou



Crônica de um transplante renal

Marco Aurélio de Freitas Rodrigues

▶ CRM-PR 7702

Urologia

Curitiba - PR

Minutos antes do transplante eu a observava, tímida, sobre a mesa cirúrgica, sob a claridade do foco. À medida que a luz mais intensa se dissipava à sua volta, podia se imaginar uma grande aura. Esse espaço era preenchido por vozes, pensamentos e atos de boas intenções, de profissionalismo e também de compaixão. Na sala, imediatamente ao lado, seu pai lhe doaria o rim esquerdo. O pai, a filha e o amor sem mais adjetivos.

Eu os conheci no consultório semanas antes da cirurgia. Surpreendidos por uma doença grave, essa humilde família estava unida pela recuperação da saúde da filha. É dever de ofício informá-los e expor os riscos dos procedimentos. Um transplante renal com doador vivo cria uma condição médica exclusiva. Usualmente tratamos pessoas doentes. No caso de doador vivo, paradoxalmente, só poderá se candidatar aquele que for saudável. Fomos treinados para curar. Operar alguém sem doença, estranha a nossa prática e aumenta a preocupação. O doador sendo o pai e seu provedor multiplica nossas responsabilidades. Em um transplante, as razões para otimismo são cientificamente maiores, mas é inevitável não amendrontá-los com os números e as explicações.

Com o decorrer da manhã, as cirurgias caminharam para os momentos finais. O rim removido do pai estava em boas condições e ele reagiu bem. Após cerca de 40 minutos as artérias e as veias de ambos já tinham sido delicadamente suturadas. Os clampes dos vasos foram então removidos. A palidez do rim resfriado foi imediatamente substituída pela cor rutilante do sangue que perfundia satisfatoriamente o órgão transplantado. Em pouco tempo a urina que fluía era sinônimo de sucesso. Naquele momento, o bravo pai da menina transcendia a condição de doador para tornar-se sua própria carne. A ciência e o humano juntos se abraçam e humildemente se reconhecem.



Pequena crônica em Lisboa, Portugal

Pedro de Souza Lima Abramovic

▶ CRM PR 22.417

Oftalmologia

São Mateus do Sul - PR

Feita durante um período dedicado ao turismo e à alta-cultura, ou vagabundagem da grossa, dependendo do ponto de vista.

Estava eu, cá, a subir o Forte de São Jorge e, no espaço de uma hora, contei pelo menos três dúzias de nacionalidades e uma dezena de línguas que conseguia de alguma forma reconhecer.

Qual foi a única que ao tentar ser verbalizada (chamar isso de verbalizar talvez seja uma superconsideração com seus interlocutores - chamá-los de interlocutores talvez seja uma supervalorização destes bárbaros - utilizo aqui o vernáculo no seu original - aqueles que fazem BAR-BAR-BAR!) era somente feita aos berros, com pletora de erros concordância, gírias mil e linguajar, no mínimo, semichulo?

Não faz 24 horas que cá estou e começo a pronunciar as palavras com ênfase no topo da garganta, coisa que antes fazia na boca.

Não sei se é para ficar feliz ou triste, mas os portugueses não me reconhecem como lusófono. De pronto falam em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol ou algo que me parece russo, escandinavo ou derivado da raiz fino-úgricas. Quando eu inicio o português falado, eles ficam surpresos, mas não reconhecem de onde ele vem. Não adiquiro nem o acento português, nem me passo por brasileiro por ser muito “polido e cortês”. Tornei-me um apátrida!

Os lisboetas são amáveis e prestativos. Cortesia não é o forte desse povo, mas nota-se que é devido a uma falta de trato e não de educação. Isso deve ter sido bem pior há dez ou vinte anos atrás.

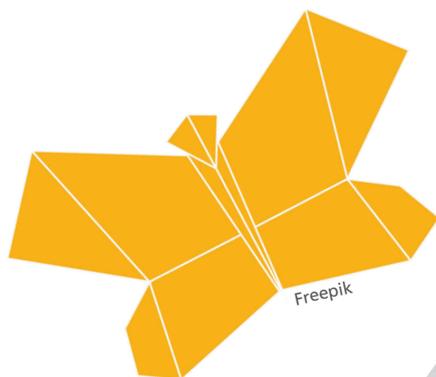
Subi um morro que terminava num belo paço situado no parque Eduardo VII — onde acabei caindo na 88ª Feira do Livro de Lisboa, da qual tive que me retirar às presas, antes que me pusesse a fazer compras de volumes os quais depois teria de carregar por mais vinte e quatro dias — para alguns, era simplesmente um pavilhão de exposições, pois era o que estava escrito no Google Maps. Pessoas ficam seguindo o GPS como se este fosse uma orientação advinda do próprio Altíssimo.

Estou mesmo a gostar destas paragens. De maneira geral, Lisboa é uma cidade bem bonita e conservada. É um centro do Rio de Janeiro que deu certo. A avenida da Liberdade é belíssima: uma mistura de Champs-Elisées de Paris com Rua Pinheiro Machado — onde fica o palácio do governo do RJ. Aqui há uma organização antiga, mantida e respeitada. Arquitetonicamente harmoniosa, ainda que na prática não seja a melhor solução para o trânsito. No Rio de Janeiro tudo já foi esculhambado, nem mantiveram a harmonia ou a organização, nem transformaram n'algo prático para a fluidez do trânsito.

O mais triste é ver em bares, em quiosques, em restaurantes e nas calçadas pessoas sós, casais e mesmo famílias inteiras com os rostos grudados em seus celulares, tomando um bronzado de monitor, enquanto dois milênios de história se descortinam ao seu redor. Herança de fenícios, passando pela Olissippo romana, pela Ulishbona visigótica, pela al-Ushbuna moura até a Lisboa lusitana. Tudo isso em menos de um quilômetro quadrado.

Uma orquestra está a tocar Rossini e J. Williams na praça à beira do Tejo e um trio tocando e cantando músicas mouras, medievais, barrocas, renascentistas e músicas portuguesas modernas, perfazendo a história de Portugal nos jardins do forte de São Jorge. Aquelas pessoas, no entanto, estão mais preocupadas em registrar digitalmente do que experimentar, analógica e diretamente.

Confesso que desejo uma companhia que, mesmo muda, mouca e/ou cega, pudesse partilhar comigo essas pequenas impressões, experiências e vivências que se esmaecem como as brumas levadas pela manhã ou como minhas lágrimas a se juntarem às de Portugal no mar.



Anamnese

Alexandra Pires Grossi

► CRM-PR 24199

Ginecologia e Obstetrícia / Ultrassonografia Fetal

Curitiba - PR

O sol coloria o horizonte em mais um espetáculo vespertino. Ao mesmo tempo, aguardava o apito da chaleira e finalizava meus preparativos para sair. O próximo passo do rito era o deleite instantâneo com a fumaça do café coando no filtro.

O trajeto sempre certo, cronometrado, onde não havia caminhos, nem motos a zunir, nem qualquer vestígio de trânsito. Nada disso. O que eu via por aquele caminho eram as montanhas da serra ao longe, o cintilar das cercas que faziam fios de cristal com o orvalho congelado, eram as pessoas transitando nas laterais da pequena rodovia estadual. Como é que os olheiros não enxergavam aquela moça tão bonita? Se tivesse um pequeno toque de produção profissional, poderia estampar as capas de revistas. E aquele senhor na bicicleta? Colarinho puído, sapatos gastos, camisa tão fina que se podiam vislumbrar as costelas... pra onde ia? Onde vinha?

Quando dava por mim, já estava no estacionamento da Unidade Básica de Saúde.

Recepção simplória, com bancos de madeira despretensiosos, nada de estofamentos ou aparatos. Consultório de acordo com os demais ambientes: comportava o necessário, numa disponibilidade escancarada, tão despida que, paradoxalmente, era convidativo, havia muito o que fazer!

Perguntei pelo nervo na raiz da coxa: — Minha mãe cobiçou. Intrigada, encarei-a por alguns instantes até entender que tinha etiologia congênita.

Na consulta seguinte, ao indagar pelos exames anteriores, dona

Nair respondeu-me de pronto: — Doutora, fiz tanto exame, mas tanto exame... comecei a contar, mas quando cheguei no quinto, perdi as contas!

— Dona Solange, como está o controle do peso? — Doutora do céu, engordei oito quilos. Fui à igreja outro dia parecendo uma mortadela da Batavo. E emendava uma gargalhada rosada e sem pressa.

Entra a Sra. Rita: passos curtos, olhar furtivo, escorrega pela cadeira. Embatuca. — Bom dia, dona Rita, então me conte o que a trouxe aqui. Os olhos ainda mais arredios, procurando um amparo. — Tô sentino uns comichão, uns ardume, dotôra.

E a próxima é a Dona Hermenegilda, camiseta estampada com Nossa Senhora Aparecida sob seu manto azul, terço ao pescoço, cabelo branco e preso por um grampinho. Só de entrar no consultório, sua figura já me enche o coração!

Dessa vez não conheço. Ela entra cheia de trejeitos, com a fala veloz e mudando de assunto rapidamente. Nem chega a se sentar, leva os exames da filha para a avaliação. Nitidamente esquecera de si mesma havia alguns anos. — Por favor, Dona Maria, deixe os exames de sua filha aqui, logo mais os avalio. Agora quero examiná-la... Ri e cobre os olhos como se, com esse gesto, eu não pudesse ver a nudez das mamas.

E assim a manhã passava num piscar de olhos, com uma infinidade de histórias, das mais pitorescas às mais confidenciais. Mazelas e grandezas do ser humano. Histórias de vida, de luta, de sobrevida, resumidas nos minutos da anamnese. Anamnese redigida com caneta Bic, alicerçada na sinceridade do olhar direto e franco. Poemas vivos sob lábios cerrados, olhares perdidos e semblantes a serem desvendados.

Garoa lá fora à hora do almoço. Muitas pessoas em fila no serviço do restaurante. Um homem franzino, com chapéu preto e de abas retas, casaco alinhado, tomava cerveja no copo, ao que adicionava limão, espremendo-o de quando em quando.

Passei em frente à igreja e agradei ao Nosso Senhor. Veio um gorjeio, estaquei. Agradei novamente ao Senhor e saí com o peito estufado de satisfação.



LIVRAI-NOS DO MAL

▶ **Lincoln Fabrício**
CRM-PR 15.009
Dermatologia
Curitiba - PR

Livro-ai-nos do mal

No livro

Me livro

Da vida

Sem tempo

No livro

Me livro

Do tempo

Sem vida

No livro

Sem tempo

Com vida

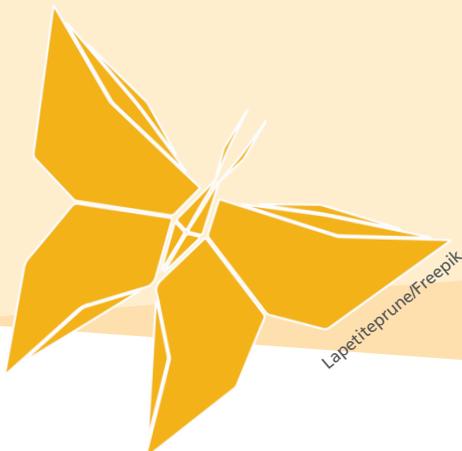
Me livro

No livro

Com tempo

Me livro

Me livro



Lapetiteprune/Freepik

Amargo

Emily Moreira Leal

► Acadêmica de Medicina – 8º Período – UFPR
Curitiba - PR

Um café, por favor!

O tilintar das xícaras se une ao vapor da água que compõe aquele ambiente um tanto quanto inóspito, a mulher de feição irritada me garante que o dia se iniciou sem grandes expectativas, aliás, sobreviver às intempéries tornou-se lei e o “apesar dos pesares” cada vez mais frequente, hoje, em especial, um tanto quanto pesado. Não há grandes condições de higiene pelo que percebo no geral. Sem me levar por inferências internas, sento-me no balcão. No momento, não preciso de muito, somente de algo que me assegure vitalidade, que traga sensações, distinguindo o doce do amargo, o quente do frio.

Estou virado, cada músculo do meu corpo aponta que preciso parar, não fossem as responsabilidades e despesas, com as quais me comprometi, eu pararia de fato. O olho pesa, uma ardência misturada com a sensação de areia inunda a visão e fere o julgamento. O médico não é herói, não é Salvador, não é especial por ser quem acredita ser, mas se julga capaz em sua própria incapacidade. E eu não sou diferente dos demais. Trago arraigado em mim o sentimento de que é sempre possível retirar um pouco mais de água da rocha.

A cada gole de café coado, puro, amargo, me sinto faltante, impróprio, ineficiente. Faço escolhas e elas interferem na vida do Antônio, pai da Joana, grávida de um menino, ainda sem nome. Já não sei se pensei alto ou meu grito ecoou somente em meu interior, mas a verdade é que eu não consigo resolver. Não consigo evitar uma próxima violência que faz da Maria, paciente frequente na UPA. Ela me diz que caiu, “Sou distraída, Doutor!”, mas eu sei diagnosticar o olhar. Não me falaram que com o tempo eu diagnosticaria baseado em olhos turvos,

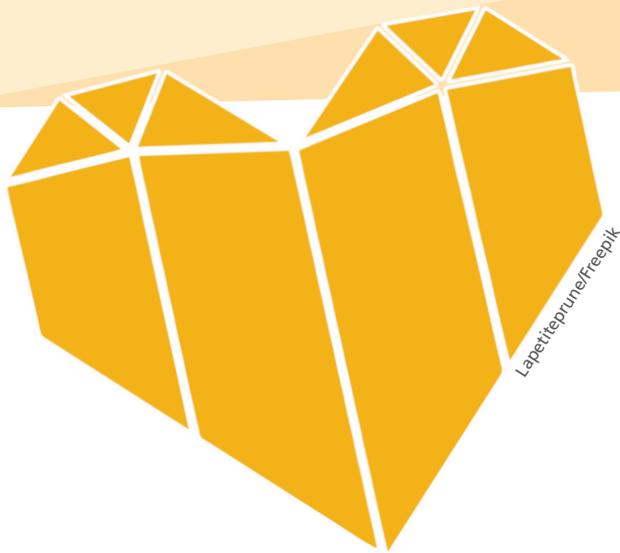
vazios, solitários. Hoje percebo tons de angústia, solidão e desespero. Bastam vozes suplicantes e ouvidos atentos. Não curo – quando muito, cuido. A cada intervalo, tento me desligar, mas quem era o menino morto em um confronto com a polícia naquela manhã? “Não identificado” tem família, é amado e não sabia que morreria ao se levantar. É uma teia, estamos conectados e de certo modo certas ações interferem mais ou menos, cedo ou tarde. E isso é inevitável.

Estou cansado...e eu preciso esquecer que a dona Zélia espera há dois anos um ecocárdio, enquanto tento orientar a Mariele a fazer uso correto do coquetel, torcer por adesão.

Mexo a colher vagamente como se estivesse adoçando, esfriou... Outro café! Eis minha súplica.

Um foi pouco.

Inerte ao barulho externo, aqui dentro abafa um eu que quando parado grita, esperneia. O zumbido ensurdece. Engulo e peço a conta. Junto comigo um riso automático de canto de boca. Não posso parar. Sempre há mais café...



Romance

Caroline Perez Lessa de Macedo

CRM-PR 31991

Clínica Médica

Curitiba - PR

No noticiário do almoço, a principal reportagem era sobre uma jovem que morreu após cair do 4º andar do prédio. Suspeitavam de homicídio e as imagens do marido a agredindo fisicamente só reforçavam a hipótese. E mostraram cada cena das câmeras de segurança... Perdi a fome.

Sim, sou sensível e romântica. Suspiro com contos de fadas desde a infância, sempre me inspirei no carinho dos meus pais, achei meu príncipe encantado, que me faz ver “*la vie en rose*”. Não conseguia entender aquele relacionamento. Aquela situação me fez questionar se ainda existia amor e romance em mais algum lugar, além do meu mundinho.

Nesse cenário, com uma delicadeza invejável, a vida me apresentou um casal. Ela com 89 anos e ele com 91. Completavam 72 anos de casados. A casa deles era muito aconchegante – móveis antigos, resistentes, de madeira, mas com almofadas fofinhas. A sala de estar era repleta de porta-retratos com os registros das passagens mais importantes da vida deles – o casamento, as bodas, as formaturas dos filhos, fotos dos netos. Tinha ainda uma Bíblia e algumas partituras sobre a mesa.

A senhora acabara de voltar para casa após um internamento hospitalar por um acidente vascular encefálico. Ainda apresentava dificuldade na fala e não conseguia firmar o tronco. Ela pediu um copo de água. O marido a acomodou em seu peito e disse “encosta *sua cabeceira no meu ombro...* Mas não chore!” E ela sorriu. Todas as tardes, ele tocava violino e a incentivava a cantar. À noite, faziam juntos a oração. Aos poucos ela se recuperava. Voltou a cantar. Me contou com

orgulho sobre a escolha da aliança das Bodas de Ouro e brincou “que sorte que esse menino quis casar comigo!”. E mesmo na adversidade, aquele amor só se fortalecia.

Numa manhã, a saúde dela piorou, estava sonolenta, a filha não conseguia acordá-la. Ele veio de mansinho, sentou na beirada da cama e disse “não me deixe, meu amor! Não faça isso comigo”. Ela lentamente abriu os olhos e respondeu “serei pra sempre sua”. Com os olhos cheios d’água, os dele e os meus, ele me garantiu que nunca estaria sozinho, porque aquela história de amor era eterna.



Palpitação

Emerson Schindler Junior

- ▶ *Acadêmico de Medicina – Universidade Positivo
Curitiba - PR*

Sinto uma batida no peito, um ritmo, uma percussão.
Como ignorar uma melodia dentro de mim?
Como, em sã consciência, dizer não?
Pego os fones de ouvido
Tum-tá, tum-tá, tum-tá
Sinto a arte, creio que estou vivo.
Tudo faz tanto sentido,
Deixo fluir.

E assim, de repente, ouvindo esse som,
Penso que talvez a vida seja um grande concerto.
Melodias, cores, luzes, nada em vão.
Quero ouvir tudo, ver tudo, sentir tudo,
Estar feliz e tranquilo quando o maestro fechar a mão.

Penso também na medicina e em sua capacidade de manter a vida,
Não fazer doer nem sofrer.
Mas penso muito mais na arte,
Que não mantém a vida,
Mas mantém o mais importante:
A vontade de viver.

Ritmogenia

Eduardo Santoro Luiz

CRM-PR – 34.486

▶ Clínica Geral

Curitiba - PR

Ela era...

A dona de um coração apaixonado,

Que acreditava estar

Numa frequência ótima.

Sempre ritmado.

Tão somente para se encontrar equivocado.

Pouco a pouco sendo deixado de lado.

Com a solidão

BraDilacerado

Parou!

Somente então,

Reanimado por um novo sonho e,

Batendo de pulso em impulso,

Seguiu novamente.

Num novo ritmo.

TaquiOtimizado!

Ensaaios da vida

Paola Isabela Jacobowski

- ▶ Acadêmica de Medicina – Centro Universitário Integrado
Campo Mourão - PR

As gotas de chuva colidiam com a janela e reluziam como milhares de cristais. Sorri. Me aconcheguei em frente a esse quadro da natureza, confortavelmente posicionando minha caneta e minhas ideias. Logo após, iniciei com um ponto. Sim, um singelo ponto, feito ao pressionar suavemente a tinta sobre a folha de papel almaço, como o pouso de uma pétala na superfície de um lago – ponto este que se tornou meu ponto de partida. Mas, primeiramente, não julgue minha preferência pelas canetas, não tenho medo de errar e, afinal, os erros não se escondem, principalmente quando permito meus pensamentos fluírem sem restrições. Verdade seja dita, muitos os nomeiam assim, “erros”, entretanto prefiro considerá-los como boas tentativas. Tudo bem, essa discordância talvez se dê graças a diferentes perspectivas.

Um arrepio, então, me ocorreu e, sabendo que não havia sido causado pelo vento frio, senti meu próprio inconsciente revelando o clímax a que minha mente chegara, fazendo despertar a consciência. O momento de pura criatividade atrelada à felicidade de transformar o ponto em palavras. Perspectivas. Uma palavra tão peculiar, a qual muitos desconhecem ou sobre cujo significado não se aprofundam, mas que possui o poder de mudar a realidade sobre a vida, destruindo a padronização de pensamentos. Naquele momento, encontrei-me num redemoinho de reflexões. As palavras traduzindo meus sentimentos, guardando meus segredos, fazendo-me navegar dentro de mim mesma para encontrar minha própria perspectiva e ver a vida através dela, sem a interferência de nada nem ninguém. Entre rasuras, letras e símbolos, os riscos de tinta dançavam entre as pautas

das folhas brancas dando significado aos meus pensamentos até que parou, e pude sentir que havia nomeado minha perspectiva interior. Chamei-a *Ensaio*.

Cuidadosamente, tentei descrever essa descoberta com a melhor das explicações. Olhei para a janela, para a calma d'água que caía do céu e me permiti navegar para águas mais profundas. Para realizar uma peça de teatro, os artistas ensaiam noite e dia para o grande espetáculo, porém sem a certeza de que tudo permanecerá igual nos mínimos detalhes, são deixados à mercê de improvisos e erros. Ora, se sou, pois, a artista do meu próprio chamado Vida, então dia após dia, ensaio alegremente toda minha vontade de viver. Por fim, fechei os olhos e senti a leveza na qual minha alma encontrava-se, como aliviada por eu ter decodificado sua mensagem secreta. Vivendo pela minha perspectiva única e recém-descoberta, percebi que sou um conjunto infinito de ensaios. Experiências, mudanças, improvisos, incertezas, acertos e, sim, talvez algumas incuráveis boas tentativas.



Lapetteprune/FreePik

A folha

Jorge Tadashi Daikubara Neto

- Acadêmico de Medicina – UFPR
Curitiba - PR

Com beleza admirável
A folha caiu
Passeou pelo céu perdida
Em alguns instantes
Perdeu a vida

Sem feridas
Sem remorsos
Por isso, tão bonita

Que ninguém percebeu
Que ainda não era outono
Nem tempo de ir embora



Freepik

Grito de liberdade

Nereu Hugo Pacheco Loures

CRM-PR - 3702

Clínica Geral

Medianeira - PR

SE EU QUISESSE AGORA FALAR DE MIM

SE PRECISO FOSSE ABRIR A ALMA

NÃO TERIA PAZ PRA ESCREVER UM CONTO

NEM MESMO CORAGEM PRA FALAR DE TUDO

MAS COMEÇARIA PELO QUE VI

NESES ANOS TODOS, FELIZ MEMÓRIA

O QUE UM VELHO ENSINA, O MOÇO ESQUECE

MAS O QUE SE SOFRE, FICA GRAVADO

SE EU PUDESSE VER NO AMANHECER

A CERTEZA FEITA DO PASSADO VIVO

COMO A PROEZA DE UM HERÓI

QUE VENCEU A BRIGA, POR SABER O FIM

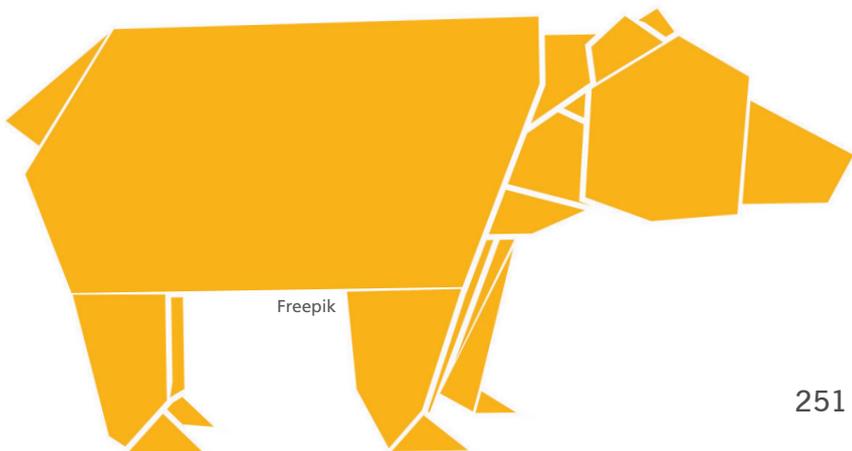
SE EU PUDESSE ACHAR NO FUNDO DO POÇO

NUM PAPEL ESCRITO, O AMANHÃ!
VOU QUERER FICAR NESTE CHÃO SENTADO
VOU QUERER CUIDAR DE VIVER MELHOR
POSSO ATÉ FUGIR SEM TENTAR A LUTA
POR SABER DE MAIS, VOU DORMIR CANSADO

SE VOCÊ QUISESSE SABER AGORA

O QUE HÁ POR TRÁS DESSE SENTIMENTO
TUDO O QUE EXISTE EM TEU CORAÇÃO
EM TUA CABEÇA, TEU CORPO, ATÉ
É PRECISO, ENTÃO, DESFAZER A TRAMA
QUE A VIDA TECEU PARA TE ENFORCAR
NECESSÁRIO SER UM MOMENTO LIVRE
PRA ABRIR A MENTE E ENCONTRAR A FÉ
SÓ ASSIM VERÁS QUE O MUNDO É FEITO
DE PEQUENAS COISAS QUE SE COMPLETAM

AS PESSOAS CORREM PRA UM ENCONTRO
QUE NÃO ACONTECE, PORQUE TÊM MEDO
E VOCÊ BEM SABE A PALAVRA “AMOR”
QUE OS POETAS FALAM EM SEUS SONETOS
SÓ TRADUZ VERDADE, QUANDO É VIVIDO
NÃO REVELA NADA NO PAPEL ESCRITA
O VALOR DE TUDO, A MEDIDA EXATA:
SÓ O HOMEM LIVRE SABERÁ NA VIDA



O desaparecimento de Clara

Hernande Leite

▶ CRM-PR 20.406

Clínico Geral

Foz do Iguaçu - PR

Apavorada pelo crescimento da violência no seu bairro, Júlia faz campanha por mais policiamento ostensivo. Jornalista conceituada e denunciante de casos de corrupção, arrasta uma multidão em passeata, exigindo mais policiamento e mudança no código penal para acabar com a impunidade, passando então a receber ostensivas ameaças de morte.

Cria suas duas filhas, Clara e Thaís, de 15 e 17 anos respectivamente, com Lucas, seu novo companheiro. Thaís é agressiva, vive em pé de guerra em casa, não aceita o padrasto e tem muito ciúme da irmã caçula, discreta, estudiosa, lindíssima, e sedutora.

Após as ameaças recebidas, Júlia exige que o atual companheiro leve e busque as filhas na escola. Uma semana depois, Clara e Lucas desaparecem.

Na polícia Thaís disse que Clara pediu para Lucas passar antes na casa de uma amiga e, como não queria se atrasar, afirmou que Lucas a deixou primeiro na porta da escola e saiu com Clara. Durante a investigação policial esta versão foi questionada, quando foi descoberto que as duas não entraram na escola como afirmou, e sim, foram para a casa de Rabelinho, um amigo. Os dois usaram drogas e Thaís voltou atrasada para escola. Não encontrando mais o Lucas e nem a irmã, pegou um táxi e foi para casa.

Rabelinho foi interrogado e negou que Clara tenha entrado na sua casa e revelou que Thaís odiava a irmã e que comentara, que iria vingaria de Clara e do Lucas. Thaís confessou que começou a ameaçar a

irmã, assim que Clara descobriu que usava drogas. Planejou tudo para se encontrar com Rabelinho, exigindo que Clara fosse junto com ela até a casa dele, para não levantar suspeita na escola. Deixaria Clara na porta da casa de Rabelinho, e um traficante passaria para abordar a irmã e dar um susto. O delegado encarregado do caso mostrou um filme gravado pela câmera de segurança da rua, em que Clara entra num corsa branco, às 8h20h. Thaís reconhece o carro do traficante e desaba a chorar gritando que não era para matar, somente dar um susto. Thaís fica detida.

O delegado resolve investigar os antecedentes de Lucas e identifica uma vasta ficha criminal. Seu nome verdadeiro é João Colino, com antecedentes de pedofilia, solto por falta de provas suficientes. Voltando a analisar o filme em que Clara consegue identificar o carro e o localiza numa locadora cujo locatário é João Colino.

A inspeção pericial identifica resíduos de sêmen no banco dianteiro do passageiro, cujo exame do material colhido é compatível com o DNA de João, que foi preso após ser localizado em uma cidade praiana no Nordeste.

Júlia, suspeitando de crime de vingança política, desde o início contratou investigação paralela e surpreendeu-se com os resultados. O policial infiltrado descobriu que Rabelinho era dependente químico, com passagem em diversas clínicas de reabilitação e em delegacias por roubo. Rabelinho aproximou Thaís do traficante para tentar saldar suas dívidas, visto que estava ameaçado de morte. Armou com o parceiro todo esquema, enganando Thaís, induzindo-a para que roubasse as joias da mãe, embrulhasse e as deixasse com Clara. O traficante pegaria Clara na porta de sua casa, daria o susto que Thaís tanto desejava e ficaria com as joias.

Lucas, vendo-se na prisão e com inúmeros antecedentes criminais, resolveu “abrir o jogo”. Disse que tinha uma amante e aproveitava o compromisso com as meninas pela manhã para dar suas escapadas. Deixava seu carro escondido e alugava o Corsa para as relações sexuais com a amante, também casada. Clara, descobrindo tudo, co-

meça a chantageá-lo. No dia do desaparecimento, ela ordenou que a pegasse na frente de uma casa e a conduzisse até uma oficina.

Com o endereço da oficina, o investigador localizou o Corsa branco e descobriu que se tratava de clonagem de placa. Conseguiu chegar ao proprietário, o tal traficante de drogas, parceiro do Rabelinho. A polícia, ao arrombar a porta da casa, depara-se com Clara e o traficante, totalmente transtornados por uso de drogas. O casal confirmou que eram namorados há 2 anos e que planejaram tudo, envolvendo Rabelinho. Clara passou as coordenadas do Corsa alugado pelo padrasto, das joias que tinha em casa, a ligação da irmã com Rabelinho, planejando tudo nos mínimos detalhes, a verdadeira mentora do crime.



Fez-se o parto

Elisa Cristina Correia Mota

► CRM-PR 39.633

Medicina de Família e Comunidade

Curitiba - PR

Foi em 2012, ano em que alguns disseram que o mundo iria acabar, que tudo isso começou. Éramos calouros decorando nomes de estruturas do corpo humano e dos quase 50 colegas de classe. Cada um com seu sotaque, biografia e “motivos pelos quais escolheu o curso”. Posteriormente, toda a energia virginal de primeiro ano de faculdade precisou ser redescoberta, quando o que antes era novidade se tornou rotina. Vieram as disciplinas clínicas e cirúrgicas, que integravam os conhecimentos básicos às demandas dos futuros pacientes, aumentando a percepção de que estávamos começando a ser médicos.

Noites em claro, abdição de programas muito mais divertidos do que confrontar textos densos e a inexorável certeza de que o tempo é uma questão de prioridades. Saudades dos amigos, dos livros sem conteúdos direcionados ao curso, das preferências ignoradas para o cumprimento de obrigações acadêmicas. Houve dias em que nos arrastávamos, cheios de sono e questionamentos sobre a importância de determinadas aulas e atividades. Atritos da convivência exacerbados pela tensão de semanas de provas e trabalhos. Apreensão de que o estudo fosse insuficiente para os desafios da vida profissional. Era cedo para reclamar e tarde para desistir.

Surgiu o internato: momento de praticar o que aprendemos durante quatro anos e desenvolver habilidades técnicas e emocionais. Privilegiados por aprender com os livros e seres humanos, não estávamos mais limitados às provas teóricas, assinalando uma alternativa correta: precisávamos desenvolver nossas próprias estratégias e despertar a confiança e a satisfação dos pacientes. O que a faculdade não homogeneizou em quatro anos, e estava latente em cada estudante,

pode ganhar força e compor o estilo profissional que há de caracterizar cada um de nós.

Exercitamos a comunicação de más notícias, vimos os limites da área médica e o quanto precisamos evoluir. Doenças graves nos ensinaram a minimizar nossos problemas e tentar valorizar mais os aspectos da vida, dos quais só temos consciência ao ver que alguém é privado de algum deles. Amadurecemos com isso.

Nos percebemos como futuros trabalhadores de um setor que recebe menos investimentos do que deveria e que lida com a dor, o medo e a fragilidade do ser humano. Condutores dos recém-chegados a este mundo, separando-os do paraíso uterino. Entusiastas do progresso da ciência, da cura e do alívio do sofrimento. O fim da jornada se aproximava a passos lentos, mas irreversíveis: em breve seríamos médicos. Passamos a almejar e temer o fim do curso, pelas responsabilidades que se seguiriam.

Engana-se quem pensa que deixamos de viver nesses seis anos: fomos privilegiados por assistir partos, captações de órgãos, transplantes e o início de uma vida mais feliz ou mais longa depois de uma intervenção. Aprendemos as particularidades orgânicas de todas as fases da vida. Aprendemos com os pacientes e suas histórias e nos sentimos úteis em momentos decisivos. Tocamos o início da vida com as pontas dos dedos na obstetrícia, e vimos escoar das palmas das mãos nas manobras de ressuscitação na sala de emergência. A medicina é uma área tão generosa que lida com constantes inovações e proporciona o acolhimento de todas as pessoas, sem julgamento ou estabelecimento de uma sentença. Lidamos com o que é comum a todo ser humano, independente de sua classe social, orientação sexual, gênero, país de origem, etnia ou nível de instrução. Uma profissão que nos permite conhecer o mundo realizando trabalhos sociais, sem fronteiras. Que vai dos grandes centros de pesquisa e centros cirúrgicos às periferias e campos de refugiados. Nos permite adequar o próprio perfil a uma das várias especialidades existentes, todas diferentes e igualmente importantes.

Que possamos todos nos realizar e nos encontrar fazendo o que considerarmos relevante. Que tenhamos boas histórias para contar. Paramentados como profissionais, despindo-nos de qualquer paradigma ou preconceito: judeus, homossexuais, cadeirantes, pais e mães jovens: somos todos seres humanos. Seres humanos, frágeis e capazes de errar. Capazes também de transpor barreiras e fazer o inimaginável se tornar realidade. Concluídos seis anos de uma gestação de intercorrências e boas surpresas, fez-se o parto dos profissionais. Estaremos sempre ligados aos colegas e professores por tudo o que vivemos. E que possamos sempre nos respeitar e guardar o melhor uns dos outros, pois tudo isso há de se resumir a saudades.



Meditação

Lara Macagnan

CRM-PR 23.248

Clínica Médica

Curitiba - PR

Há 7 anos eu me preparo todas as noites para entrar num portal que tem comunicação direta com o paraíso, aquele lugar onde as cores insistem em cantarolar. A chave que uso para transpor o portal me é oferecida enquanto escuto cada inspiração admirando a perfeita perfeição nos meus filhos ao fazê-los dormir.

E os cheiros vão buscando as fotos guardadas nos álbuns mentais mais protegidos e, enquanto desfruto vendo os olhinhos, sorrisos, dúvidas e medos que esse álbum me mostra, e por fim eles dormem, ah agora sim eu escuto esse sopro de vida num corpinho que, cansado, recorre à sua natureza humana para refazer as pilhas e sequer imagina que eu, ainda tão atarefada, estou ali refazendo a lição de casa, que é amar sem medidas e através da respiração do ser mais amado pego uma grande bolha e vou dar um oi lá no céu e contar que tá tudo pesado aqui e meio confuso, mas agora lembrando de onde eu vim e por que permaneço aqui, já posso, fortalecida, seguir em frente, num mundo meio ao contrário.

Oh, alma minha, OBRIGADA POR ME ENSINAR A MEDITAR ASSIM COM OS MEUS filhos e a agradecer, agradecer, tamanho amor, tesouro, Ágape.

Metástase em primeira pessoa

► Lídia Jagnow Guerra

A TV tenta silenciar o silêncio da dor
O branco tenta camuflar o torpor
Mãos ao alto!
É um assalto
Eu quero sua vida
Vou levá-la aos poucos, sofrida
Cabelos ao chão
Esperanças ao léu
Lenço na mão
Pensamentos no céu



Freepik

Imortalidade

► Wilson da Costa Cidral

Um amigo meu confessou-se intrigado em saber por que Hermann Snellen, oftalmologista holandês inventor em 1862 da Tabela ocular que leva o seu nome, é mais conhecida no mundo do que a Teoria da Relatividade de Einstein, do inventor da lâmpada incandescente Thomas Edison ou da penicilina, Alexander Fleming.

A Tabela Ocular de Snellen, a qual é um dos meios mais comuns de testar a acuidade de distância, é conhecida de todos, até mesmo daqueles que nunca foram a um consultório oftalmológico ou fizeram o teste na escola.

A pessoa se coloca a 6m da tabela e lê tantas letras quanto pode. Se puder ler, corretamente, todas as letras das primeiras oito linhas, sua acuidade de distância é considerada normal, ou 20/20. Se ler mais letras além dessas oito linhas, ela tem acuidade excepcional; caso leia menos de oito linhas, isso pode indicar a necessidade de usar óculos para miopia.

Meu amigo continuou perguntando: – E se alguém inventar um método que, além da miopia, fornecer indícios da presença de hipermetropia, de astigmatismo e de daltonismo?

– De que forma faria isso?

– Compactando a Tabela de Snellen e usando apenas uma letra de cada tamanho para fazer o teste.

– E na hipermetropia?

– Utilizando um texto de letras miudinhas para a leitura a 40 cm de distância ou ícones como um telefone celular, um cachorro, um patinho ou um cavalo, para as crianças que não sabem ler.

- E no astigmatismo?
- Comparando a cor cinza vista no dial astigmático com a preta quando se olha por um furinho denominado estenopeico.

Resumindo, se a visão melhora, quando se mira pelo furinho, o problema existe, e a diferença será mais sentida nos graus mais elevados.

Com o teste de identificação das cores é diferente: o não daltônico vê o número 12 da Tabela de Ishiara e o daltônico não consegue identificar o número 16.

Meu amigo não é oftalmologista e por essa razão recorre sempre ao seu colega de turma, o mais competente profissional que ele conhece, e do qual recebeu a sugestão e a ideia de realizar um censo visual escolar (ou seria melhor *infantil?*) mais abrangente.

As professoras e professores fazem os 4 testes, enviam aos oftalmologistas somente os casos suspeitos de deficiências visuais ou doenças dos olhos, triando e cadastrando de 10 a 15% das crianças em idade escolar, que, segundo o Conselho Brasileiro de Oftalmologia, apresentam problemas de visão que podem influenciar o comportamento e o desempenho escolar; ou seja, cerca de 4,5 milhões de crianças.

Se extrapolarmos esses números para o universo global de crianças com problemas visuais, com certeza, meu amigo e seu colega de turma se tornarão iguais a Hermann Snellen, 156 anos depois.



Primavera

Reginaldo Werneck Lopes

CRM-PR 223

Clínica Médica

Curitiba - PR

Em fins de agosto, quando ameniza o rigor do inverno, como o artista que se apronta atrás do pano para entrar em cena, a Primavera, enquanto aguarda o vir do sol ao próximo equinócio, já ensaia as primeiras cores para marcar presença: ornam-se as copas dos ipês com o amarelo de suas flores, derramadas como lágrimas a alcatifarem o solo.

Em nossas plagas se considera tal evento marcador do fim do inverno, que reluta em destituir-se, marcando teimosa presença nas madrugadas deste mês ou, às vezes mais ousado, se aproveita da localização geográfica para conduzir os ventos antárticos que nos surpreendem, até em pleno estio, com geadas a vestir de branco, do planalto as chapadas rorejadas.

Madrugadas frias, arrebol nascente imaculado, despega-se o sol da linha do horizonte, abandonando lentamente os albores dourados que o cingiam, para iluminar um céu de puro azul, que compete em beleza com o dos jacarandás floridos. Outras frondes multicores, as dos manacás da serra com pétalas rubras e azuladas, de branco salpintadas e as das acácias amarelas disputando todas a indecisa preferência dos que amam o belo.

Qual passe de mágica, a Natureza mais uma vez reinaugura a estação das flores com as primeiras azaléas despontando entre a folhagem verdejante, nos jardins de bem aparadas sebes.

A aridez do inverno que desnudou as árvores, fazendo-as parecerem mortas, pouco a pouco dá lugar ao despontar da vida pelo surgimento de folhagem nova, verde-pálido matizada. Mais algumas semanas, acalentadas pelo sol fulgente ganham tamanho e escurecem o verde.

De cada espécie, diferente flor desponta, corolas diversas cujas cores distribuídas em perfeita simetria convidam abelhas, borboletas, colibris e abelhões ardentes a espargirem de suas anteras o adocicado pólen.

Misteriosamente se transmuda o solo de há bem pouco estéril para berço fértil a abrigar sementes que em futuro próximo serão flores que se tornam frutos, que darão sementes...

Em meio a tal cenário ressurgem a passarada em chilreio alegre, mesclando as vozes de um linguajar secreto a contratar noivados ou planejar seus ninhos.

As lagartas morosas se acomodam em pupas inertes aguardando a metamorfose a formosas imagos, borboletas que libertas dos casulos adejarão sem rumo em volutas incertas até o encontro das corolas méleas.

Esquilos marotos saltitantes e lépidos que no mês de maio escalarão araucárias e desbulharam as pinhas, aguardam agora que os butiás madurem para, jeitosos os apreenderem e, como a rezar, em posição de louva-deus, avidamente os roam até o succulento albume.

Ao cair da tarde um horizonte rubro, agora no poente, lentamente esconde a luz de mais um dia sob um manto de sombras que inauguram a noite. Até a próxima alvorada descansam os atores, enquanto a Natureza, incansável e imperturbável prossegue em misteriosa marcha preparando novidades que oferece ao Homem.

Das nascentes puras borbulham águas cristalinas que se avolumam em rios naturalmente protegidos pelas matas verdejantes que preservam as águas, cuja pureza garante hábitats aos seres que aí vivem em macabro equilíbrio como presas e predadores.

Entre nascente e foz serpenteiam os rios buscando declives que lhes aumentam as forças e levam de roldão porções de terra fértil que se dissolvem no remoinho espiralado da torrente em curso, para fertilizarem mais adiante margens calmas que ladeiam os cursos.

Tal riqueza colossal desenha paisagens de beleza ímpar, onde todos os atores irracionais se comportam segundo leis naturais não escri-

tas, que permitem a manutenção de um equilíbrio eterno, quando os instintos representam o único poder defensivo das presas ante os predadores. Tais idealizadas paisagens não se desenham quando um predador classificado como sapiens entra em cena para auferir vantagens, lucrar e desrespeitar normas. Mas, esqueçamos tais tristezas e voltemos a reverenciar o belo, pois agosto é o mês que prenuncia o ressurgir da vida nos botões que desabrocham em flores para compor paisagem colorida e alegre surgida como obra do misterioso Artista.



Índice Remissivo

Adriana Rodrigues da Silva Utida.....	132	Débora Kureski.....	120
Alexandra Pires Grossi.....	236	Denner Sampaio Neri da Silva.....	184
Alexandre Curi Ferraro.....	76	Deraldo Mancini.....	74
Aluísio Augusto Belmino Gadelha.....	186	Diogo Von Gaevernitz Lima.....	229
Álvaro Baptista Neto.....	196	Edmilson Mario Fabbri.....	133
Amanda Ferreira Rêgo.....	113	Edu Giacomini.....	90
Amanda Quaresma Hoffmann.....	108	Eduardo Alcantara Quidigno.....	92
Ana Flávia Fillus Tinós.....	72	Eduardo Mischiatti.....	220
Ana Larissa Teruko Arimori.....	17	Eduardo Santoro Luiz.....	245
Andréa Vianna Carvalho.....	36	Élio Luiz Mauer.....	225
Ângela Cirlei Grzelczak.....	40	Elisa Cristina Correia Mota.....	255
Anna Gisele Souza Maldonado.....	174	Emerson Schindler Junior.....	244
Anna Paula Bueno Haurani.....	227	Emily Moreira Leal.....	240
Antônio Caetano de Paula.....	182	Fábio Bueno Netto.....	176
Augusto César da Silva.....	208	Fábio Silveira.....	66
Aurélio Marcos Ribeiro.....	160	Fernando Augusto de Oliveira Ganzella.....	211
Aysla Rinaldo.....	138	Georges Kotsifas.....	168
Bruna Fernanda de Castro.....	223	Gilberto Carlos Macedo.....	50
Caio César Silva de Castro.....	18	Gilmar Mereb Chueire Calixto.....	46
Carlos Augusto Sperandio Junior.....	26	Giovanna Daneluz de Brito.....	181
Carlos Frederico Almeida Rodrigues.....	59	Helena Lúcia Zidan Sória.....	198
Carlos Homero Giacomini.....	82	Hernande Leite.....	252
Carlos Magno Guimarães.....	224	Hi Kyung Ann.....	42
Caroline Perez Lessa de Macedo.....	242	Igor Vasques.....	171
Cesar Iria Machado.....	107	Isabelle Luvizott da Silva.....	100
Cláudia Cabral Dettmer.....	152	Jaqueline Doring Rodrigues.....	122
Cláudio Luciano Franck.....	109	Jeanine Berbel.....	85
Cloves Soares de Lima.....	52	Jeferson Puppi Wanderley.....	158
Cristiane Crema da Rocha Schneckenberg.....	202	Jessi Elen Souza Maldonado.....	175
Cyro Jardim.....	99	Jéssica da Silva Longo.....	49
David Esmanhotto.....	159	João Bosco Strozzi.....	117

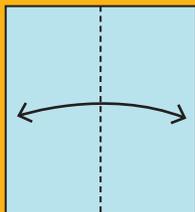
João Carlos Simões.....	29	Matheus Yamasaki Bissoqui.....	204
João Guilherme Bochnia Küster	166	Matias Nicolas Pereira Beiras	207
Jordan Zanetti Silva	19	Mônica Jaques Spinosa.....	125
Jorge Tadashi Daikubara Neto	248	Nelson de Andrade Oliveira.....	97
José de Jesus Lopes Viegas.....	147	Nereu Hugo Pacheco Loures.....	249
José Jacyr Leal Jr.....	38	Olídio Vaz Primo.....	58
José Luiz Pinto Pereira	213	Paola Figueiredo Mylla	
Juliana de Andrade Fronchetti.....	156	Todeschini Alves.....	87
Juliane Nery.....	63	Paola Isabela Jacobowski	246
Junia Smal Staehler.	154	Paulo Fabrício Nogueira Paim.....	21
Laércio Lopes de Araújo.....	194	Paulo Roberto Sbaraini	34
Laoane Guimarães.....	172	Pedro de Souza Lima Abramovic	233
Lara Macagnan	258	Rafaela Sayuri de Oliveira Suzuki.....	57
Larissa de Andrade Lima Barbosa	222	Raquel Lautenschlager	
Laura de Souza Genta	190	Santana Proença	44
Léo Max Feuerschuetze Neto	200	Reginaldo Werneck Lopes	262
Lídia Jagnow Guerra	259	Renata Kozlowski Bekin.....	93
Lincoln Fabrício.....	239	Ribamar Leonildo Maroneze.....	163
Lorena de Freitas Calixto.....	144	Richard Handerson Mendes Duarte..	127
Lorivaldo Minelli.....	134	Roberto Pirajá Moritz de Araújo.....	31
Lucas de Oliveira Bramante	65	Rodrigo Hiromu Kumagai.....	216
Lucas Pereira de Moraes.....	148	Sérgio Augusto Rocca	27
Luiz Antônio da Silva Sá.....	22	Sérgio Luiz Schloegel de Azambuja....	80
Lutfala Farah	69	Sidney Giroto	115
Manoela Mário Martin.....	188	Silvia Yumi Yamamoto Miashiro.....	126
Marcelo Araújo Wilinski.....	218	Simone Jéssica Souza Maldonado.....	180
Márcio Fabiano Chaves Bastos	205	Suelen dos Santos Henrique.....	89
Marco Antonio da Silva	102	Túlio César Xavier Ravelli.....	70
Marco Aurélio de Freitas Rodrigues..	231	Úrsula Bueno do Prado Guirro	77
Marcos Antônio da Silva Cristóvam... 95		Valdir de Paula Furtado	129
Marcus Vinicius Keche Weber	146	Valéria Cristina Scavasini	35
Mariana Cozer Siviero.....	155	Vanessa Santos Canossa.....	121
Mariana Queirós Longo	111	William Amorim de Almeida.....	53
Mariane Corbetta da Silveira	78	Wilma Brunetti.....	187
Marilene Madsen.....	149	Wilson da Costa Cidral	260
Mateus Luz Ruela	140	Yuki Rezende Shibata	105
Matheus Jürgen Riepenhoff.....	61	Zuraida Tiago Neves Pytlowanciv.....	136



Faça seu origami: Marca página de coração

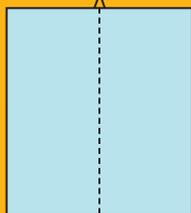
Dobre ao meio a folha.

1



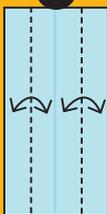
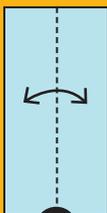
Abra a folha.

2



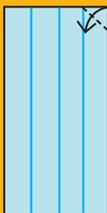
Dobre novamente levando as pontas ao meio

3



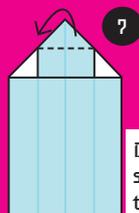
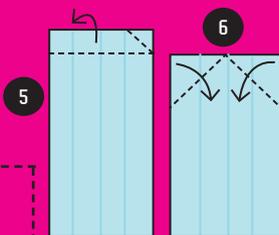
Abra a folha e dobre a ponta superior direita para trás.

4





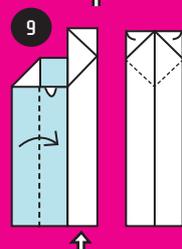
Abra a dobra e use a marcação para delimitar a dobra superior para trás (5).
Após essa dobra, una as novas pontas superiores ao centro (6).



Dobre a ponta superior para trás.



Segure com um dos dedos a ponta de trás e dobre a aba da direita ao centro, e puxe a ponta de baixo para cima.



Repita no lado esquerdo. Esse é o verso do seu marca página.

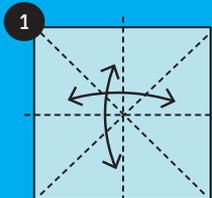


Dobre as pontas superiores para dentro.



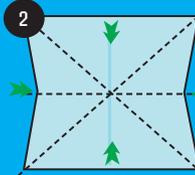


Marca página de cisne



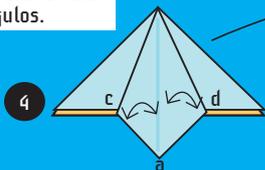
1

Dobre a folha 3 vezes, para formar 8 triângulos.



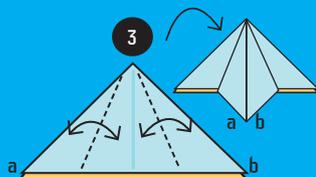
2

Dobre ao meio, e empurre a ponta da direita para dentro formando um triângulo.



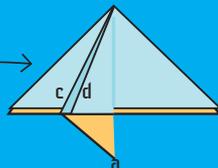
4

Desfaça a dobradura, pegue a ponta **a** e puxe para baixo levando ao centro.



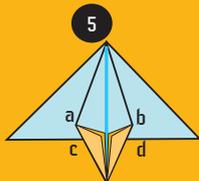
3

Segure a ponta **a** e a empurre para dentro. Faça o mesmo com o lado **b**.

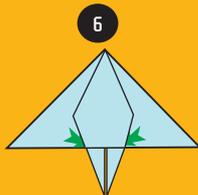


Una a ponta **c** com a **d** de dentro para fora. Repita os passos 3 e 4 no lado **b**.

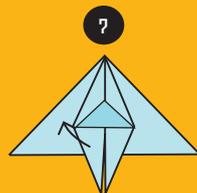




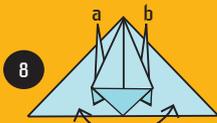
5
Dobre as pontas **a** e **b** para dentro, faça o mesmo com **c** e **d**.



6
Desdobre as marcações do passo 5, pegue a ponta **a** e empurre para dentro. Repita nas pontas **b**, **c** e **d**.



7
Pegue o centro e leve para cima, ajustando até formar uma ponta.



8
Empurre **a** e **b** para cima.



9
Ajuste as pontas na altura que preferir. Dobre uma das pontas para dentro para formar a cabeça.

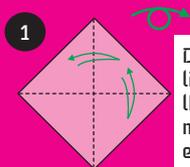




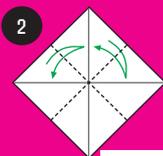
Kusudama jasmim

Segure o papel pela lateral e empurre para dentro, sobrepondo um lado sobre o outro.

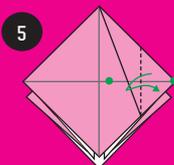
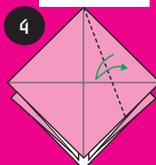
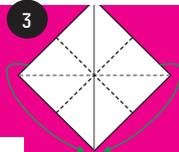
Dobre na linha pontilhada e desdobre.



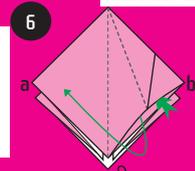
1 Dobre nas linhas pontilhadas para marcar vinco e desdobre. Vire o papel.



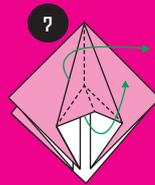
2 Dobre nas linhas pontilhadas e desdobre.



5 Dobre na linha pontilhada ao centro e desdobre.



6 Pegue b ponta leve para o centro



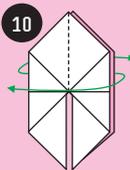
7 Levante a camada da frente da borda superior e depois dobre na linha pontilhada da esquerda para a direita.



8
Repita os passos de 4 a 7 nas três dobras restantes.



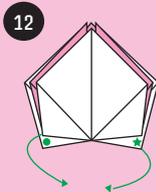
9
Dobre as duas pontas inferiores para cima ultrapassando a ponta superior.



10
Dobre da direita para a esquerda como se virasse a página de livro e repita o passo na parte de trás.



11
Dobre na linha pontilhada a camada da frente e depois repita do outro lado.



12
Segure uma ponta da frente e uma de trás e mova-os algumas vezes na direção das setas. Repita em cada par de cantos para abrir a sua flor.





Sempre apoiamos o desenvolvimento deste concurso literário. Afinal de contas, da mesma maneira que o médico não pode viver somente do seu cotidiano, uma universidade também não pode ser tão sisuda. Dar voz ao pensamento daqueles que ousam brincar com as palavras para trazer a público sentimentos que brotaram do seu íntimo é imensamente gratificante. Mas desta vez a surpresa está no fato de que a obra não ficou finalizada com a impressão do livro. Vai continuar provocando interação de acordo com a visão e a interpretação de cada um, que poderá dar um especial colorido, completando assim a obra de acordo com o seu imaginário.

Dr. José Fernando Macedo
Presidente da UCAMP



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ



AMP
Associação Médica do Paraná



AM-UC
Associação Médica do Paraná - Universidade Cooperativa



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-92804-06-0



9 788592 804060